

Revista Eletrônica DA FILABRAS

ANO 6 / Nº36

NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 2025

Copyright © 2025 FILABRAS. Todos os direitos reservados

FILABRAS

Associação dos
Filatelistas Brasileiros

FILABRAS
Associação dos
Filatelistas Brasileiros
0004/2025

UMA PUBLICAÇÃO DA FILABRAS
ASSOCIAÇÃO DOS FILATELISTAS BRASILEIROS
UM CLUBE NACIONAL, VIRTUAL E VIA INTERNET

SELO DE QUALIDADE



Edição Especial

ENCERRAMENTO DA REVISTA DA FILABRAS

Uma Homenagem a todos os Filabralistas
que contribuíram com o Sucesso desta Publicação

NATAL 2025

Um Abençoado e Feliz Natal

Um Ano Novo Repleto de Saúde
Paz e Realizações



ÍNDICE

Página 3	Editorial <i>Paulo Ananias Silva (Sócio Nº1)</i>
Página 6	Julgando uma Coleção de Maximafilia <i>Agnaldo de Souza Gabriel (Sócio Nº271)</i>
Página 12	Águia Real ou Águia Dourada Vista Através da Maximafilia <i>Américo Lopes Rebelo (Sócio Nº8)</i>
Página 17	Nicolau Copérnico e a Filatelia Mundial: O Selo como Testemunha da Revolução Científica <i>Antonio Eduardo Gonçalves Castro (Sócio Nº1054)</i>
Página 20	Denteação Dupla Nos Selos Brasileiros <i>Agnaldo de Souza Gabriel (Sócio Nº271)</i>
Página 36	Monumento ao Imigrante <i>Roberto Aniche (Sócio Nº23)</i>
Página 40	Fetiche <i>Artur Antonio Azevedo Amorim (Sócio Nº2117)</i>
Página 47	O Verso Diferente das Ararajubas <i>Agnaldo de Souza Gabriel (Sócio Nº271)</i>
Página 50	O Mundo do Fado Visto Através da Filatelia Portuguesa <i>Américo Lopes Rebelo (Sócio Nº8)</i>
Página 78	Emissões Postais Internacionais com Imagens Semelhantes aos Selos Brasileiros <i>Cesar Augusto de Souza Procopio (Sócio Nº432)</i>
Página 110	Carimbos Temáticos do Brasil – Artigo 25: Carimbos Sobre: Cavalos <i>José Evair Soares De Sá (Sócio Nº71)</i>
Página 113	Padre José de Anchieta <i>Marcos Bubach (Sócio Nº459)</i>
Página 116	Entre Selos e Silêncios — A Carta que Atravessou a Guerra <i>Cláudia Razzante (Sócio Nº2136)</i>
Página 122	Frases Filatélicas – 3 <i>José Antonio Bittencourt Ferraz (Sócio Nº954)</i>
Página 125	Selos Personalizados : Merecem Entrar na Sua Coleção? <i>Marcos Antonio de Oliveira (Sócio Nº49)</i>
Página 126	A Terra e Seus Satélites Artificiais <i>Maria Cristina Comunian Ferraz (Sócio Nº1896)</i>
Página 132	Eu Era Assim, Mas Mudei Bastante <i>Peter Meyer (Sócio Nº68)</i>
Página 133	Primórdios do Serviço Postal Aéreo na América do Sul <i>Ulrich Schierz (Sócio Nº870)</i>
Página 140	Convênios para Descontos em Lojas Filatélicas, Nossos Parceiros na Filatelia e Redes Sociais
Página 141	Revista Eletrônica da FILBRAS – Edições Anteriores

Editor e Redator:
Paulo Ananias Silva
Redator, Diagramador e Designer Gráfico:
Niall Murphy

A Revista Eletrônica da FILABRAS é uma publicação da FILABRAS - Associação dos Filatelistas Brasileiros - um clube nacional, virtual e via internet.

Copyright © 2025 FILABRAS. Todos os direitos reservados.

As edições anteriores da Revista Eletrônica da FILABRAS estão disponíveis nos arquivos em <https://filabras.org/public-library-revista-list.aspx>

A Revista Eletrônica da FILABRAS recebeu o Selo de Qualidade da ABF



Fale Conosco: info@filabras.org

EDITORIAL

PAULO ANANIAS SILVA (SÓCIO Nº1)



A Revista Eletrônica da FILABRAS é uma publicação filatélica que foi criada imediatamente após a fundação da FILABRAS, objetivando levar aos filatelistas brasileiros, um periódico bimestral, que trouxesse literatura filatélica técnica, informações sobre nosso hobby, novidades e eventos da filatelia mundial, agregando conhecimento, propagando a filatelia e incentivando novos filatelistas.

Inicialmente a publicação chamava-se Boletim da FILABRAS, porém a partir da edição nº 8, foi renomeada para Revista Eletrônica da FILABRAS, uma sugestão do Associado Nº 384 – Geraldo de Andrade Ribeiro Júnior, argumentando que pela evolução do Boletim da FILABRAS, com um vasto e diversificado conteúdo e formato, passou a ser uma revista. Nossos agradecimentos ao Geraldo, que nos incentivou na renovação e ampliação da revista.

O diferencial de nossa revista é a variedade das matérias publicadas, não se restringindo apenas a artigos técnicos da filatelia, referente a estudos aprofundados, por exemplo, filigranas e variedades, passamos a destacar a importância e a alegria em ser um filatelista, as amizades na comunidade filatélica, que costumo dizer que é a melhor parte da filatelia, tenho uma frase que diz: "Filatelia é Amizade & Cultura", as curiosidades, a valorização dos filatelistas, por exemplo, a coluna "Conversando com nosso associado", uma entrevista contando a história de um Filabralista, a série "Personalidades da Filatelia Brasileira", uma coletânea de textos narrando as histórias e trajetórias de grandes filatelistas, que tem um importante trabalho na filatelia brasileira, crônicas filatélicas, coberturas de eventos filatélicos, e claro, não podendo faltar os artigos e estudos técnicos sobre filatelia.

Outra iniciativa da nossa revista foi incentivar os nossos Associados a começarem a escrever sobre nosso hobby, e todos podem participar, e não ficar restrito aos catedráticos, notáveis e elite da filatelia, aqui qualquer filatelista que queira participar, tem espaço garantido em nossa revista.

A Revista da FILABRAS deu cobertura às nossas exposições virtuais, iniciando com a Filatelia Ananias 2019, que foi a primeira exposição virtual e competitiva na Internet no mundo, criada no início da pandemia da Covid, até a ExpoFILABRAS 2024, que seguem os mesmos princípios de nossa revista, com exposições democráticas e abertas a todos, inclusive crianças, trazendo um enorme prazer aos filatelistas iniciantes e intermediários, dando oportunidade a todos a exporem suas coleções com visualização no mundo todo.



Nossa motivação é outra, queremos proporcionar alegria, prazer em ser um filatelista, participar de uma exposição e uma oportunidade de mostrar sua coleção feita com tanto carinho.

Veja a reportagem na Revista Nº 27: "ExpoFILABRAS 2024 – "A" Exposição", com a participação de um criança das Filipinas, e o orgulho da família pela conquista da pequena filatelista. Click [aqui](#) e leia a matéria.

Informo que encerrou o ciclo de Exposições da FILABRAS, estando hospedadas em nosso site a ExpoFILABRAS 2024, a PWO EXPO 2022 e a FILANANIAS 2021.

Click no banner para ver as exposições:



Em função de nossa revista e das grandes contribuições de nossos Associados, que acabei por idealizar e criar a Academia Brasileira de Filatelia-ABF (<https://filabras.org/public-abf.aspx>), fundada em 01.08.2022, um marco na filatelia nacional, sendo a primeira Academia de Filatelia da América Latina, uma entidade que participa ativamente com grandes contribuições para nossa filatelia.

Em uma pesquisa no Google, veja como a ABF está em destaque:

academias de filatelia na américa latina



Existem várias **academias e federações de filatelia na América Latina**, com destaque para a [Academia Brasileira de Filatelia](#) (FILABRAS) no Brasil.

[ABF - Academia Brasileira de Filatelia - FILABRAS](#)



FILABRAS | Academia Brasileira de Filatelia.



A eleição e votação on line em nosso site do “Selo Mais Bonito do Brasil”, também teve cobertura de nossa revista, com os resultados publicados dos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024. A FILABRAS promoveu a eleição durante 4 anos consecutivos: Veja os resultados no link: <https://filabras.org/smb-anos.aspx>



Informo que também foi encerrado o ciclo do Concurso “O Selos mais Bonito do Brasil”, em função dos Correios paralisarem a emissão dos selos comemorativos. Em 2025 tivemos apenas duas emissões.

Comunico a saída da Diretoria da FILABRAS, do nosso Vice-Presidente e Diretor de TI, Mr. Niall Murphy, que fez um importante trabalho na FILABRAS, com diversas contribuições, cito a criação do nosso site, e todos os aplicativos que ajudam a operacionalizar o Projeto FILABRAS, destaco o Catálogo FILABRAS, nossas Exposições , o concurso “O Selos mais Bonito do Brasil”, e nossa Intranet, que possibilita uma comunicação entre os sócios, com segurança e privacidade.



O Niall também é diagramador e designer gráfico de nossa revista, fazendo as belas capas que ilustram cada edição.

Aqui faço uma justa homenagem e agradecimentos por todo o trabalho e dedicação do grande amigo e irmão Niall, mesmo sendo um estrangeiro, costumo dizer que ele é o irlandês mais brasileiro que conheço, ajudou no Projeto FILABRAS, contribuindo com a renovação da filatelia no Brasil.

O Niall também encerra o seu ciclo na Diretoria da FILABRAS.

Eu tive a honra de receber a visita do Niall em minha casa em Brasília, ele veio para as comemorações do quinto aniversário de fundação da FILABRAS. Veja a matéria na Revista da FILABRAS Nº 32, click [aqui](#) e leia a matéria.

Uma das grandes emoções que a revista da FILABRAS me proporcionou, foi a Condecoração que recebi do Exército Brasileiro, com a Medalha Solar do Andradas, outorgada no CPOR em São Paulo. A homenagem foi em função de uma matéria onde fiz um tributo à FEB e aos Pracinhas, cuja repercussão levou a indicação do meu nome a receber esta grande honraria.

Click na capa da revista para ler os artigos:



Todas as 36 edições da Revista da FILABRAS estão disponíveis na Biblioteca da FILABRAS, onde podem ser lidas e baixadas: <https://filabras.org/public-library-revista-list.aspx>



Por motivos pessoais e operacionais, estamos também encerrando o ciclo da publicação Revista Eletrônica da FILABRAS, sendo esta a última revista, Edição Ano 6/Nº 36 – Nov-Dez/2025, finalizando o ciclo de 6 anos deste periódico.

Nossos agradecimentos a todos os Filabralistas que participaram da revista nesses 6 anos de existência.

Esta Edição Especial é uma homenagem a todos que contribuíram com a Revista Eletrônica da FILABRAS.

Desejo um Feliz e Abençoado Natal a todos os Filatelistas, Filabralistas e Familiares, e um Ano Novo de paz, saúde e grandes realizações.



Concluindo, nossos agradecimentos aos Associados com excelentes artigos nesta edição.

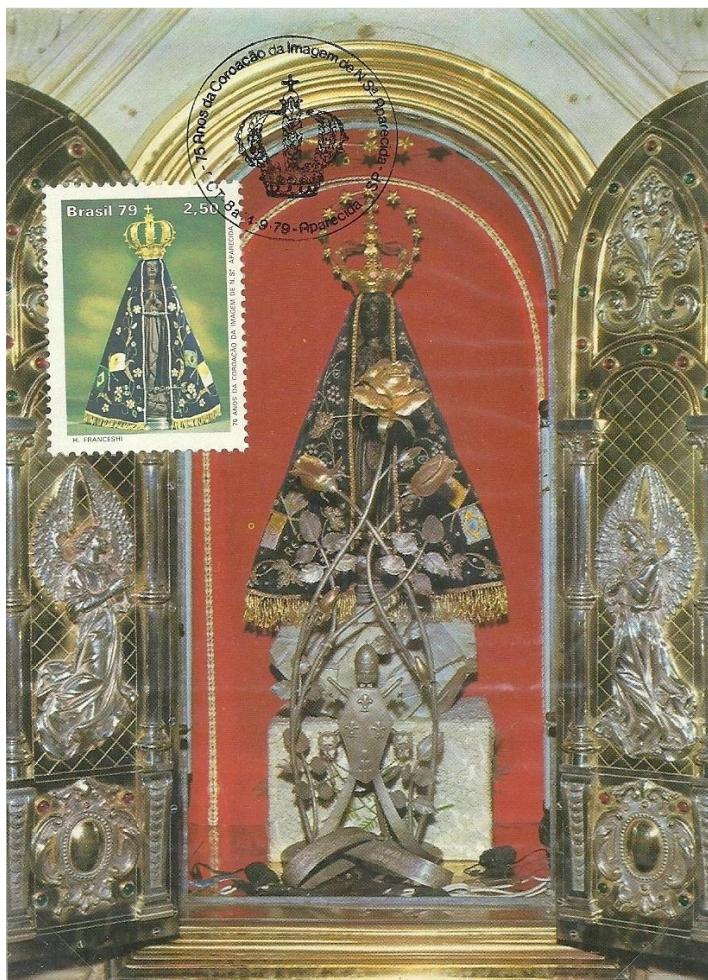
Grande abraço! Fiquem com Deus.

Paulo Ananias Silva
Editor da Revista Eletrônica da FILABRAS

JULGANDO UMA COLEÇÃO DE MAXIMAFILIA

AGNALDO DE SOUZA GABRIEL (SÓCIO Nº271)

Eu fui convidado para participar do Júri da Brapex 2024, para julgar as coleções de Maximafilia e Cartofilia. Infelizmente, não pude comparecer: a data da exposição coincidiu com o feriado de Nossa Senhora Aparecida e neste ano eu estava comemorando meus 25 anos de casado – fiquei noivo na igreja velha de Aparecida/SP e casei-me na igreja Basílica Menor de Aparecida, aqui na minha cidade natal, São José do Rio Preto/SP. E isso não tinha como não comemorar!



Emissão: 08/09/1979 - 75 anos da coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida - **Postal:** Ed. Mercator, E-2681 - **Obliteração comemorativa:** Aparecida/SP - 08 a 14/09/1979.

Então nada mais justo que começar nosso artigo trazendo a imagem de Nossa Senhora Aparecida – que ela estenda a mesma benção que deu para mim e para a Mara, minha esposa, a todos vocês. Dito isso, mesmo não indo na Brapex, fiquei com um pensamento: como eu teria feito o julgamento das coleções? Então, convido vocês, através deste artigo, a me acompanhar julgando uma coleção de Maximafilia (vale lembrar que as avaliações do Júri são feitas em duplas ou grupos maiores, para evitar distorções).

Temos um regulamento a ser seguido?

Sim, temos um regulamento e este deve ser seguido! Trata-se do **Regulamento Especial para Avaliação de Participações de Maximafilia em Exposições FIP (SREV)** e das **Diretrizes (Guidelines)**. É neles que temos a definição do que é um máximo postal e de como devemos julgar uma coleção competitiva na classe de Maximafilia. Os critérios para avaliação de uma coleção da classe Maximafilia são os seguintes:

Tratamento: 20 pontos;

- Importância Filatélica: 10 pontos;
- Conhecimento Filatélico e Relacionado, Estudos Pessoais e Pesquisa: 35 pontos;
- Condição: 10 pontos;
- Raridade: 20 pontos;
- Apresentação: 5 pontos.

Primeiros passos

Para que uma coleção possa ser exposta na classe de Maximaflilia, ela deverá ser **composta exclusivamente de máximos postais**. Se uma coleção apresentar envelopes circulados ou selos isolados, por exemplo, estará em desacordo e poderá ser reclassificada para outra classe da exposição. Então, o primeiro passo é fazer esta verificação prévia se a coleção está de acordo com a classe de Maximaflilia.



Foto da classe de Maximaflilia na exposição Brasiliiana 2013, no Rio de Janeiro/RJ.

Nesta primeira “passada de olhos” na coleção será possível identificar se há peças que se assemelham a máximos postais, mas que não são máximos postais, ou então peças que estão com erros gritantes na composição dos três elementos de um máximo postal. Saltaria aos meus olhos, por exemplo, uma peça com a inscrição “folhinha”, cartões-postais com múltiplas imagens ou então uma peça sem o selo e/ou o carimbo na parte da frente do cartão-postal. Estes casos serão posteriormente anotados na folha de avaliação, dentro das observações, indicando ao expositor que estas peças deverão ser substituídas.

Esta primeira olhada também é útil para termos uma impressão visual das coleções a avaliar, e isso vai servir como guia na avaliação do item **Apresentação**. Uma boa apresentação acaba criando um viés positivo na hora de avaliar a coleção!

A importância da folha inicial da coleção

Agora vamos iniciar a avaliação individual de cada coleção. O primeiro item a observar na coleção é sua folha inicial, pois é ela que vai nos fornecer o **título, o objetivo, o escopo e o plano da coleção** – em resumo, é ela que nos vai dizer o que o expositor pretende e se, ao final da coleção, este atingiu seu objetivo (item **Tratamento**). Também deverão estar na folha inicial a descrição da pesquisa feita pelo expositor e os principais artigos de referência (item **Estudos Pessoais e Pesquisa**).

O plano da coleção é essencial: ele deverá estar amarrado ao título e trazer uma sequência lógica para a coleção. Deve haver, portanto, começo, meio e fim, e não deve deixar a impressão de que “faltou um

capítulo". Particularmente, eu costumo ler a sequência dos capítulos e fazer um exercício de inversão dos mesmos. Se os capítulos podem ser invertidos, pode significar que a coleção ainda pode melhorar!

Outro aspecto importante do plano

é a distribuição dos capítulos da coleção. O plano deve estar bem distribuído nos quadros que compõem a coleção, ou seja, deverá haver um balanço entre o tamanho dos capítulos, evitando capítulos muito curtos ou muito longos.

Já o item **Importância Filatélica** da coleção será avaliado de acordo com a dificuldade de desenvolver o tema proposto, de acordo com o material existente. Quanto mais difícil ou restrito for o tema, melhor.

Conhecimento Filatélico e Relacionado

Já tendo em mente o objetivo e o plano da coleção, agora é hora de fazer a avaliação das peças da coleção. Vale lembrar que, por exemplo, para uma coleção de 5 quadros, com 80 folhas do tamanho A4, teremos 79 folhas com 2 máximos postais cada, com um total de 158 máximos postais!

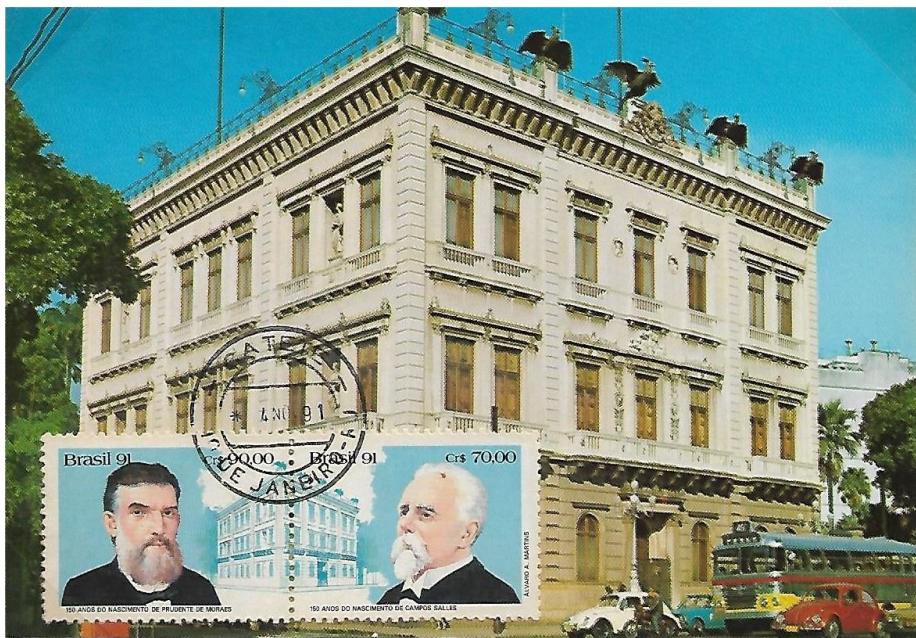
Quanto ao **Conhecimento Relacionado** (temático), este deverá ser demonstrado pelo texto apresentado e pelas peças escolhidas, de acordo com a linha de desenvolvimento da coleção. Já para que possamos avaliar o **Conhecimento Filatélico**, todo máximo postal deverá trazer, pelo menos, as **informações sobre os três elementos que o compõem**: o selo postal, o cartão-postal e o carimbo. Estas informações servirão para validar as concordâncias de local e de tempo do máximo postal, e complementam a validação da concordância visual, que deverá ser claramente identificada na peça. Perceba isso no nosso exemplo a seguir, retratando o Museu de Arte Contemporânea, que fica na cidade de Niterói/RJ: o carimbo é do local onde fica o museu e está dentro do período de uso do selo postal.



Emissão: 18/03/2008 - Obras de Oscar Niemeyer - Museu de Arte Contemporânea, Niterói/RJ - **Postal:** Ed. Colombo
Conventional Card, CPC-115-11A - **Obliteração ilustrada de 1º dia de circulação:** Niterói/RJ - 18/03/2008.

Ainda dentro do Conhecimento Filatélico, considero que demonstrar o conhecimento das regras de exceções previstas é tão importante quanto demonstrar o conhecimento das regras principais do

Regulamento. No exemplo a seguir, temos um se-tenant (aqui como tema secundário do selo), que é uma das possibilidades de termos mais de um selo no máximo postal. Ao incluir peças como esta, o colecionador está demonstrando ter conhecimento do Regulamento.



Emissão: 14/11/1991 - 150 anos do nascimento de Campos Salles e Prudente de Moraes (Palácio do Catete, atual Museu da República), Rio de Janeiro/RJ - **Postal:** Ed. Paraná Cart, 64 - **Obliteração ordinária:** Rio de Janeiro/RJ - 14/11/1991.

Condição

A **Condição** de um máximo postal é avaliada tanto no conjunto quanto em seus elementos de composição (cartão-postal, selo e carimbo). A peça apresentada na coleção deverá estar na melhor condição possível.



Emissão: 18/06/2004 - 250 anos da Igreja Basílica do N. Senhor Bom Jesus do Bonfim, Salvador/BA - **Postal:** Ed. Cromocart, 253 - **Obliteração ilustrada de 1º dia de circulação:** Salvador/BA - 18/06/2004.

Assim, para melhorar a condição das peças expostas, procure **máximos postais que tenham o carimbo legível e aplicado em áreas claras do máximo postal**, como nosso exemplo retratando a igreja Basílica do

Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador/BA. Quanto mais visível for o carimbo, mais fácil será a avaliação do máximo postal.

Evite ao máximo peças que tenham um carimbo suspeito de ter sido adulterado: qualquer tentativa de alterar o carimbo será considerada como uma falsificação!

Raridade

A **Raridade** vai ser avaliada pela raridade de quaisquer dos três elementos de composição do máximo postal, pela dificuldade de se fazer o máximo postal ou pela sua antiguidade.

A antiguidade de máximos postais é determinada da seguinte forma:

- A- antes de 1946, data da primeira publicação da definição de um máximo postal;
- B - de 1946 a 1978;
- C - depois de 1978, data da adoção pela FIP dos Regulamentos de Maximafilia.

Uma coleção balanceada, por exemplo, teria 25% de peças de antiguidade A, 50% de antiguidade B e somente 25% de antiguidade C (máximos postais modernos). Assim, quanto mais máximos postais com antiguidade A tivermos na coleção, melhor será a pontuação neste item.

Na minha opinião, a Raridade é o “calcanhar de Aquiles” das coleções de Maximafilia: são poucas as coleções que conseguem uma pontuação muito alta, justamente pela falta de peças raras. Para melhorar a pontuação, recomendo fortemente recheiar a coleção daquelas peças que eu costumo chamar de “**máximos postais acidentais**”, que são peças circuladas de antiguidade A as quais, sem que o remetente tenha tido a intenção, acabaram resultando em um máximo postal.

A seguir, temos um exemplo de “máximo postal acidental” retratando o morro do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro: trata-se de um bilhete postal (cartão-postal) de 1895 de 40 réis, circulado em 1896 para Munique/Alemanha, com o sobrepreço de 40 réis em selos, perfazendo o valor correto do porte de 80 réis para as correspondências ao exterior. Tanto os selos quanto o bilhete postal trazem o Pão de Açúcar e o carimbo é do Rio de Janeiro (o local onde fica o morro) e está dentro do período de utilização dos selos.



Emissão: 20/09/1894 - Morro do Pão de Açúcar, Rio de Janeiro/RJ - **Postal:** Ed. Casa da Moeda do Brasil (1895) - **Obliteração ordinária:** Rio de Janeiro/RJ - 07/07/1896.

Outro exemplo de raridade é o máximo postal a seguir, retratando o Palácio da Alvorada em Brasília, a capital do Brasil, que foi inaugurada em 21/04/1960. A raridade está na data e local do carimbo:

28/01/1960, em Brasília, estado de Goiás (o “DR GO” do carimbo)! É uma peça de antes da inauguração oficial da capital e da transferência do Distrito Federal do Rio de Janeiro para Brasília, feito com o selo emitido em 1958 da construção de Brasília e com o correto carimbo de Brasília/Goiás. O carimbo de Brasília/Goiás foi utilizado por um curto período de tempo e, em máximos postais, conheço apenas outra peça com este carimbo, mas o carimbo desta outra peça está em más condições.



Emissão: 08/08/1958 - Construção de Brasília: Palácio da Alvorada, Brasília - **Postal:** Ed. Foto Postal Colombo, 107 - **Obliteração ordinária:** Brasília/GO - 28/01/1960.

Pontuações

Nas exposições que pude acompanhar, a maior pontuação que eu vi de uma coleção de Maximafila foi na Lubrapex 2012, no Brasil, e na Lubrapex 2016, em Portugal, com a coleção “As Forças Armadas no Contexto da Guerra e da Paz”, do português José Manuel Ribeiro Marques, com 87 pontos. Já na Brasiliana 2013, a pontuação mais alta foi da coleção do canadense George Constantourakis (então presidente da Comissão de Maximafila da FIP), “History of Maximaphily 1872 - 1940”, com 85 pontos. Eu cheguei a 82 pontos, com a coleção “(Re)Descobrindo o Brasil”, na XII Expo SPP, em 2020.

Considerações finais

Por fim, vale acrescentar que, além do Regulamento da FIP, há uma regra não escrita, mas que é seguida pelos jurados, mesmo que inconscientemente. Trata-se da “regra da vizinhança”: a nota final da sua coleção vai ser comparada com a nota das demais coleções. Assim, as melhores coleções da classe terão as notas mais altas, e as notas das demais vão sendo ajustadas. Isto é feito para evitar distorções. Enfim, como você pode acompanhar, o julgamento de uma coleção expositiva é uma grande responsabilidade!

Referências

1) Federação Internacional de Filatelia (FIP) - SREV e Guidelines de Maximafila, disponíveis em:

<https://www.f-i-p.ch/wp-content/uploads/SREVs-AE-and-MA-new.pdf>

<https://www.f-i-p.ch/wp-content/uploads/FIP-Guidelines-MA-Final-28.8.2019-after-Congress.pdf>

2) Gabriel, Agnaldo de Souza - Primavera Filabras - Maximafila: Curso Completo, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=3mG-6Uh5cQc>

3) Foto e máximos postais do acervo do autor.

ÁGUA REAL OU ÁGUA DOURADA VISTA ATRAVÉS DA MAXIMAFILIA

AMÉRICO LOPES REBELO (SÓCIO Nº8)

Ordem: Ciconiformes

Família: Acciptridae

Espécie: *Aquila chrysaetos*

A águia-real ou águia-dourada (*Aquila chrysaetos*), é uma ave de rapina diurna que se encontra na Europa, Ásia, América do Norte, nas montanhas dos Alpes e da Escandinávia. É considerada uma das maiores águias terrestres do hemisfério norte, com cerca de 2,3 m de envergadura, possuindo uma plumagem castanho-escura com penas amareladas na nuca.

É uma espécie que se encontra em vias de extinção, estando protegida legalmente em vários países. A época de reprodução varia de acordo com a zona geográfica, mas normalmente inicia-se nos princípios de Janeiro e termina nos fins de Setembro. O ninho é construído à base de ramos, raízes e ervas nas zonas altas e rochosas ou em árvores, tendo um diâmetro de 2 a 3 metros. Fazem uma postura por ano, pondo em média 2 a 4 ovos, brancos com manchas castanhas, e a incubação tem uma duração de 34 a 36 dias e é feita sempre pela fêmea.

Em Portugal encontra-se nos vales do Douro, Aguda, Sabor, Goa, Guadiana, Douro Nacional, Tejo, e nas serras do Alvão e Gerês.

O seu habitat é essencialmente nas terras altas e montanhosas e, em superfícies rochosas onde nidifica, sendo a sua alimentação à base de pequenos mamíferos e diversas aves.

Alguns dos fatores que contribuem para que esta espécie se encontre em vias de extinção, são a caça ilegal, a eliminação de presas por alteração do habitat natural, o envenenamento por [mercúrio](#) e, a presença humana durante a época da criação, pois quando isso acontece a fêmea abandona o ninho durante o período da incubação.

SIMBOLOGIA DA ÁGUA

A simbologia da Águia é a “*Força da Grandeza, da Bravura, da Protecção da Magnificência e do Poder Real*”. Razão pela qual, desde a antiguidade até aos nossos dias, a Águia está presente das mais e variadas formas e, em todas as partes do Mundo desde em bandeiras, brasões, clubes desportivos, bem como, sobre notas, moedas, medalhas, marcas de tabaco etc.

Dentro da Maçonaria, os usos dos símbolos da humanidade têm como objetivo ilustrar e transmitir os seus ensinamentos e, dentro desses símbolos, existe o da Águia que significa “*a habilidade dos seus condutores quanto ao manejo da Arte do uso para mostrar o caminho justo, recto ao seu obreiro.*”

Graças à sua valentia, coragem e vaidade o Padre António Vieira, classificou a águia como a rainha dos céus, dizendo num dos seus sermões a seguinte frase:

“.....ao homem, rei do mundo, ao leão, rei dos animais à águia, a rainha dos céus “

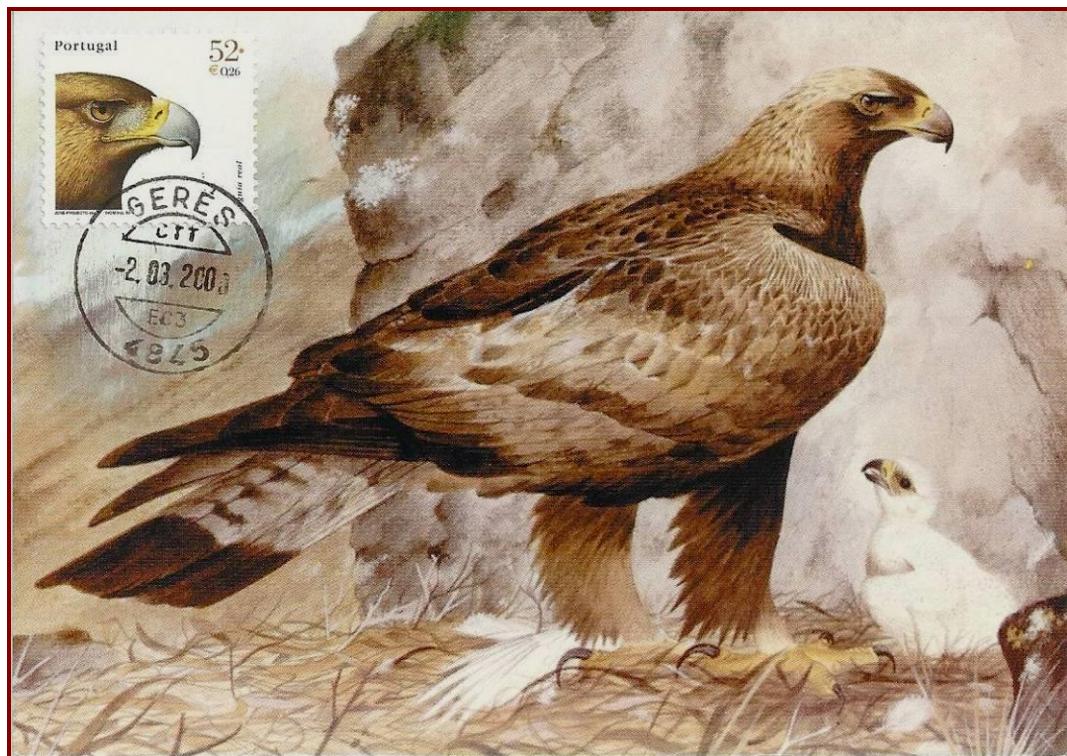


Águia-real ou Águia-dourada (*Aquila chrysaetos*) – Postal Máximo

Emissão: 1990 - Fauna Protegida da União Soviética

Obliteração: Carimbo Comemorativo do 1º Dia da emissão – 4.05.1990

Edição: M. Hhhcteepctbo – Cbr 3H – Cccp – 1990.



Águia-real ou Águia-dourada (*Aquila chrysaetos*) – Postal Máximo

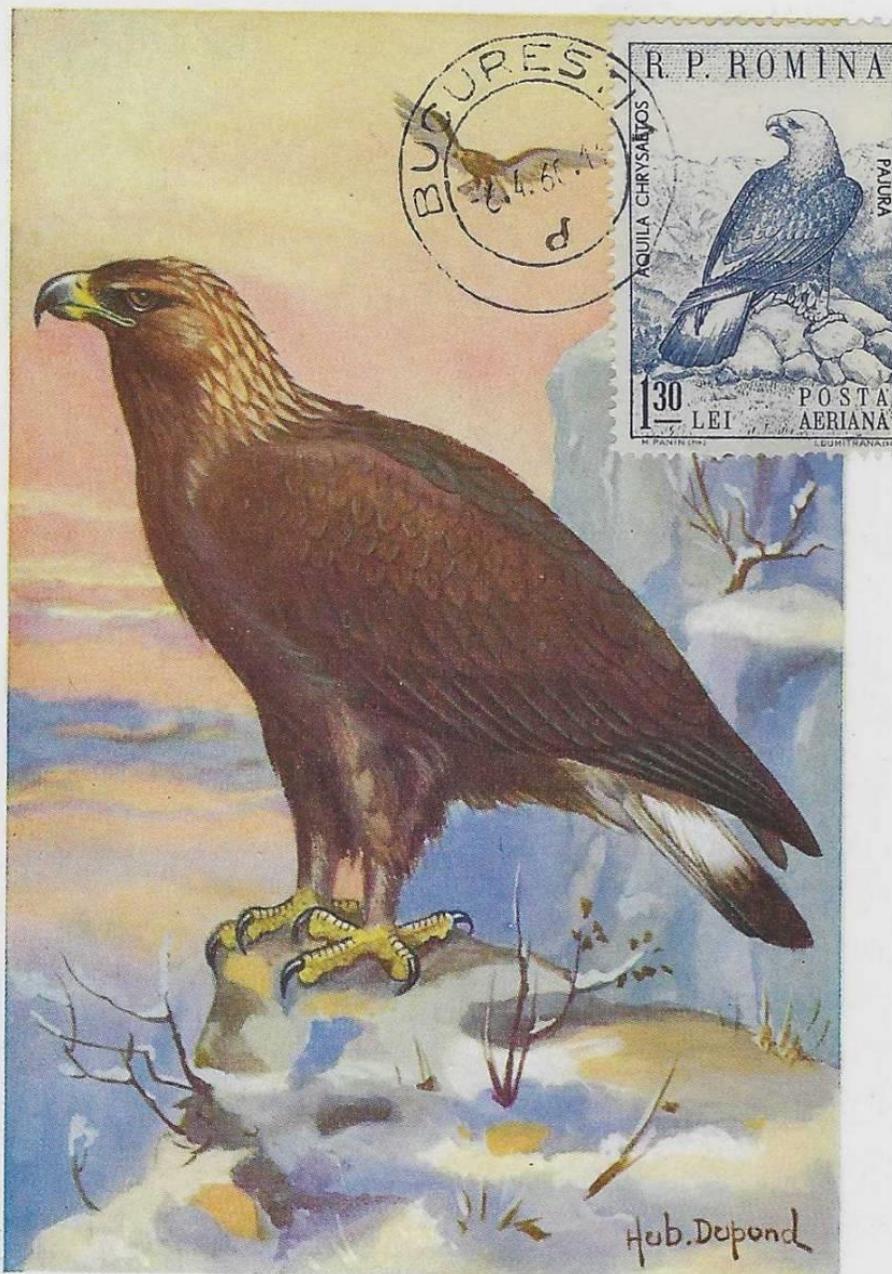
Emissão: 2000 - Aves de Portugal – Emissão Base (1º Grupo)

Selo com dupla taxa (€ 0.26 – 52\$00)

Obliteração: Marca do dia dos CTT do Gerês – 2.03.2000

Edição: Edições Século XXI.

INSTITUT ROYAL DES SCIENCES NATURELLES DE BELGIQUE
KONINKLIJK BELGISCH INSTITUUT VOOR NATUURWETENSCHAPPEN



121. - *Aquila chrysaëtus chrysaëtus* (L.) $\frac{1}{10}$
Aigle royal — Steenarend

Águia-real ou Águia-dourada (*Aquila chrysaetos*) – Postal Máximo

Emissão: 20.12.1968 – Protected Animals (Roménia) Obliteração: Marca do dia

Poliana Tapului - Prahova 8.09.79

Edição: 20 – Buc Diferite. 21 – C.P.C.S



Águia-real ou Águia-dourada (*Aquila chrysaetos*) – Postal Máximo Triplo

Emissão: 7.10.2020 - Red Data Book of Ukrania Birds of Prey (Ucrânia)

Obliteração: Carimbo comemorativo do

1^a dia da emissão – 7010.2020

Edição: AT Ykpnwta - Refº 147871 – *Aquila chrysaetos*

BIBLIOGRAFIA:

- Aves de Rapina – *Guia Prático* – Editora Nobel – São Paulo – Brasil – 1999
- Brás, Rui Pedro e Monteiro, Pedro – *O Ninho da Águia* – Rui Editora Prime Books – 1º Edição – Julho 2005
- Caetano, Paulo – *Águias de Bonelli em Portugal* – Editora Má-criação - 1ª Edição 200.
- Diversas revistas Pardela – *Revistas da Sociedade Portuguesa para o estudo das aves*
- Guia de Aves – *Editora Assírio & Alvim* - Lisboa – Outubro 2003
- Guia de Campo das Aves de Portugal e da Europa – *Editora Temas e Debate* – 1ª Edição Junho 1996
- Grande Enciclopédia Animal – *Civilização Editores* – Porto – 2002
- Harrison, Colin – Greensmith, Alan - *Segredos da Natureza* – Aves do Mundo Bertrand Editora – 1996
- Rito, José Antunes - *Testemunhos da Vida Selvagem* – Alentejo - Aves de Rapina

Américo Rebelo



NICOLAU COPÉRNICO E A FILATELIA MUNDIAL: O SELO COMO TESTEMUNHA DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

ANTONIO EDUARDO GONÇALVES CASTRO (SÓCIO Nº1054)

Nicolau Copérnico, o astrônomo que ousou desafiar o milenar modelo geocêntrico e propôs a visão **heliocêntrica** do universo, com sua obra seminal *De revolutionibus orbium coelestium* (Sobre as revoluções das esferas celestes), é uma das figuras mais celebradas na história da ciência. Essa importância monumental de sua revolução no pensamento humano, que realocou a Terra do centro do cosmos para um mero planeta orbitando o Sol, é amplamente reconhecida e imortalizada por um veículo surpreendente de cultura material e divulgação: o **selo postal mundial**.



Fonte: acervo pessoal Yt PL 709



Fonte: acervo pessoal, Mi PL 2264



Fonte: acervo pessoal, Yt MV 460

- 1973: O Quinto Centenário de Nascimento:** Este ano marcou um pico de emissões dedicadas a Copérnico por diversas administrações postais, incluindo o **Brasil**. O selo comemorativo e o bloco postal brasileiro de 1973 são exemplos claros de como um país celebra uma figura científica de calibre internacional, reforçando a importância da astronomia e da ciência.



Fonte: acervo pessoal, RHM 797

- **Aniversários de Publicação e Morte:** Outras nações também o homenageiam em relação aos marcos de sua vida e obra, representando a universalidade de sua contribuição.

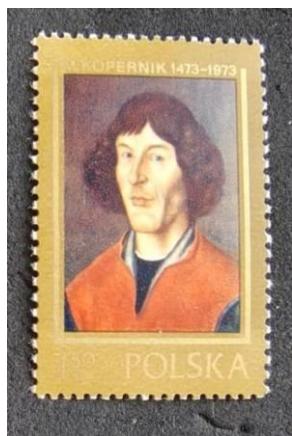


Fonte: acervo pessoal, Yt DD 1525

Imagens e Simbolismo no Selo Postal

Nos selos dedicados a Copérnico, a **cultura visual** da ciência é exibida de forma concisa e simbólica. Frequentemente, esses selos apresentam:

1. **O Retrato do Astrônomo:** A face de Copérnico serve como a personificação da razão e da ousadia científica.



Fonte: acervo pessoal, Yt PL 2077



Fonte: acervo pessoal, Yt MN 667

2. **O Modelo Heliocêntrico:** Diagramas do Sol no centro, cercado pelos planetas, são a representação gráfica imediata da **Revolução Copernicana**, tornando o conceito científico compreensível em uma pequena área.



Fonte: acervo pessoal, Yt HU 2289

3. **Instrumentos Astronômicos:** Imagens de astrolábios, quadrantes ou outros instrumentos da época evocam o trabalho prático e as observações que sustentaram sua teoria.



Fonte: acervo pessoal Yt PL 709

Considerações Finais

A filatelia, ao representar Copérnico, atua em múltiplas dimensões: é uma **homenagem cultural** a um dos pais da ciência moderna, um **documento histórico** que demarca celebrações e uma **ferramenta de divulgação** que, ao circular em correspondências, transforma-se em um mini-museu itinerante da história da astronomia. A filatelia mundial, ao eternizar Copérnico, garante que sua revolução continue a ser lembrada e celebrada por colecionadores e pelo público em geral.

Referências:

<https://COLNECT.com/br/stamps/list/country/>

KRAUS, Paul. *Copernicus and the Scientific Revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

WIKIPEDIA, Nicolau Copérnico, disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki>

Denteação Dupla Nos Selos Brasileiros

AGNALDO DE SOUZA GABRIEL (Sócio Nº271)

Denteação ou perfuração: refere-se à forma como os selos são separados um dos outros em uma folha ou bloco. E, quando há mais de uma perfuração, feita de forma accidental, pode ocorrer o que chamamos de denteação dupla.

Porém, para que possamos entender como ocorre este acidente de perfuração, precisamos entender primeiramente quais são os principais métodos de denteação e também quais são as principais anomalias e acidentes que podem ocorrer neste processo.

Os principais métodos de denteação são os seguintes:

- denteação em linha (*line perf*);
- denteação em pente (*comb perf*); e
- denteação em caixa (*harrow perf*).

Já quanto às principais anomalias e acidentes de denteação (variedades ou curiosidades), podemos citar as seguintes situações:

- falta de denteação total;
- falta de denteação parcial;
- denteação deslocada na horizontal, na vertical ou em ambos os sentidos; e
- denteação dupla.

A seguir, mostraremos um pouco mais sobre cada um dos métodos de denteação, as diferenças entre eles e os principais acidentes de denteação, com destaque para a denteação dupla.

Denteação em linha

A denteação em linha é feita uma linha por vez. Depois, repete-se o processo para cada coluna. Assim, o processo acaba fazendo a perfuração de cada um dos lados do selo em 4 batidas diferentes. As características deste tipo de denteação são os cantos irregulares, especialmente onde as linhas de perfuração se encontram – os furos nos cantos tendem a não ser perfeitamente alinhados. Este tipo de perfuração é característico dos primeiros selos e dos selos mais antigos, até o início do século XX.

A seguir, temos um selo da série Alegorias Republicanas, de 1906, retratando o Marechal Floriano Peixoto.



Fig. 1: exemplo de denteação em linha, com a perfuração desalinhada nos cantos.

Outra característica deste período é que podemos ter selos, dentro de uma mesma folha, com diferenças de tamanhos: selos mais altos, baixos, gordos ou magros, devido à variação entre a distância das batidas.

Denteação em pente

A denteação em pente é feita em grupos de linhas e colunas adjacentes, em forma de pente. Assim, se a base do pente é a linha superior, a perfuração do pente irá fazer também as duas laterais, ficando apenas a linha inferior sem a perfuração – esta última será feita na próxima batida do pente. Da mesma forma, se a base do pente for uma das colunas laterais, a perfuração em pente irá fazer também as linhas superior e inferior. Desta forma, os cantos dos selos são mais uniformes e bem definidos e as perfurações se alinham perfeitamente nas bordas.

Este método é bem mais preciso do que a denteação em linha, mas menos do que a denteação em caixa. Seu uso característico foi a partir de meados do século passado e é o método utilizado na maioria dos selos brasileiros.

A seguir, temos um exemplo de denteação em caixa, em um selo de 1977, em homenagem ao Meio Ambiente, onde o pente se deslocou no momento de fazer uma das perfurações. A perfuração, neste exemplo, tem como base da pente a coluna da esquerda, e a batida do pente na coluna intermediária ficou deslocada para a direita, ocasionando o deslocamento em conjunto de todas as linhas dos 5 selos desta coluna. Na próxima batida, o pente já estava na posição correta novamente.



Fig. 2: exemplo de denteação em pente, com deslocamento acidental do pente na coluna intermediária (imagem reduzida).

Outra característica marcante deste tipo de denteação é a presença de muitos dentes no final da folha ou em uma de suas margens laterais, pois é necessário a batida do pente para fazer a denteação da última fileira.

Denteação em caixa

A denteação em caixa é um processo mais moderno. Nele todos os selos são perfurados de uma única vez, em uma única etapa. Os cantos dos selos são perfeitamente alinhados e simétricos, sendo as perfurações uniformes em toda a folha. É a denteação característica dos blocos e dos selos mais modernos.

As folhas dos selos com denteação em caixa costumam não ter os dentes no final ou nas margens laterais das folhas, visto que estes não são mais necessários.

A seguir, temos um exemplo de denteação em caixa, utilizado no bloco de 1988, em homenagem às pesquisas científicas na Antártica.

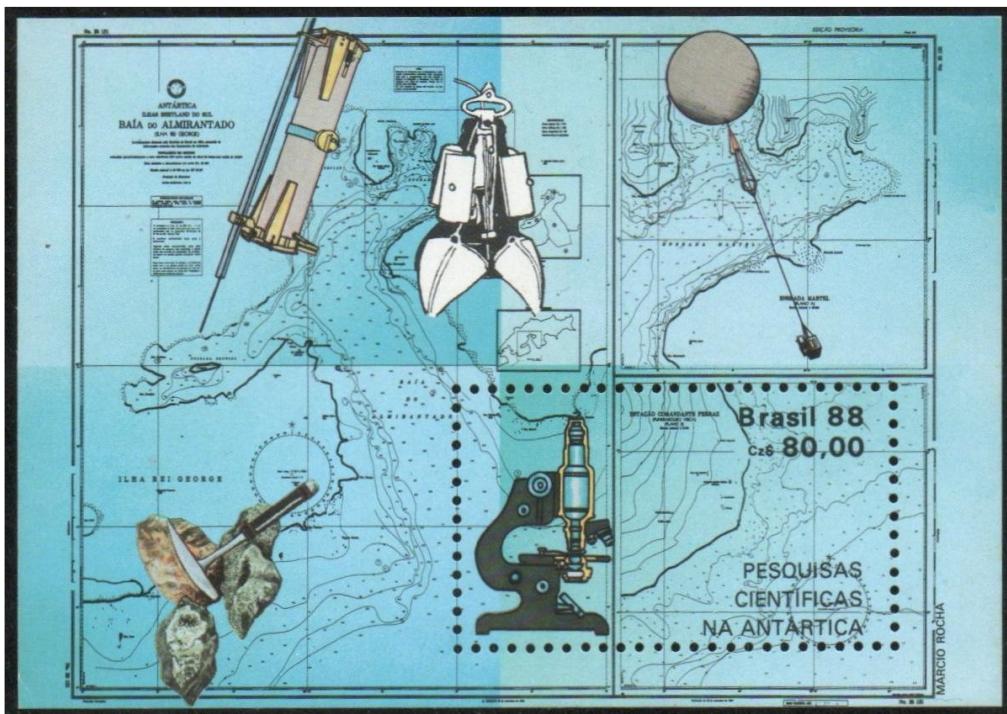


Fig. 3: exemplo de denteação em caixa.

Principais características e diferenças entre os três tipos de denteação

A seguir, temos uma tabela comparativa com as principais características e diferenças entre os três principais tipos de denteação. Característica	Denteação em linha	Denteação em pente	Denteação em caixa
<i>Precisão</i>	menos precisa	bem precisa	muito precisa
<i>Cantos dos selos</i>	irregulares	uniformes	perfeitamente alinhados
<i>Eficiência</i>	lenta (uma linha por vez)	rápida (por linha combinada)	muito rápida (toda a picotagem é feita de uma só vez)
<i>Uso típico</i>	selos antigos	selos em geral	blocos e selos modernos
<i>Como identificar</i>	verifique os cantos desalinhados e perfurações que não se encontram perfeitamente	cantos bem feitos, mas pode haver pequenas variações entre as linhas; dentes excedentes em uma das margens da folha	perfurações perfeitas em todas as direções, sem desalinhamentos

Falta de denteação total

A falta de denteação total é a ausência total de denteação, em todos os 4 lados do selo, em um selo que deveria ser originalmente denteado. Ela pode ocorrer em todos os tipos de denteação.

Nas folhas com denteação por pente, pode ocorrer também, por exemplo, de termos uma parte da folha denteada e outra parte, não.

Os selos sem denteação costumam ser colecionados em pares ou quadras, pois assim é possível verificar visualmente a ausência da denteação entre os selos – no caso do selo isolado, não teríamos como fazer esta verificação, ou seja, se o selo originalmente não tinha a denteação ou se esta foi removida de forma fraudulenta.

Nos exemplos a seguir, temos selos sem denteação, de 1939, em homenagem aos Arcos da Lapa; de 1967, da série Antigos Presidentes do Brasil, retratando Washington Luiz; e de 1972, de 5 centavos, da série Cifras.



Fig. 4: exemplo de ausência total de denteação, em um selo comemorativo.



Fig. 5: exemplo de ausência total de denteação, em um selo ordinário



Fig. 6: exemplo de ausência total de denteação, em um selo ordinário, com a margem superior da folha.

No exemplo a seguir, temos um caso de ausência de denteação, da denteação em caixa. É o mesmo bloco que utilizamos no terceiro exemplo, de 1988, em homenagem às pesquisas científicas na Antártica, mas desta vez sem denteação.

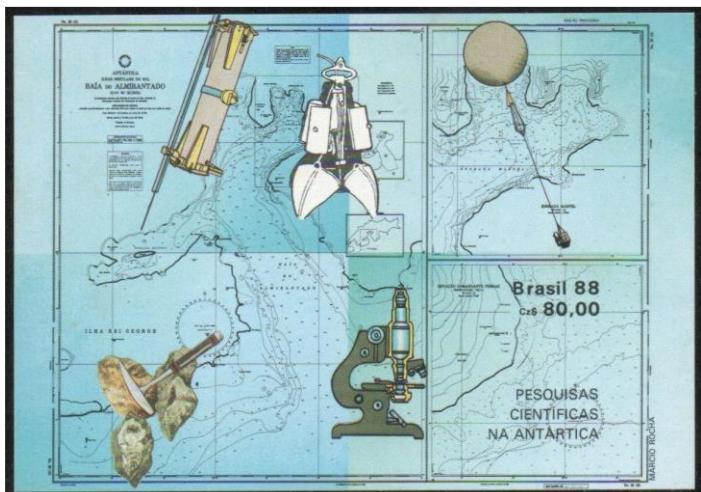


Fig. 7: exemplo de ausência total de denteação, quando deveria haver a denteação em caixa.

Falta de denteação parcial

A falta de denteação parcial acontece principalmente nos selos com denteação em linha, onde o operador se “esqueceu” de fazer uma das batidas da denteação. Assim, ela pode ocorrer em qualquer um dos 4 lados do selo, ou até mesmo, em mais de um lado.

Outra possibilidade para a falta de denteação parcial, mais comum no caso dos selos com denteação em pente, é a falta da última batida do pente – assim o selo fica, por exemplo, sem a denteação inferior e com a margem da folha.

Já nos selos com denteação em caixa, a falta de denteação parcial é muito rara. Neste caso, por exemplo, teria que haver o uso de uma caixa inadequada para o processo de picotagem desejado. Por exemplo, um bloco com 3 selos no qual foi utilizada uma caixa para apenas 2 selos, ficando um dos selos sem a denteação.

Denteação deslocada na horizontal, na vertical ou em ambos os sentidos

O deslocamento de denteação pode acontecer em todos os processos de denteação. O deslocamento pode ocorrer na horizontal, na vertical ou em ambos os sentidos.

No nosso exemplo a seguir, temos novamente os selos de 1967, da série Antigos Presidentes do Brasil, retratando Washington Luiz; e de 1972, de 5 centavos, da série Cifras, com denteação deslocada na vertical e depois, os mesmos selos, só que com a denteação deslocada na horizontal.



Fig. 8: exemplo de denteação deslocada na vertical.



Fig. 9: exemplo de denteação deslocada na horizontal.



Fig. 10: exemplo de denteação deslocada na vertical.



Fig. 11: exemplo de denteação deslocada na horizontal.

A denteação em ambos os sentidos também ocorre, embora em menor frequência. No exemplo a seguir, temos outro selo de 1972, de 20 centavos, da série Cifras, com deslocamento simultaneamente na horizontal e na vertical. Neste exemplo, de um canto de folha, temos 5 possibilidades de selos “diferentes” – somente os dois primeiros selos são iguais entre si.



Fig. 12: exemplo de denteação deslocada simultaneamente na horizontal e na vertical.

Nos exemplos a seguir, temos deslocamentos em selos comemorativos e aéreos, com selos de 1968, em homenagem ao Centenário do Colégio São Luiz; de 1960, em homenagem aos 500 anos da morte do Infante Dom Henrique; e de 1961, em homenagem à inauguração da Usina Hidrelétrica de Três Marias. Nos dois últimos exemplos, devido ao deslocamento, temos uma parte do texto da folha dentro da área do selo.



Fig. 13: exemplo de denteação deslocada simultaneamente na horizontal e na vertical, com parte dos selos ficando fora da área de picotagem.



Fig. 14: exemplo de denteação deslocada na horizontal, com parte do texto inferior da folha ficando na área do selo.



Fig. 15: exemplo de denteação deslocada na horizontal, com parte do texto superior da folha ficando na área do selo.

Nos exemplos a seguir, temos deslocamentos de denteação em caixa, num selo de 2023, em homenagem a Lígia Fagundes Teles; e num bloco de 1976, em homenagem à 1000^a agência do Banco do Brasil. Os deslocamentos de denteação em caixa são bem mais incomuns.



Fig. 16: exemplo de denteação deslocada numa denteação em caixa (imagem reduzida).



Fig. 17: exemplo de denteação deslocada numa denteação em caixa:
o selo, que seria originalmente no centro, ficou à direita.

Denteação dupla

A denteação dupla ocorre quando o picote é feito duas ou mais vezes e pode ocorrer em quaisquer um dos diferentes métodos de denteação.

No caso da denteação em linha, pelo menos uma das batidas de perfuração deverá ter sido feita mais de uma vez para termos a denteação dupla. No exemplo a seguir, temos um selo de 1939, da série Pró-Juventude, retratando os três Reis Magos, com a denteação dupla na vertical, entre os selos da quadra.



Fig. 18: exemplo de denteação dupla na denteação em linha.

No caso da denteação dupla em denteação em pente, teremos três lados com a denteação em duplicidade. Nestes casos, a denteação dupla pode ocorrer também nas margens da folha.

Nos exemplos a seguir, temos dois selos de 1945, da série em homenagem à FEB (Força Expedicionária Brasileira), nos valores de 40 centavos e 5 cruzeiros. Perceba que, além da denteação dupla vertical, também as linhas à esquerda estão com denteação dupla.



Fig. 19: exemplo de denteação dupla na margem da folha, na denteação em pente.



Fig. 20: exemplo de denteação dupla na margem da folha, na denteação em pente.

Nos exemplos a seguir, temos o mesmo selo, de 1949, em homenagem aos 200 anos de Ouro Fino, com denteação dupla, sendo no primeiro na margem esquerda e, no segundo, na margem direita.



Fig. 21: exemplo de denteação dupla na margem esquerda da folha, na denteação em pente.



Fig. 22: exemplo de denteação dupla na margem direita da folha, na denteação em pente.

Nos dois exemplos a seguir, a denteação dupla ocorreu no meio da folha, ou seja, o pente foi batido duas vezes no mesmo selo, ficando assim uma fileira (ou coluna) com selos tendo a denteação dupla. Nos exemplos, temos dois selos de 1977, sendo o primeiro em homenagem aos 50 anos do Raid Jahu e o segundo em homenagem aos 150 anos da criação do Ensino Primário.



Fig. 23: exemplo de denteação dupla na denteação em pente (imagem reduzida):
o pente foi batido de baixo para cima



Fig. 24: exemplo de denteação dupla na denteação em pente:
o pente foi batido da esquerda para a direita.

Nos próximos dois exemplos, temos casos em que a denteação foi duplicada de forma desalinhada, pegando apenas uma fileira (ou coluna) de selos.

No primeiro exemplo temos um selo de 2003, em homenagem aos 100 anos do Grêmio de Football Porto-Alegrense, com denteação dupla apenas na última coluna.



Fig. 25: exemplo de denteação dupla na denteação em pente:
denteação dupla apenas na última coluna

Já no segundo exemplo, temos um selo de 2004, em homenagem à igreja Basílica de Nossa Senhor do Bonfim, em Salvador/BA, com denteação dupla apenas na primeira fileira. Neste caso, temos não apenas uma, mas duas batidas adicionais do pente!



Fig. 26: exemplo de denteação dupla na denteação em pente:
denteação dupla apenas na primeira fileira.

Os casos de denteação dupla na denteação em caixa são bem mais raros. Na maioria das vezes, iremos encontrá-la nos blocos, como são os nossos próximos cinco exemplos.

Nos exemplos temos os blocos com denteação dupla de 1976, em homenagem à 1000^a agência do Banco do Brasil; de 1973, em homenagem a Nicolau Copérnico; de 1980, em homenagem à exposição filatélica Brapex IV; de 1984, em homenagem aos 80 anos da FIFA; e, por último, de 1988, em homenagem às pesquisas científicas na Antártica.

Importante: para a maioria dos casos de denteação dupla em blocos procure, sempre que possível, devido ao valor da peça, comprar peças com certificado de autenticidade.



Fig. 27: exemplo de denteação dupla em denteação em caixa:
a denteação adicional ficou à esquerda do selo, formando dois selos.

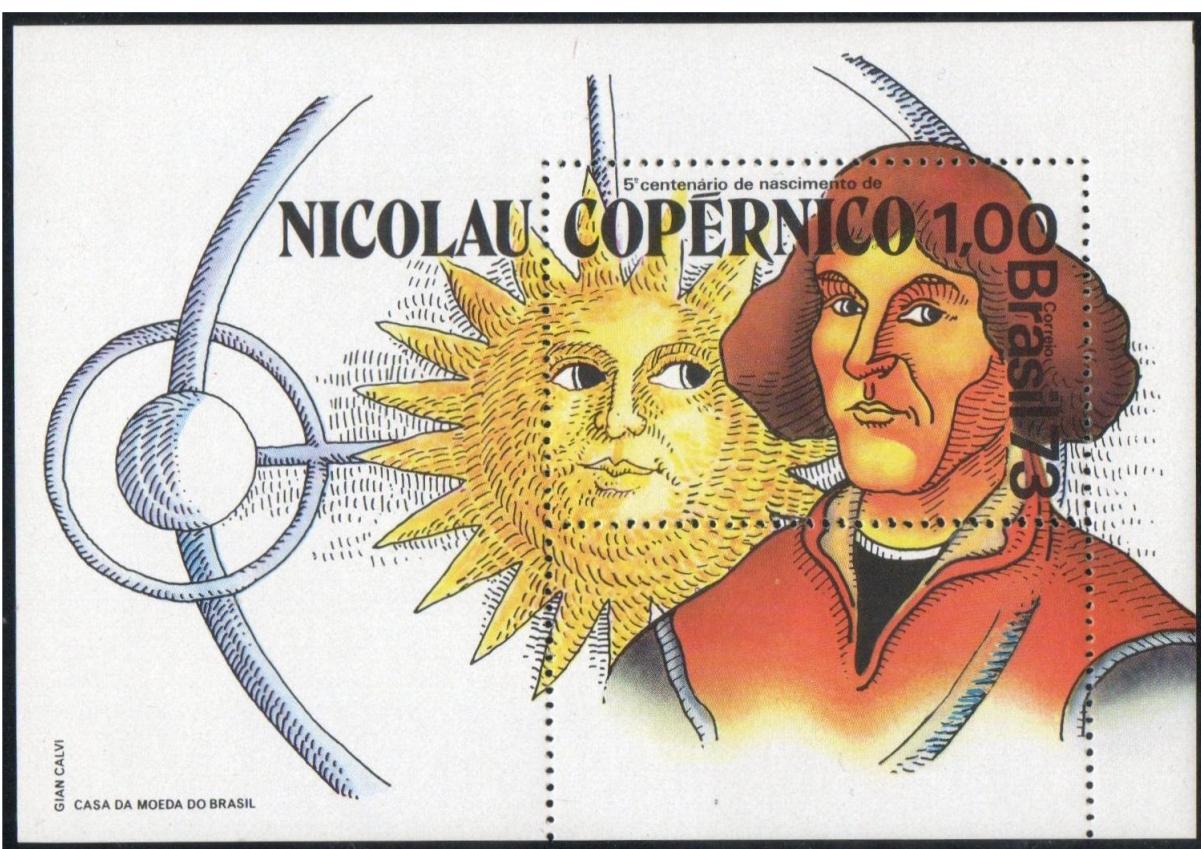


Fig. 28: exemplo de denteação dupla em denteação em caixa:
a denteação adicional ficou abaixo do selo, formando dois selos.

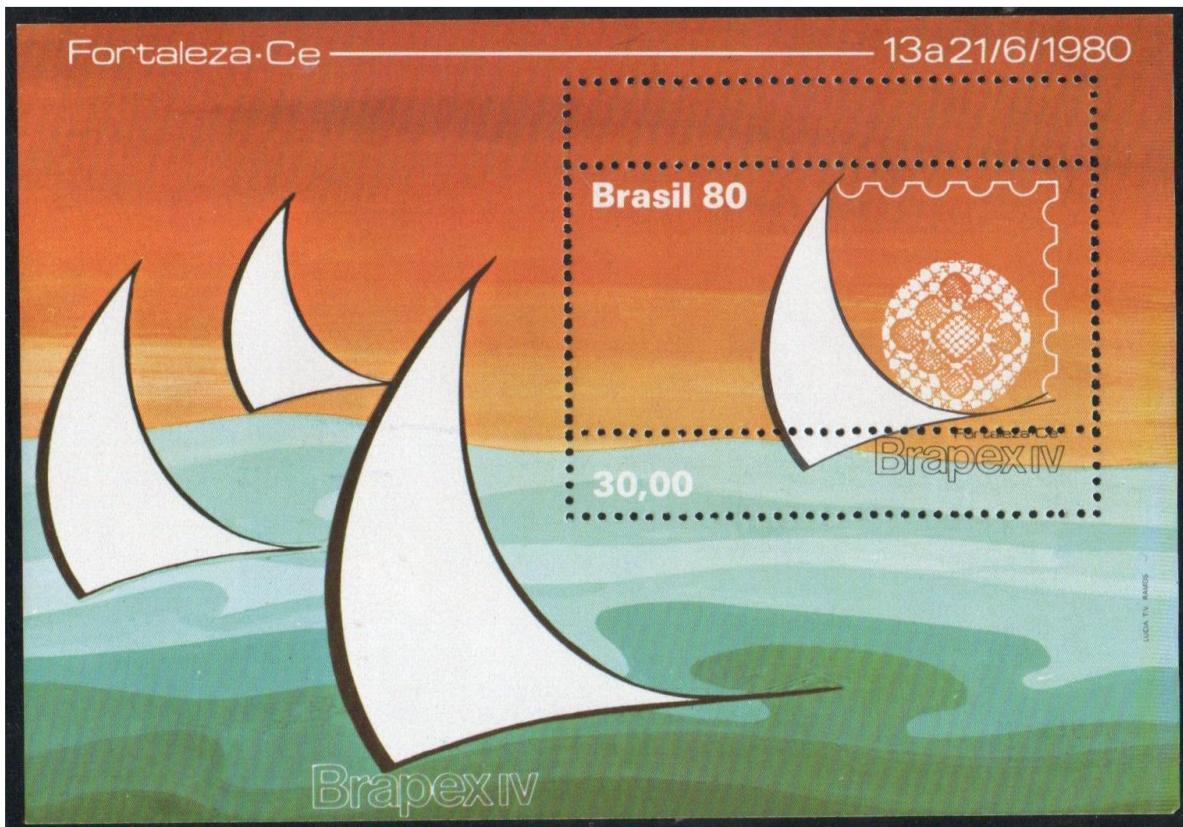


Fig. 29: exemplo de denteação dupla em denteação em caixa:
a denteação adicional ficou um pouco acima do selo, formando três selos.



Fig. 30: exemplo de denteação dupla em denteação em caixa:
a denteação adicional ficou um pouco à esquerda do selo, formando três selos.

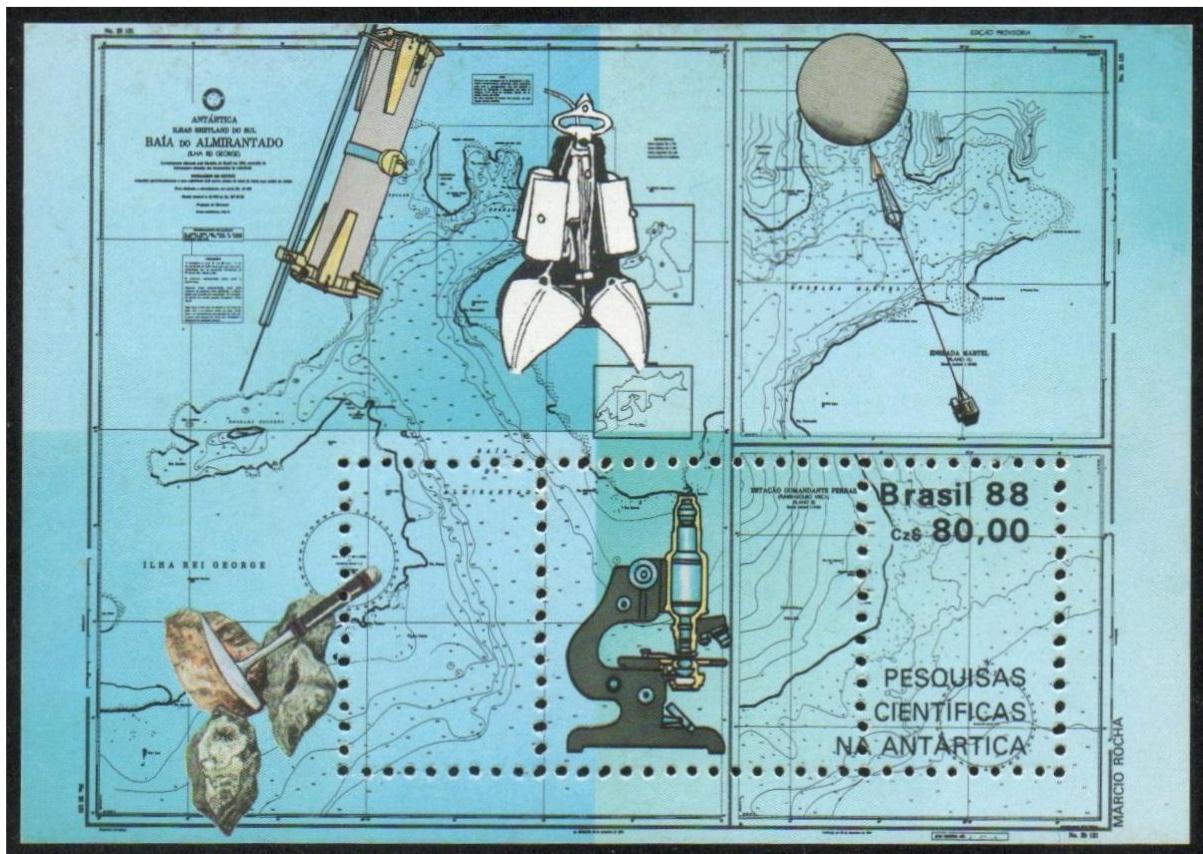


Fig. 31: exemplo de denteação dupla em denteação em caixa:
a denteação adicional ficou um pouco à esquerda do selo, formando três selos.

Considerações finais

Como podemos ver, ao conhecer os diferentes processos de denteação, podemos melhor identificar as principais anomalias e acidentes que acontecem durante a denteação. Espero que agora vocês vejam estas peças com outros olhos!

Porém, vale destacar que, apesar de serem os mais comuns, os acidentes que vimos anteriormente não são os únicos: temos também outros casos, como por exemplo, denteações na transversal, denteações com orelhas (devido à dobra do papel) e até mesmo a utilização de pente de selos ordinários em selos comemorativos, causando a divisão do selo em dois!

Entretanto, há ainda um longo caminho pela frente. No caso das denteações parciais, por exemplo, existem vários casos não mostrados aqui, tanto na denteação por linha quanto na denteação por pente. Faltam estudos sobre estes, bem como sobre as denteações deslocadas, o que acaba inviabilizando uma estimativa mais apurada do preço destas peças. Fica então, já lançado o nosso próximo desafio!

Referências

- 1) Hartz Selos & Philatelia, Meios de perfuração dos selos, 2020 - disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=zvmUQMM_EWQ
- 2) Meyer, Peter, Catálogo de Selos do Brasil, Ed. RHM Ltda., 61ª edição, São Paulo/SP, 2019;
- 3) Meyer, Peter, Catálogo de Selos do Brasil, Ed. RHM Ltda., 62ª edição, volumes 1C a 3C, São Paulo/SP, 2023-2024;
- 4) Todas as peças são do acervo do autor.

Monumento ao Imigrante

ROBERTO ANICHE (Sócio Nº23)

HISTÓRICO

O Brasil, quer por sua imensidão territorial e variedades no clima, quer pela necessidade de ocupação de sua área polarizou, nos séculos passados (e ainda polariza) a entrada de estrangeiros. Tanto pelo estímulo governamental como por iniciativa própria o país recebeu e recebe milhares de imigrantes, tanto daqueles que querem “fazer a vida” no Brasil como daqueles que fogem da fome ou perseguição política.



O presidente Éurico Gaspar Dutra lançou a pedra fundamental deste monumento em 28 de fevereiro de 1950. Em 2 de janeiro de 1953, através da Lei 1801 o presidente Getúlio Vargas autorizou a construção de um monumento em Caxias do Sul para homenagear os imigrantes que contribuíram para a formação do nosso país. Com dotação de Cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros) foi erigido sobre a Estrada Federal Rio-Porto Alegre, na entrada daquela cidade.



Inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas em 28 de fevereiro de 1954., com projeto do artista plástico Antônio Caringe, teve como responsável pelas obras Silvio Toigo acompanhado pelo mestre canteiro José Zambom. Os trabalhos de fundição da escultura em bronze e das portas foram executados pela Metalúrgica Abramo Eberle.

A princípio o monumento seria para homenagear os imigrantes italianos em Caxias do Sul, mas posteriormente foi dedicado a todos os imigrantes que aqui vieram com suas famílias para trabalhar e contribuir para a colonização em nosso território.

O MONUMENTO



“O bloco estrutural que compõe o Monumento, pleno de simbolismos, tem no casal de imigrantes seu ponto central, fundidos em bronze, representam o espírito, sentimentos e ideais daqueles que oriundos de terras distantes, superaram as dificuldades e construíram uma nova pátria”

Com 250 m² de área, localizada abaixo do grupo escultórico, a cripta tem as paredes de mármore, doado pelo governo italiano. A porta de entrada, em bronze, contém os versos de Cassiano Ricardo, emoldurada pela representação de um agente de imigração recebendo uma família de colonizadores.

Afixados no obelisco – que mede 20,96 metros de altura – estão três baixos-relevos alegóricos: o primeiro enfoca a chegada dos imigrantes, o do meio representa sua vitória pelo trabalho e o superior sua integração ao espírito da pátria. Na porta de bronze que dá acesso ao interior do obelisco, foi gravado o texto de lei que considera o monumento imigrante “Monumento Nacional”.

<https://gcpstorage.caxias.rs.gov.br/documents/2022/11/0aa8432e-a7b4-4e33-a783-cb64aed62600.pdf>

O OBELISCO



O obelisco, de base quadrangular e forma piramidal tem cerca de 21 metros de altura com 3 relevos que representam:

- o primeiro a chegada dos imigrantes italianos em Caxias do Sul em 1875
- o segundo a vitória pelo trabalho e
- o terceiro, a sua integração com o espírito da Pátria, de baixo para cima.

Com cerca 250m² de área, localizada abaixo do grupo escultórico, a cripta tem as paredes de mármore doado pelo governo italiano, através do presidente da Itália, Giovani Gronchi.



Na porta central, que dá entrada ao interior da cripta estão gravados parte dos versos do poeta Cassiano Ricardo, Exortação:

Ó Louro imigrante

Que trazes a enxada ao ombro...

Sobe comigo a este píncaro

E olha a manhã brasileira

Que nasce, por dentro da serra,

Como um punhado de côres

Jogado da terra!

O meu país

É todo um rútilo tesouro

Nas tuas mãos,

E a semente que aqui plantares

Será de ouro

No chão de esmeralda.

E terá, sobre o solo bravo,

Aberto em flor,

A sensação a graça, de um descobridor!".



EXORTAÇÃO
POESIA COMPLETA

Ó louro imigrante
Que trazes a enxada ao ombro
E, nos remendos da roupa,
O mapa de todas as pátrias.
Sobe comigo a este píncaro
E olha a manhã brasileira,
Lá, dentro da serra,
Nascida da própria terra.
Homens filhos do Sol (os índios)
Homens filhos do mar (os lusos)
Homens filhos da noite (os pretos)
Aqui vieram sofrer, sonhar.
Naquele palmar tristonho que vês ao longe
Os profetas da liberdade
Anteciparam o meu sonho.
Mais longe, o sertão imortal:
Foi onde o conquistador
Fundou o país da esperança.
Naquele rio aguadouro
Ainda mora a mulher verde
Olhos de ouro.
Naquela serra azulada
Nasce Iracema,
A virgem dos lábios de mel.
Lá, mais ao fulgor do trópico,
O cearense indomável
Segura o Sol pelas crinas no chão revel.
Ao sul, na paisagem escampa,
O gaúcho vigia a fronteira
Montado em seu corcel.
O gaúcho que vê, ao nascer,
A verde bandeira da pátria
Estendida no pampa.
Ó irmão louro,
Toma agora a tua enxada
E planta a semente de ouro
Na terra da esmeralda.
E terás, no chão em flor,
A nova emoção do descobridor.

Cassiano Ricardo Leite (1895 — 1974) jornalista, poeta e ensaísta, representante do modernismo de tendências nacionalistas. esteve associado aos grupos Verde-Amarelo e da Anta, tendo sua obra se transformado até o final, evoluindo formalmente de acordo com as novas tendências dos anos de 1950 e tendo participação no movimento da poesia concreta.



Pertenceu às Academias Paulista e Brasileira de Letras.

Bibliografia:

<https://www.facebook.com/463166697114062/photos/a.463166697114062/691315224299207/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Cassiano_Ricardo#cite_note-UOL - Educa%C3%A7%C3%A3o-1

<https://fatimamanfredini.blogspot.com/2011/09/monumento-nacional-ao-imigrante-e.html>

<https://gcpstorage.caxias.rs.gov.br/documents/2022/11/0aa8432e-a7b4-4e33-a783-cb64aed62600.pdf>

<http://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=exortacao>

Catálogo RHM 59ª edição, 2016

Catálogo da Filabrés em www.filabras.org

Índice de Imagens:

1 – Brasil, Selo RHM C-233, presidente Eurico Gaspar Dutra

2 – Brasil, Selo RHM C-154, do bloco B-5, Getúlio Vargas

3 – Brasil, Selo RHM C-336, inauguração do Monumento do Imigrante em Caxias do Sul

4 – MÁXIMO POSTAL, do acervo do autor

5 – Imagem do auto relevo do Obelisco do Monumento

6 – Carimbo Zioni Z-399

7 – Fotografia de Cassiano Ricardo



Dr. Roberto Aniche Médico Ortopedista

Sócio da FILABRAS

Sócio da SPP Soc.Philatélica Paulista

Membro da Sobrames Soc.Bras.Médicos Escritores Titular da Academia Brasileira de Filatelia

www.robertoaniche.com.br robertoaniche@yahoo.com.br



Fetiche

ARTUR ANTONIO AZEVEDO AMORIM (SÓCIO Nº2117)

Não sou psicólogo para saber definir com maior precisão o termo fetiche. No entanto, arrisco dizer que se trata de um desejo compulsivo e apaixonado por alguém ou por um objeto qualquer. Se eu estou certo, posso dizer que conheço várias histórias de pessoas que vão ainda mais além, desenvolvem verdadeiras paixões obsessivas, e isso a ponto de se tornarem escravas ou transformarem sua própria realidade por conta desses desejos. Manias, modas e comportamentos fetichizados são pratos cheios para a espiral da pós-modernidade, gerando nichos de mercado feitos sob medida para consumidores obcecados.

Não sou crítico de comportamentos apaixonados. Acredito que fazem parte da natureza humana e expressam nossa necessidade de reverenciar algo. Penso que o ser humano segue esse instinto em várias graduações e que, no transcorrer da vida, acaba se libertando de muitos desses fetiches em um processo de desapego que avança na medida em que as prioridades da vida vão se alterando. Mas, há exceções e alguns fetiches persistem. Até mesmo o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), tinha suas manias; uma delas era colecionar estátuas egípcias. A questão que coloco é sobre limites, sobre até que ponto o desejo não pode se tornar apego ou mesmo doença.

Afinal, quem nunca foi colecionador de alguma coisa? O problema surge quando a coleção domina o colecionador, podendo até provocar transtornos psicológicos como no caso dos acumuladores. Pessoalmente, sempre coleccionei algo. Muito cedo, vivi minha compulsão infantil por colecionar figurinhas de chicletes. Mas, uma vez completada a coleção, ela acabava relegada ao esquecimento em algum canto do armário ou gaveta. Depois foram tampinhas de refrigerante, cujo destino foi o mesmo.

O tempo caminha e as manias mudam. Quando comecei a dar aulas, pedia sempre para os alunos guardarem seus maços de cartões telefônicos – algo que a geração milênio nem desconfia o que seja. Depois, em época de Copa do Mundo, eram as figurinhas com escudos dos times, estádios e jogadores. Mas tudo muda com o tempo e, hoje, é muito raro ver garotos colecionando o que quer que seja. O prazer que minha geração extraía das figurinhas e tampinhas hoje foi transferido para os games e celulares, o remédio duvidoso para o tédio infantojuvenil.

Em minha época de juventude, a função das coleções era a mesma, isto é, combater o tédio. Hoje, já não há muito mais o que colecionar. Os chicletes não vêm mais com figurinhas; tampinhas, álbuns e cartões de telefone desapareceram. Pena! Algumas das velhas coleções eram mais instrutivas do que os novos hábitos de postar selfies nas redes sociais.

Nesse sentido, um dos hábitos mais enriquecedores sempre foi a filatelia. Cada selo traz em um simples pedacinho de papel e nas marcas feitas sobre ele um pouco de sua época. Confesso que a única coisa que não deixei de colecionar desde criança foram os selos. Mas esse fetiche oscilou muito.

Esporadicamente ainda compro alguma coisa. Quando era criança, a fonte de selos eram as cartas recebidas em casa. Eram poucos os garotos que colecionavam selos e as trocas eram raras. Só na adolescência descobri que era possível comprar selos em lojas especializadas e, graças a isso, a coleção se expandiu. No entanto, a diversidade era tal que fui concentrando a coleção em determinados temas e, hoje, busco somente selos que têm algum significado histórico mais relevante.

Quando fiz um curso de paleografia em Mogi das Cruzes, em 1993, fiquei encantado com a cor das tintas dos documentos. Somente era possível ter aquele tipo de efeito usando canetas-tinteiro. Começava a surgir ali um outro fetiche. Comprei uma Parker Vector quando recebi meu primeiro salário de professor.



Selos alemães da década de 1920.

Fonte: Acervo do autor.



General Eisenhower faz o "V" da vitória com duas Parker 51.

Fonte: <https://www.brisbanetimes.com.au/ftimages/2008/05/06/1209839624948.html>, consultado em 24/10/2020.



General Alfred Jodl assinando a rendição com uma Parker 51 Fonte:
https://twitter.com/UN_Command/status/1125989056645554176/photo/2 consultado em 24/10/2020.



Tampinhas de refrigerante com imagens relativas à Copa do Mundo 1978.

Fonte: <http://botoesparasempre.blogspot.com/2011/04/foto-historica-memoria-futebol-de-botao.html>, consultado em 24/10/2020.



Figurinhas chiclete Ploc dos anos de 1970. Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-977625793-49-figurinhas-chiclete-ploc-supersonic-anos-70-sem-repetir-_JM, consultado em 24/10/2020.

Ao usá-la, notei que o efeito na escrita era exatamente o desejado. Mas meu interesse pelas canetas não era de colecionador e sim funcional, eu buscava o prazer de escrever com aquele tipo de caneta.

A febre por colecionar esses objetos veio muito depois, quando comecei a observar que havia canetas históricas como as Parker 51 e 21. Com a Parker 51, por exemplo, foi assinada a rendição dos alemães em 1945 e Getulio Vargas assinou sua carta-testamento com o mesmo modelo de caneta. Com paciência, procurei e comprei os dois modelos. Até hoje, apesar de seu valor simbólico e histórico, minhas canetas estão sempre em minhas mãos com a finalidade de escrever – esse hábito quase estranho em nossos dias.

Depois de muito tempo catalogando telefones no Museu, não pude ficar imune a outro fetiche e comprei um Ericsson Baquelite. Tempos depois, ressuscitei uma máquina fotográfica Flexaret que era de meu pai que nunca a usou. Na época ainda era possível achar filmes 120 mm.

Outro fetiche quando criança era a fixação por ganhar uma medalha ou troféu por qualquer coisa de que participasse. E sempre me volta à lembrança a frustração do colega que teve o troféu da Revolução Constitucionalista surrupiado pelo diretor da escola.

A grata – e única – satisfação de ganhar uma medalha somente tive quando disputei o campeonato de futsal na escola em 1984. Aquela conquista teve um gosto muito especial, uma coisa que só comprehende quem participa de competições esportivas. Foi uma bênção da deusa Nike.

Pensando hoje sobre aquela disputa, é como se o destino quisesse mesmo me abençoar com a vitória. Eu sequer estava inscrito no campeonato; a regra era participar da “quadrilha” da festa junina para poder jogar. Mas, naquele ano, eu havia decidido não participar.

O destino quis e eu acabei entrando no campeonato no dia em que um garoto da 5ª série faltou, eu pedi para substituí-lo e o professor autorizou.

O time era um misto de pirralhos da 5ª e da 6ª séries e um único da 8ª série. Com a minha entrada, seriam dois da 8ª. O time era muito fraco, mas de zebra em zebra, foi ganhando os jogos. Chegamos invictos à final e, pelas regras, poderíamos até perder uma partida. No primeiro tempo do primeiro jogo da final sofremos uma pressão enorme do adversário e, no intervalo, para aumentar ainda mais nossa expectativa, o professor comentou que já tinha comprado as medalhas para o campeão e o vice.

Quando soubemos que iríamos ganhar medalhas mesmo perdendo a final, relaxamos e tivemos a tranquilidade que faltava para jogar. No final do tempo normal, a partida acabou em empate e a decisão foi para os pênaltis. Mas, apesar da raça, nosso time foi derrotado.

No segundo jogo a equipe estava mais tranquila, mas eu parecia estar com o demônio no corpo. Fiz um gol incrível; até hoje me lembro e mal acredito no que aconteceu. Outro, perdido, morreu no travessão. No final, ganhamos o jogo e o campeonato. Na memória, carrego até hoje um sabor de vitória que, para mim, não fica nada a dever a uma conquista olímpica.

Confesso que, revendo essas lembranças, percebo como deve ser difícil para a maioria das pessoas compreender o valor que aquilo teve – e ainda tem – para mim. A medalha conquistada era uma coisa bem singela, mas seu significado simbólico àquela altura da minha juventude foi imenso. Quantos dias, manhãs e tardes eu havia passado na velha Escola Municipal? Quantas emoções e pensamentos de infância foram vivenciados ali? Hoje, nossa antiga escola e – é claro – a quadra de esportes são parte do salão paroquial da Igreja Matriz. Mas, na memória, ainda sou capaz de reviver minha grande vitória esportiva, como se tudo ainda fosse como naquele tempo.

Ainda sobre a questão do fetiche esportivo, também há o glamour que atribuímos a meros objetos. Isso me remete ao momento em que estive frente a frente com um dos ícones mais cobiçados do esporte.

Em 2007 uma colega professora de educação física estava oferecendo lições de futebol a seus alunos. Para fazer um paralelo na minha disciplina, ela pediu que eu trabalhasse a história do futebol com as crianças. Concordei com ela, mas não fiz exatamente o que me pediu.

Era outubro e estava ocorrendo o terceiro evento mais visto do planeta, a copa do Mundo de Rúgbi, o irmão do futebol. Não deixei de falar sobre a história do futebol, mas contei aos alunos quando os dois irmãos se separaram e exibi vídeos de alguns jogos para instruir melhor os que desconheciam o esporte. Eles ficaram admirados com aquela modalidade.

Em 2008 assisti a um jogo da seleção brasileira de rúgbi para as eliminatórias da copa de 2011 em São José dos Campos. O Brasil ganhou a partida, mas não foi longe na competição.

Na escola onde eu trabalho, houve um período em que o filme “Invictus” (2009) era exibido com frequência para os alunos. O enredo tratava da vida de Nelson Mandela e o contexto de fundo do filme era a copa do mundo de rúgbi na África do Sul em 1995. No final do filme há uma cena marcante para mim onde se pode ver toda a beleza da taça de prata banhada a ouro, a famosa “Webb Ellis”.

Em 2012 o Brasil jogaria novamente as eliminatórias em São Paulo e na presença de um visitante especial: a própria taça “Webb Ellis”. A IRB (*International Rugby Board*) estava promovendo aquele esporte pelo mundo e, por isso, a taça estaria presente em alguns jogos das eliminatórias.



O autor ao lado da Taça Webb Ellis.



Medalha conquistada pelo autor como campeão de futsal na Escola Municipal de Poá em 1984.



Aspecto atual da quadra esportiva da antiga Escola Municipal de Poá, hoje convertida em salão paroquial.

À esquerda se vê parte da velha arquibancada.

Fonte: Acervo do autor.

Não pensei duas vezes e fui ao estádio do Nacional, no bairro da Água Branca, onde o jogo se realizaria, para contemplar a taça nem que fosse de longe. Para minha surpresa, ela estava em exposição e o público poderia tirar fotos diante dela. Não só tirei a foto como ousei tocá-la em uma das asas. É óbvio que levei uma bronca pela minha ousadia, mas a satisfação de tocar aquela taça valeu mais do que o orgulho ferido. O Brasil ganhou o jogo e, como sempre, ficou pelo caminho para o mundial.

Uma curiosidade: aquela taça em exposição era a mesma que é entregue nas finais dos mundiais. Há outra taça idêntica que fica em posse da seleção vencedora por quatro anos.

Por fim, outro fato que vale registrar se refere à ocasião na qual tive em minhas mãos algo muito precioso, uma autêntica fonte de fetiche para qualquer fissurado pela Segunda Guerra Mundial como eu.

Meu irmão tinha um colega de escola e vizinho nosso, um menino muito atirado e de uma lábia sem precedentes. Ele frequentava nossa casa e ficou sabendo que eu gostava de história da Segunda Guerra Mundial.

Certo dia ele apareceu em casa com um monte de medalhas e insígnias originais de soldados alemães. Admirado, perguntei onde ele havia conseguido aquilo. O menino respondeu que fora na residência de um ex-pracinha da FEB. Disse que havia conversado com ele e pediu emprestado para mostrar para um amigo – eu, no caso. Fiquei impressionado com a ousadia dele, agradeci e pedi que ele imediatamente devolvesse para o dono do espólio de guerra. Foi o mais próximo que já estive da Segunda Grande Guerra que, por instantes, esteve ali, em minhas mãos.

Tendo passado do meio da vida, penso hoje na figura que alguns chamam de *Puer Æternus*, a eterna criança dentro de nós. Ela faz suas peripécias e mantém suas manias de colecionar coisas em busca de uma pequena satisfação infantil. Mas que valor têm as lembranças que esse ser psíquico mantém vivas dentro de nós, por vezes cristalizadas na forma de velhos objetos do mundo real! A vida é um pequeno hiato em nossa longa jornada no universo. Peças assim preciosas não podem ser desprezadas. Afinal, objetos e coleções não falam apenas de si, pois revelam um pouco dos afetos dos próprios colecionadores.



O Verso Diferente das Ararajubas

AGNALDO DE SOUZA GABRIEL (SÓCIO Nº271)

As ararajubas foram o tema dos últimos selos-etageta (ATM) brasileiros, entre 2000 e 2007, aproximadamente. Estes selos são muito comuns na Europa e são vendidos em máquinas, por isso também são conhecidos como autômatos. Porém, em 2007, as máquinas de selos foram recolhidas e os selos-etageta pararam de ser emitidos no Brasil.

Nos selos-etagetas da Ararajuba, há importantes variações, sendo destaque aquelas emitidas sem valor impresso, com o lay-out da série anterior (pomba branca), com os valores impressos com tinta preta (o correto é a tinta azul) e também alguns erros de valores, que não correspondiam ao porte correto.

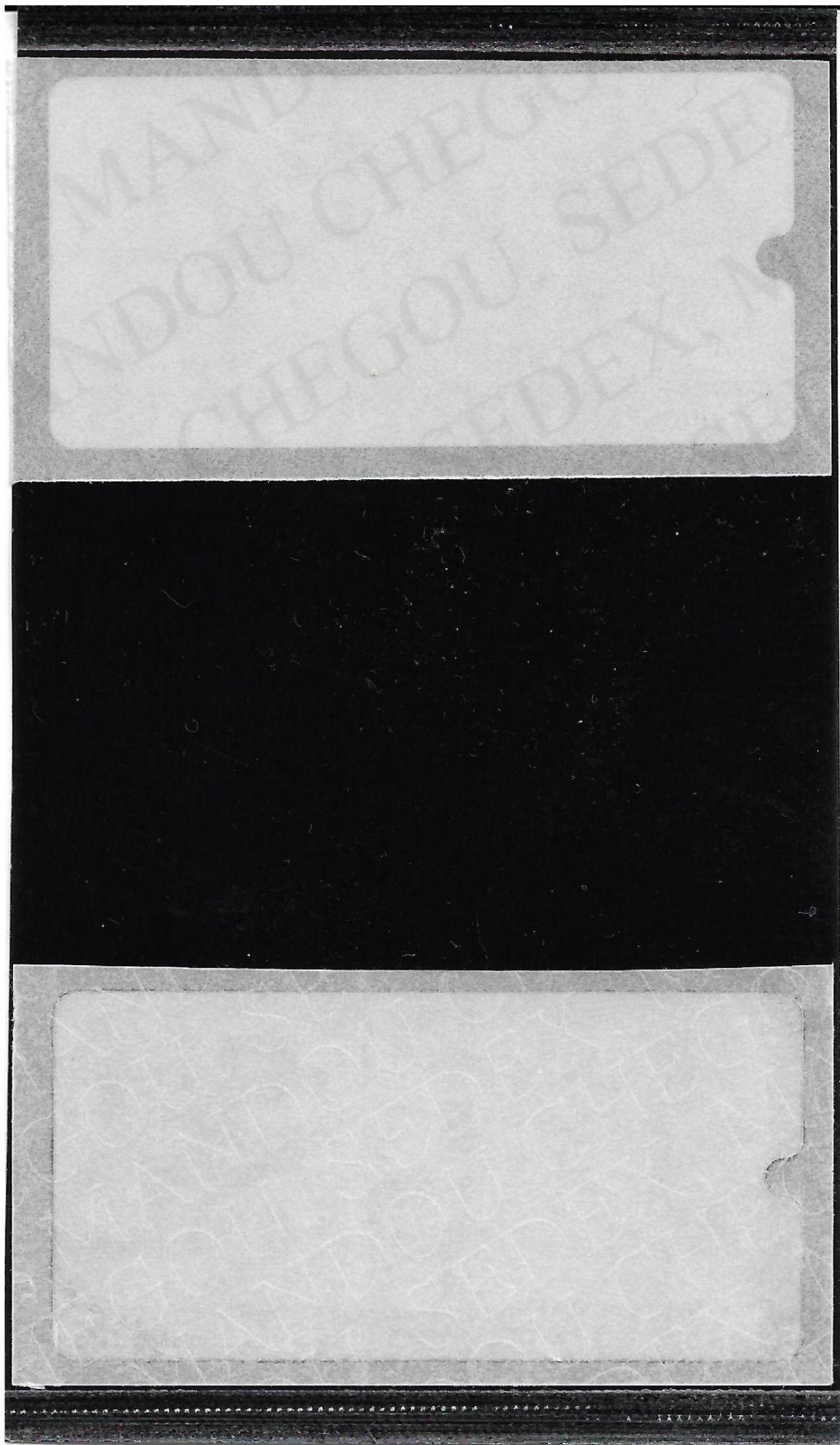
O que estas variedades têm em comum, é que todas são verificadas na parte da FRENTE (anverso) do selo. O papel do verso é completamente ignorado...

Mas há variações no papel do verso também! Nas imagens, temos 2 selos-etageta da ararajuba sem impressão do valor. Na frente, há algumas diferenças, como o texto “ararajuba” sem o negrito. É no papel do verso, porém, que está a maior diferença: no selo superior (comum), o verso traz a frase “Sedex: mandou chegou” em letras maiúsculas, com as letras em cinza e com espaçamento entre as frases. Já no inferior, temos o mesmo texto, mas com as letras em branco/transparente, mais finas e sem o espaçamento entre as frases! Acredito que o motivo é que as bobinas dos selos-etageta foram encomendadas pelos Correios em fornecedores diferentes.

Assim, da próxima vez que você for comprar um selo destes, literalmente veja-os com uma perspectiva diferente: vire-os e olhe também o verso!







O Mundo do Fado Visto Através da Filatelia Portuguesa

AMÉRICO LOPES REBELO (SÓCIO Nº8)

1 – ORIGENS DO FADO

A palavra fado deriva do latim *fatum*, ou seja, "destino", é a mesma palavra que deu origem às palavras fada, fadário e "correr o fado". O fado é uma canção popular portuguesa normalmente interpretada por um vocalista (fadista), acompanhado por uma guitarra portuguesa ou por uma guitarra clássica, sendo conhecida nos meios fadistas por viola.

Existem várias versões relacionadas com as origens do fado, e sobre o qual transcrevo uma descrição relacionada com este tema publicada na *Enciclopédia Fundamental Verbo – Editora Verbo 1982* (pág. 579)

"Fado – Género de canção popular portuguesa, a mais recente e menos nacional, mas a mais divulgada além-fronteiras como típica e mais representativa.

Derivado, segundo se crê, do canto dos escravos negros transportados para o Brasil, o fado chegou a Lisboa c.1822 onde adquiriu características próprias a meados do séc. XIX, aparecendo na luz da ribalta pela 1ª vez c.1890. Canção melancólica e apaixonada, misturando saudade, tristeza e solidão, o fado, nos seus diversos géneros representa o espírito do povo português no que tem de fatalista e sentimental, e, por vezes de irônico e gaiato".

Após vários estudos de diversos etnomusicólogos sobre as origens do fado as conclusões são tudo menos coincidentes mas, existe um parecer, que é unânime entre todos, de que o fado deverá ter surgido no século XIX, havendo várias teorias sobre a sua origem.

Uma refere que derivou dos cânticos dos Mouros que permaneceram em Lisboa no bairro da Mouraria após a reconquista cristã.

A outra refere que a origem do fado deve-se a uma dança brasileira (tese de Ramos Tinhorão, 1988, apoiada por Viera Nery).

Independentemente das várias versões sobre a origem do fado, uma coisa é certa: " *O Fado é genuinamente português e lisboeta*", sendo considerado como uma das mais conhecidas formas de cantar do folclore português, implantando-se de Norte a Sul de Portugal e sendo conhecido mundialmente.

Durante as comemorações “LISBOA 94 - CIDADE EUROPEIA DA CULTURA”, realizou-se, de 14 de Julho a 31 Dezembro de 1994, uma exposição no Museu Nacional de Etnologia dedicada ao Fado intitulada “ FADO VOZES E SOMBRAS ”. Simonetta Luz Afonso, que fizera parte da Comissão Executiva desta exposição, bem como na qualidade de Administradora da Área de Exposições Lisboa 94, publicou no catálogo da exposição um artigo sobre o fado do qual transcrevo uma parte do mesmo:

“ Como figura mítica da cultura portuguesa, o fado permanece, ainda hoje um problema controverso. A sua origem nebulosa, que a imaginação romântica se apressou a filiar nos contos dolentes de filiação árabe ou nas cadências do tão brasileiro *landum*, ajudou a fixar a lenda, mas foi a paradoxal apropriação social do fado que lhe marcou o destino. Expressão eminentemente popular e urbana, a que se agregou toda uma mitografia de contornos canalhas, ela foi também capaz de atrair a atenção de aristocratas, um envolvimento que o celebrado par da Severa e do Conde de Vimioso inauguruou e que não deixou, até aos nossos dias, de constituir uma das suas características mais marcantes.

Por isso mesmo, às análises propriamente musicais desta canção urbana - que são ainda incipientes – sobrepõe-se sempre uma multiplicidade de abordagens históricas, etnográficas e antropológicas, à espera de surpreender os investimentos simbólicos e ideológicos que fizeram dele a pretensa canção da alma portuguesa e o espelho de um regime. Espartilhado por incômodas colagens políticas e a sua espontaneidade pervertida pelas encenações do moderno turismo cultural, o fado parece estar hoje numa situação de impasse e de interrogação, que só talvez a recente adesão de grandes nomes da poesia portuguesa poderá ajudar a sublimar.

João Alberto Sardinha grande investigador sobre a música rural portuguesa e sobre as origens do fado, bem como possuidor do mais vasto arquivo sonoro de música tradicional portuguesa publicou em Maio de 2010 uma valiosa obra sobre o fado intitulada “ A ORIGEM DO FADO ”. Dessa obra transcrevo parte de um artigo de Vito Reino (*Prefácio 3 – pag.14*), que diz o seguinte sobre as origens do fado:

“.... Segundo alguns, o Fado teria nascido do cruzamento historicamente mágico e artisticamente inexplicável entre os cantares árabes e a poesia trovadoresca de matriz provençal, numa estranha simbiose que não resiste a qualquer análise científica comparativa minimamente credível das respectivas formas poético-musicais.

Para outros e por sinal marcante livre-pensadores deste fenómeno etnomusical, o Fado terá germinado a bordo das caravelas a caminho do Brasil, ao longo da costa de África e rumo à Índia, numa espécie de presciência nacional de um provir desgraçado e fadistas, maravilhosa fusão entre sebastianismo e vislumbres de um Quinto Império enviado de misticismo e melancolia”.

Para muitos o fado representa os mais variados sentimentos, como a tristeza que vai na alma, a alegria, o amor a saudade etc., etc.

Eduardo Sucena, homem apaixonado por Lisboa, pela sua história, pelos seus monumentos, bairros, usos e costumes é também um grande investigador sobre história do Fado, sendo o autor de uma magnífica obra intitulada " *Lisboa, o Fado e os Fadistas* ", no seu prefácio (pag.8) teceu algumas considerações sobre o fado com realce para o parágrafo que aqui se transcreve:

“ ... É inegável a importância do fado no contexto poético-musical português e no da nossa cultura popular urbana, não se podendo minimizar as suas implicações em áreas como, sobretudo, as de etnologia e da vida social, da mentalidade e dos sentimentos de setores significativos da população de Lisboa.”

O Ex. Presidente da Camara de Lisboa, Prof. António Carmona Rodrigues publicou em 2004, na obra “*Colecção - O fado do público - Edição Corda Seca – Edições de Arte, SA – Públco Comunicação Social, SA 2004 - Para uma História do Fado* ”, o seguinte artigo sobre a História do Fado:

O Nosso Denominador Comum

“ A coisa que mais me atrai no Fado é a forma como os poemas se revelam. Sem fadistas não havia Fado, mas sem poetas não havia fadistas. Os fadistas contam histórias, experimentam sentimentos e é por isso que nos tocam. A enorme capacidade de comunicação do fado nasce dos poemas que se cantam, da forma como os poemas são revelados, da maneira como são escutados e vividos. O Fado é um ciclo de vida entre quem canta e quem houve.

Acredito que, nos tempos que correm, em todo o mundo, é na música popular que se encontram os melhores poetas e o Fado não é excepção a isso. Basta olhar para a forma como Lisboa surge cantada nos seus fados para perceber a importância que os poetas têm. Da “ Gaivota ” de Alexandre O’Neill à “ Alfama ” de Ary dos Santos ou à “ Maria Lisboa ” de David Mourão Ferreira, Lisboa vive ainda mais porque grandes poetas a ajudaram a ser cantada. Lisboa chegou a todo o mundo pela mão do Fado.

A cultura urbana, popular, de Lisboa, tem a sua expressão maior no Fado: Em torno deles juntaram-se tertúlias de escritores, poetas, políticos, músicos, cineastas, fotógrafos, pintores, publicitários, jornalistas. O Fado é denominador comum dos que gostam de Lisboa, é o seu recorrente ponto de contacto. Nunca deixou de ser assim,

É surpreendente – e revelador – como o fenómeno se repete ao longo de gerações e como os mais novos descobrem Lisboa através do Fado – Às vezes é ai que primeiro ouvem o nome dos bairros, o nome das ruas, episódios da vida da cidade...”

2 - A EVOLUÇÃO DO FADO

Era impensável que alguém do século XIX alguma vez pensa-se que o fado atingisse o estatuto de ser elevado à categoria de Património Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO, numa declaração aprovada no VI Comité Intergovernamental desta organização internacional que se realizou entre 22 e 29 de Novembro de 2011 em Bali, na Indonésia.

Naquela época o fado era visto como uma atividade própria das “classes marginais”, sem nenhuns “princípios” e que viviam à margem da sociedade. O fadista era um rufia de naifa em punho, a fadista uma prostituta. A maioria dos intelectuais daquele tempo assumiam uma postura antifadismo verberando contra este tipo de corrente musical, como são os exemplos, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão entre outros.

Sobre os fadistas, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e Fernando Pessoa escreverão o seguinte:

Eça de Queirós – Relacionado com um depoimento deste escritor transcrevo parte de um artigo de **Rui Vieira Nery**, um dos mais credenciados musicólogos portugueses natural de Lisboa, extraído da obra “*Coleção - O fado do público - Edição Corda Seca – Edições de Arte, SA – Publico Comunicação Social, SA 2004 - Testemunhos*”, (págs. 26, 27, 28 e 29), que diz o seguinte:

“A gradual expansão da prática e do consumo do fado – traduzida na sua consagração num terreno social multifacetado que abrange ainda a rede original das tabernas,退iros e hortas mas se alargou também, entretanto às comédias, revistas e espetáculos musicais nos teatros, bem como ao circuito da edição musical para uso nos espaços domésticos da classe média e mesmo nos salões das elites – é acompanhada pelos intelectuais portugueses da viragem para o século XX com sentimentos mistos.

Enquanto os autores românticos, como João de Deus, Camilo, Latino Coelho ou Bulhão Pato, expressavam para com a vertente sentimental do Fado alguma simpatia manifesta, mesmo que matizada por uma rejeição moralista da pouca “respeitabilidade” do respectivo contexto de desenvolvimento, a geração de 70 parece desde o início adotar a este respeito uma postura mais reticente.

Logo em 1867, num dos seus folhetins para a “*Gazeta de Portugal*”, o jovem **Eça de Queirós**, pronuncia-se sobre o género em termos de clara distanciamento:

“Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito. Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou? O Fado ... Fatum, era um Deus no Olimpo; Nestes bairros é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras e uma iluminação de cigarros. Está mobiliada com enxerga. A cena final é no hospital e na enxovia. O pano do fundo é uma mortalha”

Ramalho Ortigão – (Alberto Pimentel. A triste canção do sul (subsídios para a história do fado). Lisboa: Gomes de Carvalho, 1904. pp. 47-50.)

“Os fadistas são pessoas que vivem de expedientes e da exploração dos próximos. Fazem-se sustentar de ordinários por uma mulher pública que eles espancam sistematicamente. Não têm domicílio e, habitam nas tabernas, na batota, no chinquillo, no bordel ou nas esquadras da polícia. São pessoas inteiramente atrofiadas pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do tabaco e do álcool”.

Fernando Pessoa – (Notícias Ilustrado 1929) “*O fado não é alegre nem triste. É um episódio de intervalo. Formou-o a alma portuguesa quando não existia e desejava tudo sem ter força para o desejar (...) / O fado é o cansaço de alma forte, o olhar de desprezo de Portugal ao Deus em que creu e que também o abandonou. / No fado os deuses regressam, legítimos e longínquos*”.

A partir da década dos anos trinta o fado foi evoluindo gradualmente sendo cantado em inúmeros restaurantes, casas de fado e coletividades, alargando-se a todos os estratos sociais, propagando-se pelo país inteiro. Com essa evolução começaram sugeriram vários fadistas que deixaram o seu nome escrito na sua história do fado, como foram os casos de Alfredo Marceneiro, Hermínia Silva, Fernando Maurício, Argentina Santos, Maria Teresa de Noronha, Carlos Ramos, Amália Rodrigues, Carlos do Carmo entre

outros, tendo cada um o seu estilo próprio e originando assim uma grande diversidade de registos e reportários.

3 – O FADO E A CENSURA

Ao longo dos anos o fado foi conquistando adeptos diversificou-se no género acompanhando o devir sociológico, sendo introduzido no Teatro de Revista e a maioria dos fadistas de renome passou a fazer do culto deste género musical a sua profissão. No período do Estado Novo a censura era usada em vários domínios no sentido de controlar e impedir a liberdade de expressão e todos os profissionais da música, incluindo os fadistas, tinham que ter uma licença especial para cantarem e tocarem, sendo que todos os poemas e letras eram sujeitos a uma censura apertada conforme o artigo e imagem (*fig. 1*) retirados da Net o demonstram.

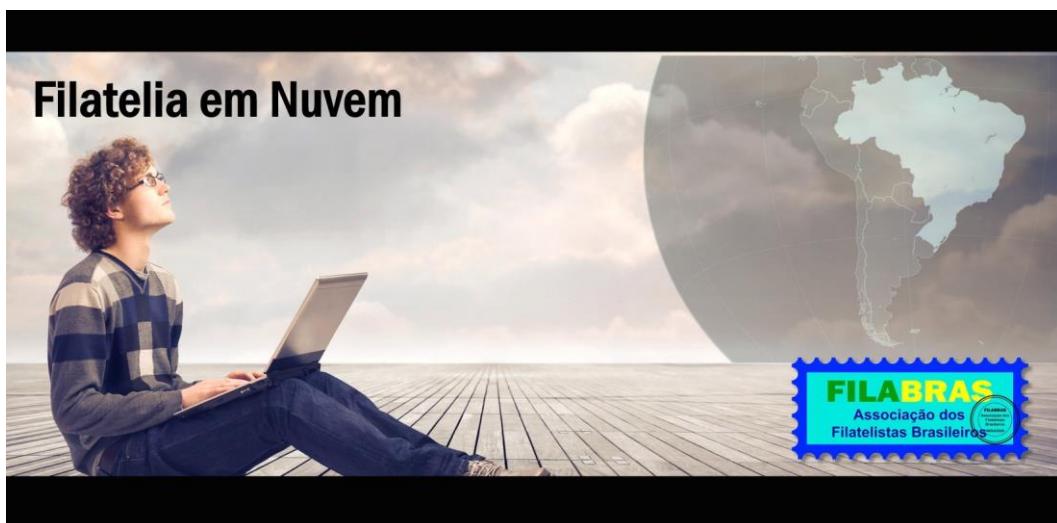
"(...) Foi o que aconteceu com a noite de fados marcada para o dia 9 de Dezembro de 1939 no Café Mondego, em Lisboa. As letras das canções haviam sido enviadas para a Inspecção dos Espectáculos, Serviços de Censura, a fim de serem examinadas antes de ser decidida a sua exibição em público (...)"

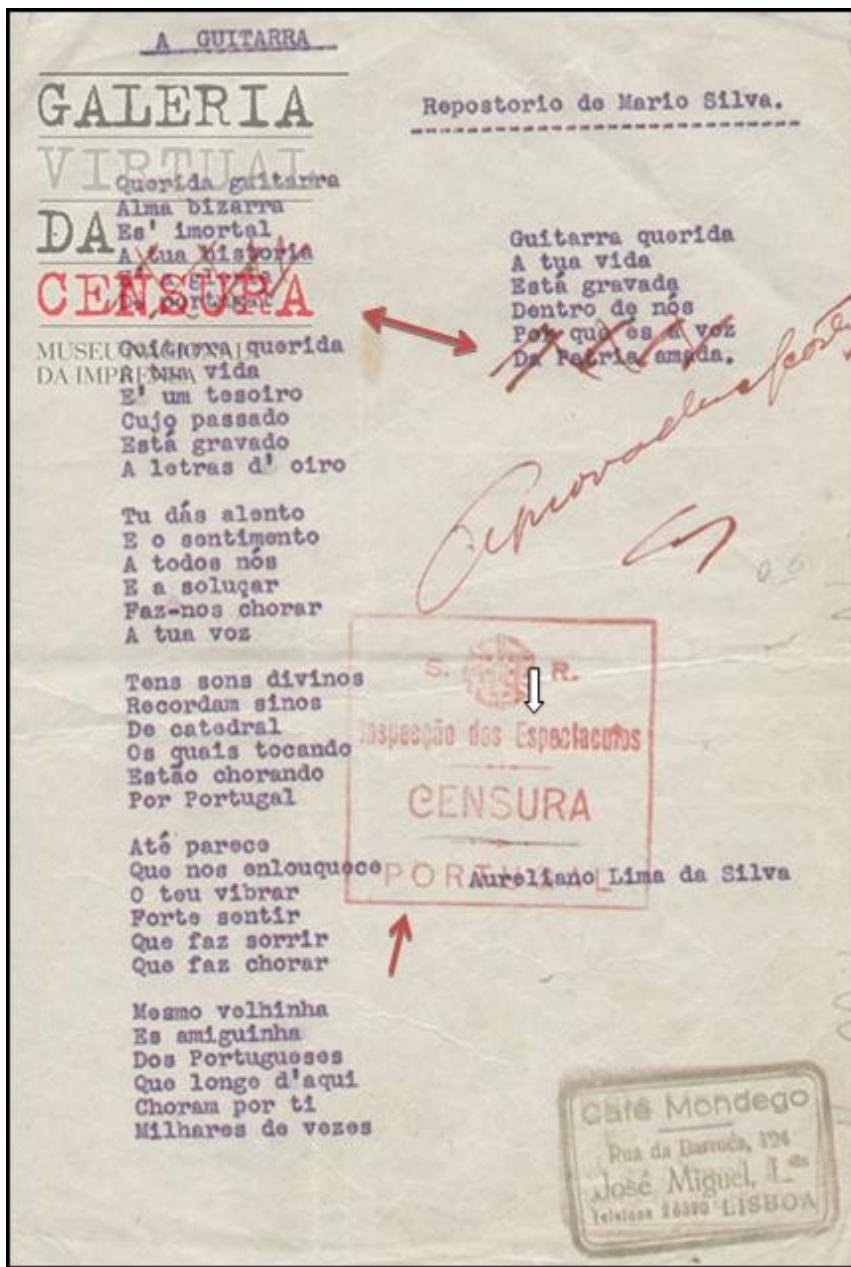
"(...) Aureliano Lima da Silva foi um dos fadistas que viu as suas letras serem censuradas. Entre os visados temos "Tejo... Canção da saudade", "A Guitarra" entre muitos outros, este é o exemplo de um fado que fora aprovado mas com alguns cortes. Na primeira quadra cantava-se: «Querida guitarra/ Alma bizarra/ és imortal" mas omitia-se o final: "A tua história/ é a glória de Portugal». A última quadra sofria um corte semelhante. Cantava-se «Guitarra querida/ a tua vida/ está gravada dentro de nós" e cortava-se "Por que és a voz/ da pátria amada» (...) "

Fonte de informação: <http://www.apaqina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=3479>

Conforme vários documentos da época o evidenciam o fado não assumiu um carácter de propaganda do regime salazarista antes pelo contrário, mas a ditadura do Estado Novo aproveitou-se dele, usando-o à "posterior" como veículo identitário do país e do regime incluindo-o nos três "F" - Fado, Fátima e Futebol ". Soube tirar partido das canções de Lisboa, especialmente de alguns fados que transmitiam alguma tristeza ligada ao conformismo e às fragilidades de um povo oprimido para assim fazer prevalecer os seus ideais.

Durante a vigência do Estado Novo a maioria desses fados não tinham nenhuma mensagem político-ideológica, excetuando alguns mas raros que tinham como finalidade provocarem o regime como foi caso de algum fado de Coimbra, letras maioritariamente de Manuel Alegre e do célebre "Fado de Peniche " interpretado por Amália Rodrigues, que estava associado á prisão de Álvaro Cunhal, entre outros.





(fig. 1) Documento comprovativo em como se fazia censura em algumas letras do fado

Imagen retirada de: <http://www.imultimedia.pt/galeriavirtualdacensura/>

4 – CANDIDATURA DO FADO A PATRIMÓNIO IMATERIAL DA HUMANIDADE

Desde as origens do fado até ao presente são inúmeras as pessoas, que de uma forma ou outra estão ligadas ao mundo fado como poetas, compositores, músicos, fadistas, musicólogos e investigadores o que tem permitido a evolução e a continuação deste género musical que faz parte da cultura portuguesa.

O Fado é hoje considerado um símbolo de Portugal com tradições fortes em vários pontos do país, em especial nos bairros históricos de Lisboa.

Para o salvaguardar e preservar foi apresentada uma candidatura do fado a *Património Imaterial*, em Junho de 2010, pela Câmara Municipal de Lisboa através da EGEAC/Museu do Fado, tendo sido mais tarde elevado à categoria de *Património Oral e Imaterial da Humanidade* pela UNESCO <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fado> - cite note-0, numa declaração aprovada no VI Comité Intergovernamental desta organização internacional, realizado em Bali, na Indonésia, entre 22 e 29 de Novembro de 2011.

Sobre esta classificação do fado como “Património Imaterial da Humanidade” pela UNESCO, houve várias declarações nos órgãos de comunicação social de diversas figuras públicas que, de uma ou outra forma,

estiveram envolvidas neste feito inédito, dado que é a primeira vez que Portugal tem um bem inscrito na lista do património imaterial da humanidade da UNESCO. Dessas declarações destaco as do fadista e embaixador do mesmo Carlos do Carmo e do musicólogo Rui Vieira Nery proferidas a 27.11.2011 no “Jornal Público”.

Carlos do Carmo fadista e embaixador da candidatura do fado a Património Imaterial da Humanidade disse o seguinte:

“Esta notícia trouxe-me uma felicidade imensa. São muitos anos de fado [49 em Janeiro], fiquei comovido. [...] Além de premiar o trabalho e a dedicação extrema que muitas pessoas puseram nesta candidatura, a UNESCO aumentou o nosso grau de responsabilidade na preservação do fado – temos de tomar ainda melhor conta dele. E este não é só um recado para os fadistas e para os investigadores do fado, é um recado para o país. Um país que nem sempre esteve apaixonado pelo fado, mas que hoje se orgulha dele, tenho a certeza.”

Rui Vieira Nery musicólogo e presidente da comissão científica da candidatura do Fado a Património Imaterial da Humanidade disse o seguinte:

“Não contávamos com outro desfecho. Foi uma grande alegria que pôs fim a uma grande ansiedade. [...] É ainda mais gratificante porque este ano os critérios foram muito apertados, com a Índia a retirar as suas candidaturas e a China a levar para casa, para reformular, a do kung fu de Shaolin. Ter o fado aprovado em cinco minutos, e por unanimidade, foi muito importante. [...] Esta entrada para a lista da UNESCO é mais um passo, uma oportunidade para continuar a trabalhar.”

Na revista do Jornal Expresso “ATUAL”, de 3 de Dezembro de 2011, a jornalista Lucinda Leiderfarb, publicou um artigo sobre o fado do qual a seguir se destaca este parágrafo:

*(...) Agora é de todos. O fado, um dos símbolos mais fortes da nossa “estranya forma de vida”, acabou de ser considerado Património Internacional da Humanidade pela Unesco. Não adianta já reivindicar-lhe as origens: há muito tempo que a **world music** o tornara parte da sua bagagem, onde cabe tudo quando o mundo pensa que de direito lhe pertence, mau grado as características locais.*

5 - O FADO VISTO ATRAVÉS DA FILATELIA

Os CTT de Portugal prestaram uma homenagem ao Fado e a alguns dos seus grandes Mestre do século XX, lançando duas emissões de selos, sendo a primeira a 3.10.2011 e a segunda a 11.10.2012.

1ª EMISSÃO – 03.10.2011 - FADO

DADOS TÉCNICOS:

- Selo de € 0.32 – Alfredo Marceneiro
- Selo de € 0.47 – Carlos Ramos
- Selo de € 0.57 – Hermínia Silva (*Fotos arquivo do Museu do Fado*)
- Selo de € 0.68 – Maria Teresa Noronha (*Foto arquivo Valentim de Carvalho*)
- Selo de € 0.80 – Amália Rodrigues (*Foto arquivo Museu do Fado*)
- Selo de € 1.00 – Carlos do Carmo (*Foto Fernando Bento*)
- Selo de € 2.50 – *O Fado, José Malhoa, 1910, óleo sobre tela. (Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa)*
- Folhas de 50 selos de cada valor.
- Design: Acácio Santos e Elisabete Fonseca.
- Formato: Selos – 40 x 30,6 mm.
- Bloco – 125 x 95 mm.

- *Picotagem / Denteado: Cruz de Cristo – 13 x 13*
- *Impressão: Ofset*
- *Papel: 110 g./m²*

2^a EMISSÃO – 11.10.2012 – FADO PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

DADOS TÉCNICOS:

- *Selo de € 0.32 – Vicente da Camara (Foto Hélder Soares)*
- *Selo de € 0.47 – Argentina Santos (Foto coleção particular)*
- *Selo de € 0.57 – Maria da Fé (Foto Fernando Bento)*
- *Selo de € 0.68 – Rodrigo (Foto Homem Cardoso)*
- *Selo de € 0.80 – Camané (Foto Rui Aguiar)*
- *Selo de € 1.00 – Marisa (Foto Fernando Bento)*
- *Selo de € 1.00 – S/título, lápis s/papel vegetal – Emmerico, coleção particular; Guitarra portuguesa.*
- *Folhas de 50 selos de cada valor.*
- *Design: Acácio Santos e Elisabete Fonseca*
- *Formato: Selos – 40 x 30,6 mm.*
- *Picotagem / Denteado: Cruz de Cristo – 13 x 13*
- *Impressão: Ofset*
- *Papel: 110 g./m²*

ALFREDO RODRIGO DUARTE (MARCENEIRO)

Alfredo Rodrigo Duarte, mais conhecido como Alfredo Marceneiro, devido à sua profissão, nasceu em Lisboa, a 25 de Fevereiro de 1891, na freguesia de Santa Isabel, filho de [Gertrudes da Conceição](#) e Rodrigo Duarte, ambos naturais do [Cadaval](#), gente de origem humilde.

Alfredo Marceneiro é o símbolo, o mito e a referência indeclinável no fado de Lisboa graças à sua voz. Derivado à morte do pai cedo começou a trabalhar como aprendiz de encadernador para ajudar a mãe no sustento da casa.

Desde muito cedo sentiu uma grande apetência para o teatro e para a música, começando a cantar o fado em diversos locais populares.

Mais tarde conheceu o fadista Júlio Janota, que desempenhava as funções de marceneiro, e o incentivou a seguir a mesma profissão pelo facto de ter um salário mais elevado e melhores condições de vida, bem como mais tempo disponível para se dedicar ao fado.

Era um jovem com alguma presença e muito brio em si, o que naquela época a sociedade não aceitava muito bem, tendo-o alcunhado de “*Alfredo Lulu*”. Teve ao longo da sua vida várias paixões, das quais resultaram dois filhos, vindo mais tarde a casar com Judite, a mulher com quem viveu até morrer, e da qual teve mais três filhos.

No ano de 1924 participa pela primeira vez num concurso de fados, no Teatro de S. Luís tendo ganho uma medalha de prata. Mais tarde, em 1930, muda de emprego para os Estaleiros Navais da Cuf, sendo sempre solicitado para cantar nas festas dos operários e a 3 de Janeiro de 1948 foi reconhecido publicamente, no café Luso, como o “Rei do Fado”.

José Pracana, natural de Ponta Delgada, S. Miguel, Açores considerado um dos conceituados guitarristas portugueses escreveu, na Obra “*Coleção O fado Público - Edição Corda Seca – Edições de Arte, SA –*

Publico Comunicação Social, SA 2004 - Alfredo Marceneiro – Para uma História do Fado ”, o seguinte sobre Alfredo Marceneiro:

(...) Homem de uma musicalidade fora do comum, compunha um fado inspirado por uma cantiga popular que ouvia à sua mãe, ou até por um pregão que ouvia na rua, mas teve sempre o cuidado de dizer que não era um compositor, tendo a noção que, para tal, lhe faltavam conhecimentos musicais, considerando-se um estilista. Criador de uma pose muito própria, gostando de se mover no recinto em que actuava, fazia as suas marcações como se estivesse a representar num palco dum qualquer teatro. (...)

Alfredo Marceneiro teve ao longo da sua vida uma carreira muito enriquecedora, de grandes êxitos, reformando-se no ano de 1963, sendo-lhe feita uma festa de despedida no dia 25 de Maio do mesmo ano no Teatro São Luís.

Dos muitos temas que cantou, ao longo da sua vida, o que mais se destacou foi a “ *Casa da Mariquinhas* ”, de autoria do jornalista e poeta [Silva Tavares](#) no Teatro São Luís.

Alfredo Marceneiro também foi um grande mestre na sua profissão tendo construído uma casa em madeira, na escala 1/10, com todos os pormenores, conforme o descrito nos versos do fado “ *A Casa da Mariquinhas* ”.

Faleceu no dia 26 de Junho de 1982 com 91 anos e, a [10 de Junho de 1984](#), foi condecorado a título póstumo pelo então [Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes](#), com a Comenda da [Ordem do Infante D. Henrique](#).



(fig. 2) Carta circulada de Lisboa (terra natal do fadista Alfredo Marceneiro) para o Porto em 13.12.2011, registada com o Nº RC931793622PT – Lisboa Restauradores, chegando ao destinatário a 14.12.2011 (fig. 3). Circulou com selos de € 0.32 – Alfredo Marceneiro da Emissão: 2011 - Fado.

(fig. 3) Carimbo de chegada ao destinatário



CARLOS AUGUSTO DA SILVA RAMOS

Carlos Augusto da Silva Ramos nasceu em Alcântara – Lisboa a 10 de Outubro de 1907 e faleceu na mesma cidade a 9 de Novembro de 1969. Graças à sua voz e à sua postura modesta e discreta foi considerado um dos fadistas mais queridos do público português. Granjeou ao longo dos anos grandes êxitos devido à sua popularidade. Foi uma presença ativa nos meios de comunicação social, o que contribuiu para o engrandecimento do seu sucesso.

Desde muito cedo Carlos Augusto da Silva Ramos conviveu com o mundo da música, pelo facto do seu pai João da Silva Ramos ser músico, tocando inclusivamente nas caçadas do rei D. Carlos.

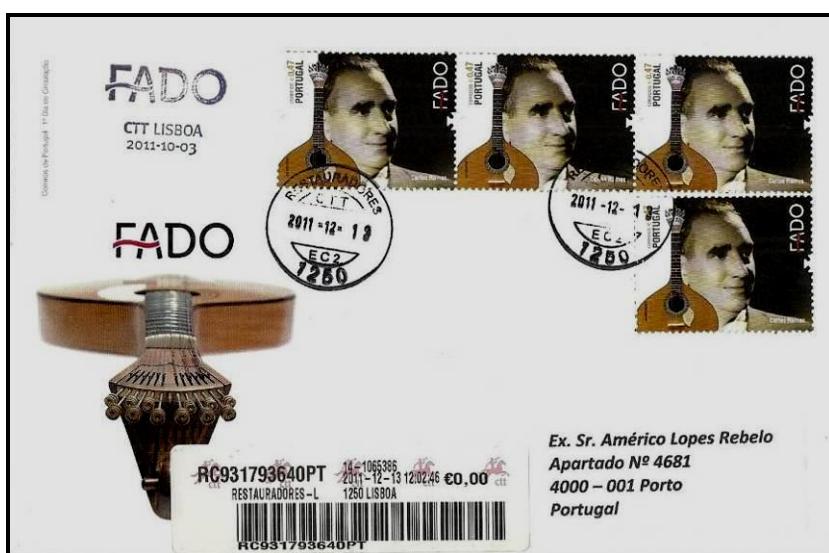
Lisboeta de gema foi um fadista muito estimado pelo seu público, dado que tinha todos os requisitos necessários para o ser. Aprendeu a tocar guitarra portuguesa na sua adolescência integrada num grupo de estudantes do Liceu Pedro Nunes. Frequentou o curso de medicina mas, com 18 anos de idade, teve que o interromper devido à morte do pai, obrigado a trabalhar para ajudar a mãe no sustento da família.

Desempenhou o cargo de escriturário nos estaleiros da Cuf e de radiotelegrafista na Marconi, sendo incorporado mais tarde exército português.

Durante as décadas de quarenta a sessenta foi um dos frequentadores regulares das casas típicas de fado de Lisboa, participou em vários filmes, revistas, espetáculos de homenagens a colegas e fez também uma carreira internacional.

No ano de 1952 assinou um contrato como "artista exclusivo" da casa de fados "Tipia" e mais tarde, em 1959 abriu a sua casa de fados "A Toca".

Em meados dos anos sessenta terminou a sua carreira como fadista na sequência de uma trombose, vindo a falecer a 9 de Novembro 1969.



(fig. 4) Carta circulada de Lisboa (terra natal do fadista Carlos Ramos) para o Porto em 13.12.2011, registada com o Nº RC931793640PT – Lisboa Restauradores, chegando ao destinatário a 14.12.2011 (fig. 5). Circulou com selos de € 0.47 – Carlos Ramos da Emissão:- 2011 - Fado.

(fig. 5) Carimbo de chegada ao destinatário



HERMÍNIA SILVA

Hermínia Silva Leite Guerreiro, mais conhecida por *Hermínia Silva*, foi uma atriz, fadista e empresária portuguesa que nasceu em [Lisboa](#) a 2 de Outubro de 1907, vindo a falecer na mesma cidade a 13 de Junho de 1993.

No seu tempo de adolescente aprendeu a arte de costureira, numa alfaiataria da Rua dos Fanqueiros em Lisboa mas, os seus dotes musicais cedo se começaram a evidenciar, frequentando a Sociedade de Recreio Leais Amigos onde se escreveu como amadora na arte de representar e, no ano de 1925, começou a cantar os seus primeiros fados acompanhada por piano.

No ano seguinte fez parte da "Tournée Gil Vicente", organizada pelo maestro Júlio Machado e seu filho Victor Machado, percorrendo Portugal e Espanha, atuando em diversos palcos na companhia de diversos atores.

Graça à sua popularidade foi granjeando ao longo do tempo muito público para os seus espetáculos, vindo a fazer parte do elenco das revistas de maior produção, participando em diversos espetáculos de revista e cinema.

As companhias de teatro ofereceram-lhe avultados cachês no sentido de a contratar. Independentemente de atuar em Lisboa, fez vários espetáculos na cidade do Porto, nos teatros Sá da Bandeira, Carlos Alberto e no Palácio Cristal, bem como nos teatros de Coimbra e Aveiro. Foi várias vezes cabeça de cartaz em diversas revistas e, no ano de 1964, destacou-se no teatro ABC com a peça "Ai venham Vê-las".

Mais tarde no ano de 1971 fez parte de uma digressão mundial, atuando em vários países com grande expressão de emigrantes portugueses, como Espanha, Brasil Estados Unidos da América e Canadá. Nesse ano foi galardoada com o Prémio Nacional do Teatro Ligeiro pela forma brilhante como atuou na revista "Sempre em Pé".

Nos finais dos anos 70 fundou no Bairro Alto "O Solar da Hermínia" e foi proprietária do restaurante típico "Pôr-do-sol", em Benavente. Nas suas atuações com o seu estilo muito próprio fazia do improviso a sua arma secreta.

Trabalhou até finais de 1981 e interpretou o fado sempre num registo irónico, repleto de chalaças e com algumas críticas ao regime salazarista.

Independentemente de ter gravado numerosos fados e ter atuado em várias revistas Hermínia Silva destacou-se também na gravação de paródias como *Antígona*, uma recriação livre do clássico grego de Sófocles, ou *O Yé-yé da Hermínia*, entre outras.

O seu nome ficou gravado na história do fado como sendo "A mais Castiça das Fadistas Portuguesas" e, como reconhecimento da sua carreira, o governo português homenageou – a diversas vezes. No ano de 1980 foi-lhe entregue, pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. [Nuno Krus Abecassis](#), a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa. No dia 10 de Junho de 1985 foi-lhe atribuída, pelo presidente da república General Ramalho Eanes, a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, e a 10 de Junho de 1990 foi-lhe atribuída, pelo presidente da república Dr. Mário Soares, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique. Para além destas condecorações foi também homenageada por várias entidades quer a nível nacional como Internacional



(fig. 6) Carta circulada de Lisboa (terra natal da fadista Hermínia Silva) para o Porto em 13.12.2011, registada com o Nº RC931793707PT – Lisboa Restauradores, chegando ao destinatário a 14.12.2011 (fig. 7). Circulou com selos de € 0.57 – Hermínia Silva da Emissão: 2011 - Fado, € 0.03 da Emissão: 2006 – Máscaras de Portugal (2º grupo) e €0.01 da Emissão: 2010 – Transportes Públícos Urbanos (Emissão Base 4º grupo)

(fig. 7) Carimbo de chegada ao destinatário



MARIA TERESA DE NORONHA

Maria Teresa do Carmo de Noronha Guimarães Serôdio nasceu em Lisboa a 7 de Novembro de 1918 e faleceu a 4 de Julho de 1993 em São Pedro de Penaferim ([freguesia](#) do concelho de [Sintra](#)). Era uma mulher de fino trato, descendente de famílias aristocratas, filha de D. António Maria de Sales do Carmo de Noronha e de D. Maria Carlota Appleton de Noronha Cordeiro Feio.

Casou na sua terra natal a 17.12.1947 com o 3º conde de Sabrosa, José António Barbosa de Guimarães Serôdio, também um dos grandes amantes do fado, sendo guitarrista amador, tocou com diversos e muito conceituados fadistas em diversas casas de fados de Lisboa.

Testemunhos de pessoas que privaram de perto com Maria Teresa de Noronha, dizem que esta era uma pessoa de grande coração mas não muito calorosa.

Desde muito cedo demonstrou uma certa inclinação para fadista, cantando em festas de famílias e amigos, começando a ganhar um público muito específico, relacionado com o conhecimento de fado. Era senhora de uma voz muito cativante, despertando paixões e reunindo consenso por parte de uma crítica que reconheceu o seu talento.

Entre 1938 e 1968 fez parte de um programa semanal da Emissora Nacional intitulado *Fados e Guitarras* e, no de 1939, gravou o seu primeiro single intitulado “*O Fado dos Cinco Estilos*.”

Ao longo da sua carreira como fadista obteve grandes sucessos e, do seu repertório, destacam-se alguns fados como: *Fado da Verdade*, *Fado Hilário*, *Fado Anadia*, *Nosso Fado*, *Fado Menor* e *Maior*, *Minhas Penas*, *Pintadinho*, *Pombalinho* ou *Fado Rio Maior*.

Fez várias digressões pelo estrangeiro, sendo convidada para atuar no ano de 1946 em Espanha – Barcelona, no Festival da Feira do Livro, foi convidada pelo Governo Espanhol para atuar em Madrid no Hotel Ritz, em [1946](#) deslocou-se ao Brasil, em [1964](#) deslocou-se a [Londres](#) para atuar na [BBC](#) e atuou também no [Mónaco](#) para [Grace Kelly](#) e [Rainer III](#). Todas estas atuações registaram pleno sucesso sendo muito apreciada e acarinhada pelas comunidades de emigrantes portugueses bem como pelos cidadãos dos países onde atuou.

Após ter terminado o programa com a Emissora Nacional em 1968 começou a cantar mais em privado.



(fig. 8) Carta circulada de Lisboa (terra natal da fadista Maria Teresa Noronha) para o Porto em 13.12.2011, registada com o Nº RC931793675PT – Lisboa Restauradores, chegando ao destinatário a 14.12.2011 (fig. 9). Circulou com selos de € 0.68 – Maria Teresa Noronha da Emissão: 2011 – Fado.

(fig. 9) Carimbo de chegada ao destinatário



AMÁLIA RODRIGUES

Amália da Piedade Rodrigues, mais conhecida por Amália Rodrigues, nasceu em Lisboa a 1 de Julho de 1920, sendo registada a 23 de Julho do mesmo ano mas, sempre quis festejar o seu aniversário no dia 1 de Julho por ser o tempo das cerejas. Faleceu na mesma cidade a 6 de Outubro 1999 estando sepultada no Panteão Nacional.

Amália Rodrigues foi considerada a maior fadista do Século XX sendo conhecida mundialmente como "*Rainha do Fado*".

Filha de uma família humilde, e a quinta de nove filhos, iniciou a sua escolaridade no ano de 1929 na Escola Oficial da Tapada da Ajuda, onde conclui a instrução primária. No ano de 1934 começa a trabalhar, para ajudar no sustento da sua família, desempenhando as funções de bordadeira, engomadeira e tarefeira, chegando várias vezes a ir com a mãe e a irmã, vender fruta para a zona do Cais da Rocha.

Desde a sua infância Amália Rodrigues sempre evidenciou um grande talento para o canto, tendo iniciado no ano de 1939 a sua carreira de cantora de Fado, com apenas 19 anos de idade numa casa de Fados "*O Retiro da Severa*".

A partir desta data tornou-se rapidamente, o nome mais famoso de todos os intérpretes do fado, atingindo uma popularidade de tal forma avassaladora que, em todos os espetáculos a lotação esgotava imediatamente e o seu cachet era considerado o maior até então pago a uma fadista.

Amália Rodrigues considerada "*A Embaixadora de Portugal*", representou o nosso país em vários locais do mundo nas diversas "tournées" que fez, bem como em vários programas de televisão em que esteve presente.

Para além do fado, o seu repertório era composto por músicas de tradição popular portuguesa, canções contemporâneas (iniciando o chamado fado-canção), bem como alguma música de origem estrangeira (francesa, americana, espanhola, italiana, brasileira).

Participou também em vários filmes, bem como no teatro da revista, onde se estreou no ano de 1940, no Teatro Maria Vitória, com a peça "*Ora Vai Tu*,".

Alguns dos seus fados têm poemas de grandes autores portugueses bem como alguns dos nossos maiores poetas contemporâneos, como por exemplo, David Mourão Ferreira, Pedro Homem de Mello, Ary dos Santos, Manuel Alegre, Alexandre O'Neill, por ela foram homenageados e divulgados.

O seu primeiro grande sucesso musical deu-se no ano de 1945, numa digressão que fez ao Brasil, com a canção "*Ai Mouraria*".

Das inúmeras canções que Amália Rodrigues interpretou são bem conhecidas as seguintes: "*Lisboa Antiga, Foi Deus, Coimbra* (também conhecida como Abril em Portugal), *Barco Negro, Canção do Mar, Nem as Paredes Confesso, Lisboa, Não Sejas Francesa, Vou Dar de Beber à Dor e Com que Voz,*" entre muitos outros variados temas.

Após a revolução dos cravos " 25 de Abril de 1974 "circularam algumas notícias envolvendo Amália Rodrigues em atos de alguma colaboração com o antigo regime. Essas notícias prejudicaram a sua imagem e carreira tendo por isso decidido afastar-se durante uns tempos do mundo do espetáculo.

Anos mais tarde num espetáculo no Coliseu Teatro de Lisboa, fica emocionada com o carinho que o público presente lhe presta, onde 5000 pessoas a aplaudiram de pé demonstrando, desta forma, que os seus fãs nunca a tinham esquecido.

Amália Rodrigues foi uma das personalidades portuguesas que mais contribui para a divulgação da cultura portuguesa. Ao longo da sua vida foi várias vezes homenageada por várias entidades nacionais e internacionais.



(fig. 10) Carta circulada de Lisboa (terra natal da fadista Maria Teresa Noronha) para o Porto em 13.12.2011, registada com o Nº RC931793698PT – Lisboa Restauradores, chegando ao destinatário a 14.12.2011 (fig. 11). Circulou com selos de € 0.80 – Amália Rodrigues da Emissão: 2011 – Fado, € 0.05 da Emissão: 2006 – Máscaras de Portugal (2º grupo) e € 0.10 da Emissão: 2011 – Festas Tradicionais.

(fig. 11) Carimbo de chegada ao destinatário

CARLOS DO CARMO

Carlos Manuel Ascensão do Carmo de Almeida, cantor e intérprete de fado português, é conhecido no meu artístico como Carlos do Carmo em homenagem à sua mãe. Nasceu em Lisboa a 21 de Dezembro de 1939, filho de Alfredo de Almeida, livreiro e proprietário da casa de fados " O Faia ", falecido em 1962, e de sua mulher Lucília do Carmo, uma das maiores fadistas do século XX.

Estudou na Escola Alemã e no Liceu Passos Manuel, indo mais tarde para a Suíça onde frequentou um curso de hotelaria e desenvolveu aprendizagem de várias línguas. A sua infância foi sempre rodeada do meio artístico pelo facto da casa dos seus pais ser muito frequentada pelos intelectuais e artistas da época, bem como por algumas figuras da alta sociedade.

Em 1963 gravou, pela Valentim de Carvalho, o seu primeiro disco "Loucura". Os seus êxitos começaram-se a multiplicar de tal forma que é hoje considerado um nome maior do fado. Para isso contribui também o facto de trazer para o Fado novos elementos tais como contrabaixo e formação com orquestra, entre outros, e ainda grandes compositores, bem como a poesia e a prosa de grandes poetas e escritores contemporâneos portugueses.

Por tudo isto tem sido ao longo da sua vida galardoado e condecorado com vários prémios, tanto a nível nacional como internacional, dos quais se destacam os seguintes: Prémio José Afonso atribuído pela Câmara Municipal da Amadora no ano de 2003, o Globo de Ouro de Mérito e da Excelência, o Prémio Consagração de Carreira da Sociedade Portuguesa de Autores, a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique e o Prémio Goya para Melhor Canção Original, com o *Fado da Saudade*, em 2008. Foi feito cidadão honorário do Rio de Janeiro, membro de honra do Claustro Ibero-Americano das Artes e distinguido com um diploma do Senado de Rhode Island (Estados Unidos) pela sua colaboração e empenho na divulgação da música portuguesa no estrangeiro. Em 2006 foi distinguido pela famosa marca mundial de relógios "Raymond Weil", com uma edição especial de um relógio de ouro em sua homenagem, sendo o lucro económico atribuído à Casa do Artista.

Ao longo da sua carreira fez várias digressões pelo mundo inteiro, atuando no "Olympia" em Paris, nas óperas de Frankfurt e de Wiesbaden, no Canecão do Rio de Janeiro, no "Savoy" de Helsínquia, no Auditório Nacional de Madrid, no Teatro da Rainha em Haia, no teatro de São Petersburgo, na Place des Arts em

Montreal, no Tivoli de Copenhaga, no Memorial da América Latina em São Paulo e no Teatro D. Pedro V em Macau. Em Portugal realizou vários concertos como por exemplo no Mosteiro dos Jerónimos, na Fundação Gulbenkian, no Casino Estoril, no Centro Cultural de Belém, na Casa da Música, na Torre de Belém e no Coliseu dos Recreios de Lisboa. Casou-se em 1964 com Maria Judite de Sousa Leal, sua actual mulher e mãe dos seus três filhos, [Cila do Carmo](#), Alfredo do Carmo de Almeida e [Gil do Carmo](#).

Em 1976 representou Portugal no XXI Festival [Eurovisão da Canção](#), com o tema *Flor de Verde Pinho*. A melodia tem a letra do poeta e político português [Manuel Alegre](#), música de [José Niza](#) e orquestração do maestro [Thilo Krasman](#).

O nome de Carlos do Carmo está sempre ligado às cantigas populares das ruas de Lisboa. Dos seus inúmeros sucessos destacam-se os seguintes: "Por Morrer uma Andorinha", "Duas Lágrimas de Orvalho", "Bairro Alto", "Gaivota", "Canoas do Tejo", "Os Putos" "Lisboa Menina e Moça" e "Estrela da Tarde". É um fadista amado e acarinhado pelos seus fãs, e como prova disso estão os seus mais de um milhão de discos vendidos.

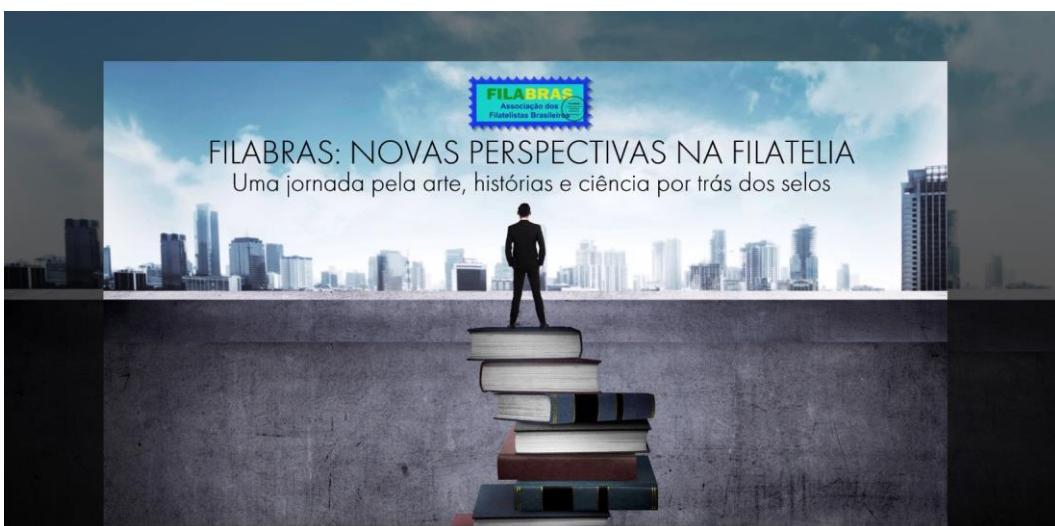
No ano de 2003 comemorou os 40 anos de carreira realizando um concerto no Coliseu dos Recreios de Lisboa. Sobre esta efeméride Rui Vieira Nery escreveu o seguinte:

"É bom vê-lo e ouvi-lo assim, passados já os sessenta anos, com esta sabedoria de quem mergulha numa tradição de que é um pilar fundamental, mas se afirma ao mesmo tempo, a partir dela, como o mais consistentemente experimental dos jovens fadistas portugueses".

A carreira de Carlos do Carmo regista um momento alto de consagração, pois foi reconhecida não só a vida e a obra de um grande Homem e de um grande fadista, como também a atitude de humanista e de divulgação do fado, sendo o responsável máximo pela divulgação da música portuguesa no estrangeiro, através de uma exposição organizada pelo Museu do Fado intitulada "Um Homem no Mundo", que decorreu de 15 de Outubro de 2003 a 15 de Fevereiro de 2004.

Em 2008, comemorou os 45 Anos de Carreira tendo organizado dois concertos. O primeiro teve lugar no Casino do Estoril, a 3 de Outubro, no qual o artista homenageou alguns dos músicos com quem partilhou os palcos ao longo da sua carreira. O segundo foi realizado no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, no dia 29 de Novembro, onde estiveram presentes cerca de 11.000 pessoas, tendo como convidados especiais a presença de Camané, Mariza, Carminho, Gil do Carmo, Bernardo Sassetti, a galega María Berasarte e a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, dirigida pelo Maestro Vasco Pearce de Azevedo.

Carlos do Carmo fez parte da equipa responsável pela candidatura do Fado a Património Mundial e foi consultor da série televisiva "A História do Fado".





(fig. 12) Carta circulada de Lisboa (terra natal da fadista Carlos do Carmo) para o Porto em 13.12.2011, registada com o Nº RC931793667PT – Lisboa Restauradores, chegando ao destinatário a 14.12.2011 (fig. 13). Circulou com selos de € 1.00 – Carlos do Carmo da Emissão: 2011 – Fado. (fig. 13) Carimbo de chegada ao destinatário



JOSÉ MALHOA

José Vital Branco Malhoa, pintor, nasceu nas Caldas da Rainha a 28 de Abril de 1855 e faleceu em Figueiró dos Vinhos a 26 de Outubro de 1933. Descendente de uma tradição romântica e com uma atração para a cultura artística, veio para Lisboa com 8 anos de idade e aos 12 anos entrou para a Escola de Belas Artes com intuito de ser entalhador na oficina de Leonardo Braga, sendo orientado então pelo referido mestre, considerado um dos grandes profissionais daquela época.

Ao longo do curso Malhoa foi um aluno excelente revelando sempre as suas qualidades artísticas, colecionando prémios e louvores justamente merecidos.

Consciente do seu valor concorreu a dois concursos do Estado no sentido de obter bolsas para estudar no estrangeiro a fim de adquirir mais e melhores conhecimentos e para aperfeiçoar melhor as suas técnicas. Este seu objetivo não se concretizou pelo facto do Estado ter indeferido os seus pedidos, o que para Malhoa foi uma situação muito difícil de digerir, tendo-o abalado profundamente, ao ponto de ter desistido da pintura durante uns tempos.

Após esta deceção Malhoa foi trabalhar durante três anos numa loja de chapéus do irmão Joaquim mas, sempre com o pensamento na pintura, até que um dia teve conhecimento de uma exposição artística que se ia realizar em Madrid. Preparou então um trabalho para participar nesse evento intitulado "Seara Invadida". Esse trabalho foi de tal forma apreciado e elogiado pelos júris do certame, bem como pelos visitantes, que modificou por completo a sua vida. Abandoando a profissão de caixeiro e dedicando-se exclusivamente e com todo o empenho à pintura, pois, era aquilo que ele sempre soubera e quisera fazer.

Graças à sua dedicação e empenho foi convidado para decorar o teto da Sala de Concertos no Conservatório de Lisboa, trabalho esse que foi realizado com muita perfeição sendo o ponto de partida para o futuro da sua carreira.

Mais tarde é convidado para pintar também os tetos do Supremo Tribunal de Justiça de Lisboa, da casa de jantar do palácio do conde Burnay e dos aposentos do Infante D. Afonso o que mais uma vez veio a confirmar toda a sua fama e todos os elogios alcançados nos trabalhos anteriores.

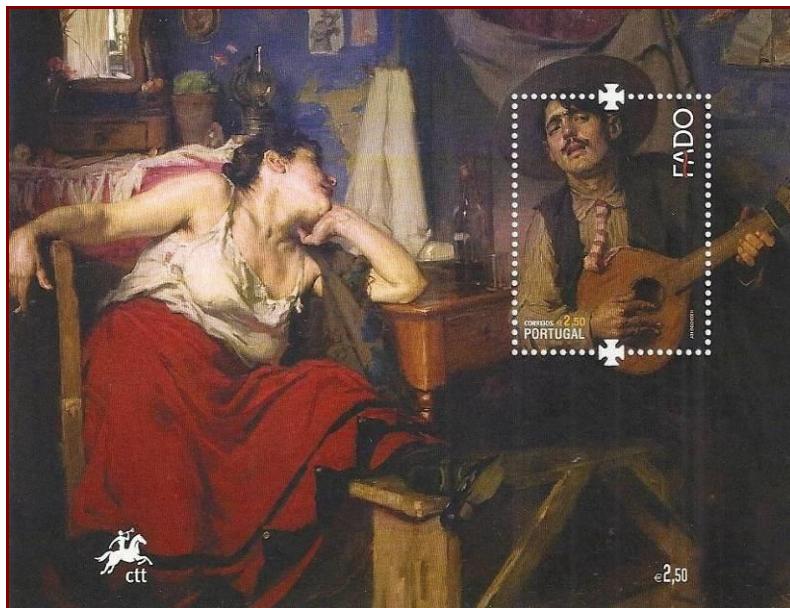
A vida de Malhoa desenrolou-se sobretudo em Lisboa mas, a partir de 1893 transferiu-se para Figueiró dos Vinhos graças ao seu amigo Simões de Almeida, que sempre o aconselhou a transferir-se para aquela localidade pelos encantos da natureza que aquela terra encerra, sendo mais tarde o local de inspiração artística para o pintor.

Malhoa nas suas obras nunca se deixou influenciar pelas imitações vindas do estrangeiro, antes pelo contrário, pois tentou sempre transpor para a sua obra todo o sentimento de um povo e da sua terra conforme o quadro intitulado “A Comédia” o demonstra.

Ao longo da sua vida Malhoa recebeu várias condecorações e honras, em Portugal e no estrangeiro, e participou em várias exposições quer a nível nacional como internacional, pois a sua obra foi sempre bem aceite, tanto pelo regime monárquico como pelo regime republicano.

A 28 DE Abril de 1934 foi inaugurado um museu nas Caldas da Rainha com o nome do artista e em sua honra onde está exposta uma grande variedade de obras suas.

Malhoa deixou uma obra colossal, composta por cerca de dois mil trabalhos englobando desenhos e pintura, uma produção muito variada no conceito geral do paisagismo e pintura de costumes, bem como retratos e pintura do tema histórico e decorativo religioso.



(fig. 14) *O Fado*, José Malhoa, 1910, Óleo sobre tela – Museu da Cidade – Camara Municipal de Lisboa
Bloco com um selo de € 2.50

VICENTE DA CAMARA

Referência incontornável na história do fado, Dom Vicente Maria do Carmo de Noronha, mais conhecido como Vicente da Camara, nasceu em Lisboa no Alto de Santa Catarina a 7 de Maio de 1928, filho de Maria Edite e João Luís da Camara, notável radialista e locutor da Emissora Nacional.

Descente de uma antiga família cujas raízes remontam a João Gonçalves Zarco, Vicente da Camara, desde muito cedo, começou a interessar-se pelo fado devido às influências do seu tio-avô que era fadista, bem como assistindo aos ensaios da sua tia Maria Teresa Noronha.

Com apenas 15 anos de idade iniciou-se no fado amador, aprendendo a tocar guitarra e frequentava, com grande assiduidade, várias casas de fados, como por exemplo, Adega Mesquita, Adega Machado e Adega Lucília, na companhia dos seus amigos de infância.

No ano de 1947, motivado pela sua tia e por Henrique Trigueiro, participou num concurso de fados organizado pela Emissora Nacional, sendo a vencedora desse concurso Júlia de Barros. No ano seguinte participa novamente num desses eventos e obtém o 1º prémio, o que motivou de tal forma para, a partir dessa data atuar com grande regularidade em vários eventos organizados por aquela estação de rádio.

Desde muito cedo sempre demonstrou ser um fadista com uma voz timbrada e de grande nitidez interpretativa.

Em meados do ano de 1950 assina o seu primeiro contrato discográfico com a Editora Valentim de Carvalho e grava o seu primeiro disco com os temas " Fado das Caldas " e "Varina".

No dia 23 de Abril de 1955 casa-se com D. Maria Augusta de Mello Novais Atayde nascendo desse matrimónio 6 filhos. De todos os filhos, o mais novo foi o único que seguiu as pisadas do pai, tendo ambos pisado o mesmo palco, gravando mutuamente, como aconteceu no CD " Tradição " (EMI 1993), tendo como companhia Nuno da Camara Pereira, numa homenagem a Maria Teresa de Noronha.

No ano de 1961 assina um contrato com a Editora Custódio Cardoso Pereira, escrevendo nesta época o fado "A Moda das Tranças Pretas", que foi o seu cartão-de-visita para a posteridade.

No ano de 1967 assina novo contrato, desta vez com a Rádio Triunfo, gravando vários discos com temas como "Guitarra Soluçante", "O Fado Antigo é Meu Amigo" e "Há Saudades Toda a Vida"

No cinema e na televisão Vicente da Camara teve um papel muito notável participando em vários filmes e diversos programas de televisão.

Com a revolução dos cravos o fado teve um decréscimo muito grande mas Vicente da Camara continuou a sua atividade profissional como inspetor da CIDLA.

A partir da década dos anos 80 o fado começou a ressurgir novamente e Vicente da Camara aproveitou essa época para se dedicar novamente ao fado, mas como profissional, tendo uma carreira muito intensa, quer a nível nacional como internacional, efetuando vários espetáculos na Alemanha, Luxemburgo, França, Espanha, Holanda, Canadá, África do Sul, Macau, Hong Kong, Seul, Coreia, Malásia, Brasil, Moçambique e Angola.

Após ter completado 40 anos de carreira artística, no ano de 1989, foi alvo de uma homenagem por parte de familiares e amigos no cinema Tivoli, tendo ele próprio atuado.

No dia 25 de Setembro, na inauguração do Museu do Fado (do qual é um dos membros do Conselho Consultivo), abriu o espetáculo, realizado no Largo Chafariz de Dentro, gravado pela RTP

No ano de 2006, edita um novo registo discográfico através da Ovação intitulado " O rio que nos viu nascer " e, ao longo dos anos tem sido reeditados em CD algumas das suas obras, com especial destaque para as coletâneas do seu trabalho nas coleções "O Melhor dos Melhores" (Movieplay, 1994) e "Biografia do Fado" (EMI, 2004).

No ano seguinte regressa ao cinema no filme de Carlos Saura, intitulado "Fados", protagonizando um tema dedicado às Casas de Fados, tendo feito parte desse elenco os seguintes fadistas: Maria da Nazaré, Ana Sofia Varela, Carminho, Ricardo Ribeiro e Pedro Moutinho.

Vicente da Camara completou 60 anos de carreira artística no ano de 2009, tendo sido homenageado no Teatro Tivoli, onde estiveram presentes vários artistas como por exemplo: José da Câmara, Maria João Quadros, Teresa Siqueira e António Pinto Basto, entre outros. Independentemente desta homenagem foi também distinguido, neste ano, com o " PRÉMIO CARREIRA " pela Fundação Amália Rodrigues.



(fig. 15) Carta circulada de Lisboa (terra natal da fadista Vicente da Camara) para o Porto em 15.10.2012, registada com o Nº RC457378952PT – Benfica (Lisboa), chegando ao destinatário a 16.10.2012 (fig. 16). Circulou com selos de € 0.32 – Vicente da Camara da Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade

(fig. 16) Carimbo de chegada ao destinatário



ARGENTINA SANTOS

Maria Argentina Pinto dos Santos, mais conhecida por Argentina Santos nasceu em Lisboa, na Mouraria (freguesia do Socorro) a 6 Fevereiro de 1924.

No ano de 1950 abriu um restaurante “A Parreirinha de Alfama”, iniciando então a partir dessa data, com grande sucesso, a sua carreira como fadista, cantando para os clientes da casa, sendo considerada na época como uma das grandes cantoras do fado castiço, sendo de destacar as interpretações os fados “As Duas Santas (letra de Augusto Martins e música do Fado Franklin) e Juras (letra de Alberto Rodrigues e música de Joaquim Campos), considerados grandes êxitos seus.

Pelo “A Parreirinha de Alfama” passaram as vozes ilustres de dois famosos fadistas, Alfredo Marceneiro e Júlio Pereira, assim como várias vozes femininas de figura da época. Várias fotografias espalhadas pela parede do restaurante testemunham esses acontecimentos.

Foi no ano de 1960 que Argentina Soares gravou o seu 1º disco com várias das suas composições mais conhecidas. Apesar de atuar com mais assiduidade no seu restaurante, Argentina Santos era uma fadista muito conhecida e apreciada pelo seu público, pois também atuava em festas públicas e privadas, bem como realizou várias tournées internacionais, nas quais passou pela Grécia, Venezuela, Escócia, França, Brasil, Itália e Países Baixos, onde era muito acarinhada.

Cantou em grandes salas, notáveis a nível nacional e internacional, como por exemplo: Grande Auditório do CCB e o Coliseu dos Recreios em Lisboa, a Catedral de Marselha em França, Queen Elisabeth Hall em Londres e La Cite de La Musique em Paris.

Graças ao seu sucesso como fadista, teve um papel muito importante em vários projetos ligados ao fado, como foi o caso do espetáculo “Cabelo Branco é Saudade” de Ricardo Pais e do filme de 2007 “Fados”, em que o realizador Carlos Saura imortalizou o seu fado “Vida Vivida” bem como a sua voz, cantando-o no referido filme juntando a sua voz às interpretações de grandes estrelas da world music como Lila Dows, Caetano Veloso, Carlos do Carmo, Chico Buarque, Laura e Marisa.

Argentina dos Santos é patrona da Academia do Fado em Recanati - Itália a qual foi inaugurada por ela. No ano de 2005 foi-lhe feita uma festa de homenagem e de consagração de carreira e foi distinguida com o Prémio Amália Rodrigues.



(fig. 17) Carta circulada de Lisboa (terra natal da fadista Argentina Santos) para o Porto em 15.10.2012, registada com o Nº RC627615738PT – Benfica (Lisboa), chegando ao destinatário a 16.10.2012 (fig. 18). Circulou com selos de € 0.47 – Argentina Santos da Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade, de € 0.10 da Emissão: 2011 – Festas Tradicionais, de € 0.20 da Emissão: 2009 - Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 3º Grupo) e € 0.01 da Emissão: 2010 – Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 4º grupo).
 (fig. 18) Carimbo de chegada ao destinatário

MARIA DA FÉ

Maria da Conceição da Costa Marques, mais conhecida como “Maria da Fé”, figura incontornável do universo do fado desde o ano de 1960, nasceu a 25 de Maio de 1942 na cidade do Porto, onde fez a instrução primária e começou a cantar devido às influências da mãe, tendo nessa época como nome artístico o de “Maria da Conceição”.

Em virtude das dificuldades económicas que os seus pais tinham pelo facto de terem uma família numerosa, Maria da Fé cedo começou a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Desempenhou as funções de costureira e de alfaiate na fábrica de tecidos Nogueira, acumulando também com as atuações em espetáculos que fazia aos fins-de-semana.

Maria da Fé começou a cantar com 9 anos de idade e quando completou os 13 participou num concurso do organizado pelo “Jornal de Notícias” e pelo empresário Domingos Parquer, que se realizou na Feira Popular do Porto. No ano de 1959 com 16 anos de idade, voltou a participar num concurso de fado realizado no Palácio de Cristal na cidade do Porto, sagrando-se vencedora tendo sido eleita como “Rainha das Cantadeiras”.

A gravação do seu primeiro disco no ano de 1959, dá-lhe uma grande projeção nacional, profissionalizando-se em 1963, dois anos após ter vindo para Lisboa, sendo logo contratada para cantar nas principais casas de fado e depois no Casino do Estoril. Nesse ano lançou o *Pop-Fado*, que foi muito criticado pelos tradicionalistas mas, foi a rampa de lançamento para a sua carreira, e adotou o seu nome artístico, “Maria da Fé”, com objetivo de tirar a carteira profissional que era obrigatória, sendo esse nome sugerido pelo fadista Raul Dias.

Casou-se no ano de 1968 com o famoso compositor e fadista José Luís Gordo, e desse matrimónio nasceram duas filhas. Maria da Fé foi a primeira fadista a participar no Festival da Canção da RTP, o que aconteceu no ano de 1969, com o fado “Vento do Norte” da autoria de Francisco Nicholson Braga dos Santos.

No ano de 1975 abriu uma “Casa de Fados - o Sr.º Vinho”, sendo essa considerada como um dos importantes espaços culturais de Lisboa. Com o decorrer dos anos as suas interpretações foram aumentando de sucesso, gravando imensos discos e participando em inúmeros espetáculos, a nível nacional e internacional sendo muito divulgada através dos meios de comunicação social.

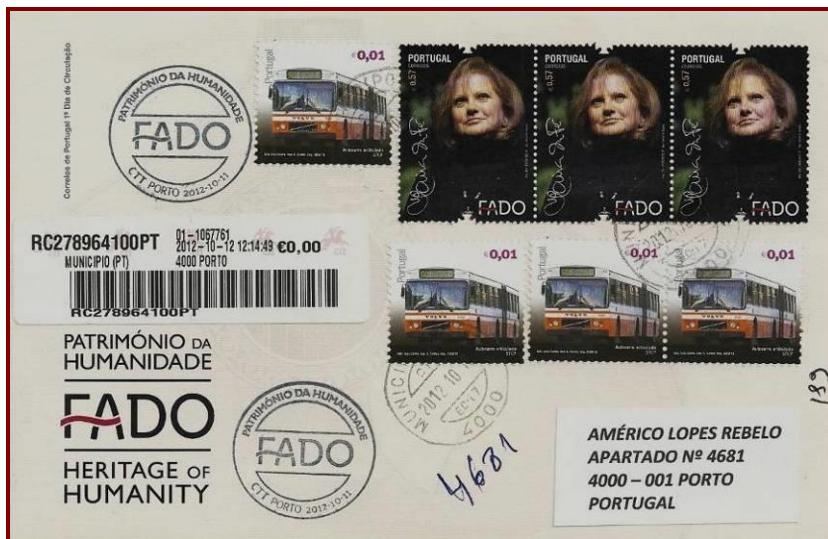
Maria da Fé também esteve ligada ao cinema, participando no ano de 1984 no filme “ To Catch King ”, realizado por Clive Donner e protagonizado Robert Wagner, interpretando dois fados “ Cantarei até que a voz me doa ” e “ Portugal, meus amor ”.

No ano de 2003 comemorou os seus quarenta anos de carreira organizando um espetáculo, no Teatro S. Luís, intitulado “ Divino Fado ”, onde estiveram presentes artistas como Ana Sofia Varela, António Zambujo, Carlos Macedo, Jorge Fernando, Ana Moura, Aldina Duarte, João Ferreira Rosa e Argentina Soares.

Mária da Fé divulgou o fado em vários países tais como o Brasil, atuando nas casas de espetáculos do Rio de Janeiro e de São Paulo, os Estados Unidos, Bélgica e Itália.

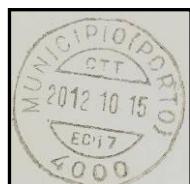
Graças ao seu sucesso e à forma como divulgou o fado a nível internacional foi várias vezes homenageada. No ano de 2005 foi-lhe atribuída a *Medalha de Mérito Cultural*, pelo Ministério da Cultura Portuguesa, pelo reconhecimento da sua carreira, que muito contribui para a divulgação da cultura musical a nível internacional. Foi galardoada também com a *Cruz de Mérito da Cruz Vermelha Portuguesa* bem como com a *Medalha de Ouro* da Cidade do Porto. No ano seguinte foi distinguida pela Fundação Amália Rodrigues com *Prémio para a Melhor Intérprete Feminina de 2006*. Em 2009 foi homenageada com um espetáculo comemorativo dos seus 50 anos de carreira onde atuaram vários artistas. No dia 25 de Junho de 2009 atuou num espetáculo no Coliseu de Lisboa tendo sido mais uma vez homenageada pela Câmara Municipal de Lisboa com a *Medalha da Cidade de Lisboa* bem como com uma *Placa de Prata da Sociedade Portuguesa de Autores*.

Atualmente Maria da Fé continua a fazer várias espetáculos e é também a responsável pela gerência da sua Casa de Fados.



(fig. 19) Carta circulada no Porto (terra natal da fadista Maria da Fé) em 12.10.2012, registada com o Nº RC278964100PT – Município (Porto), chegando ao destinatário a 15.10.2012 (fig. 20). Circulou com selos de € 0.57 – Maria da Fé da Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade e € 0.01 da Emissão: 2010 – Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 4º grupo).

(fig. 20) Carimbo de chegada ao destinatário



RODRIGO

Rodrigo Ferreira Inácio, mais conhecido por Rodrigo, nasceu em Lisboa, na freguesia da Graça a 29 de Junho 1941. Criado no seio de uma família pobre e humilde, começou a trabalhar muito cedo, para ajudar no sustento da casa numa empresa de peças de automóveis – UTIC, indo mais tarde para a Companhia Nacional de Navegação onde permaneceu até aos 19 anos.

Foi nesta altura que começou a dar os seus primeiros passos na música, integrando o grupo musical “ Os cinco reis ”, que se dedicava a cantar em português músicas latino-americanas, gravando um disco intitulado “ O Pepe ”, grande sucesso naquela época, sendo bastante divulgado através dos meios de comunicação social. Este projeto acabaria pelo facto de Rodrigo ter ingressado no serviço militar.

Com 21 anos de idade Rodrigo emigra para França, no sentido de procurar uma vida melhor, conhecendo novas culturas, novas gentes, novas línguas e novos hábitos de vida, regressando definitivamente a Portugal com 26 anos de idade. Começa a frequentar diversas casas de fado onde começa também a cantar.

Nesse meio artístico conhece fadistas de grande craveira, como eram os casos de Teresa Tarouca, António Melo Correia, João Braga, José Pracana, Carlos Zel, Carlos Guedes Amorim e de Teresa Siqueira, entre outros. Foi por essa altura que começou a ser solicitado para espetáculos ao vivo bem como gravou o seu primeiro disco, ainda como amador no ano de 1973, intitulado “A Última Tourada Real em Salvaterra”. Este teve um grande sucesso bem como outros que se seguiram e, no ano de 1975, torna-se profissional do fado, renunciando ao cargo de gerente de uma editora gráfica, dedicando-se exclusivamente à sua paixão que era o fado.

No ano de 1976 edita um novo disco “ Coentros e Rabanetes ”, que foi a rampa de lançamento para a sua carreira, sendo convidado para participar em vários concertos, entrevistas, programas de televisão, sendo convidado para atuar numa Gala no Casino da Figueira da Foz.

Rodrigo, apesar de ter nascido em Lisboa, viveu parte da sua vida em Cascais, sendo conhecido pelo “ Fadista de Cascais ”. Foi proprietário, durante cerca de 30 anos, de uma das famosas casas de fado de Cascais “ Forte D. Rodrigo ” mas sempre se dedicou de alma e coração à sua grande paixão de intérprete do fado.

O seu nome estará assim sempre ligado à cidade de Cascais, e é devido a esta sua ligação, que a respetiva câmara municipal resolveu distingui-lo com a medalha de mérito, passando assim a fazer parte dos “notáveis” do Concelho.

Rodrigo teve uma carreira repleta de êxitos, tendo atuado em várias salas de espetáculos e cadeias de televisão espalhadas por todo o mundo, como foram os casos de Espanha, Alemanha, França, Canadá, Estados Unidos da América, Brasil, Venezuela, África, etc., estando sempre ligado à maioria das comunidades portuguesas espalhadas por esses países.

Fadista sempre muito perfeccionista, pois todos os seus espetáculos eram preparados com todo o rigor e profissionalismo, foi também um dos responsáveis pela criação da União Portuguesa de Artistas de Variedades (UPAV). A sua discografia conta com imensos trabalhos na sua maioria discos de ouro ou prata, destacando-se o trabalho de Novembro de 2002 intitulado “ Marés de Saudade ” ,

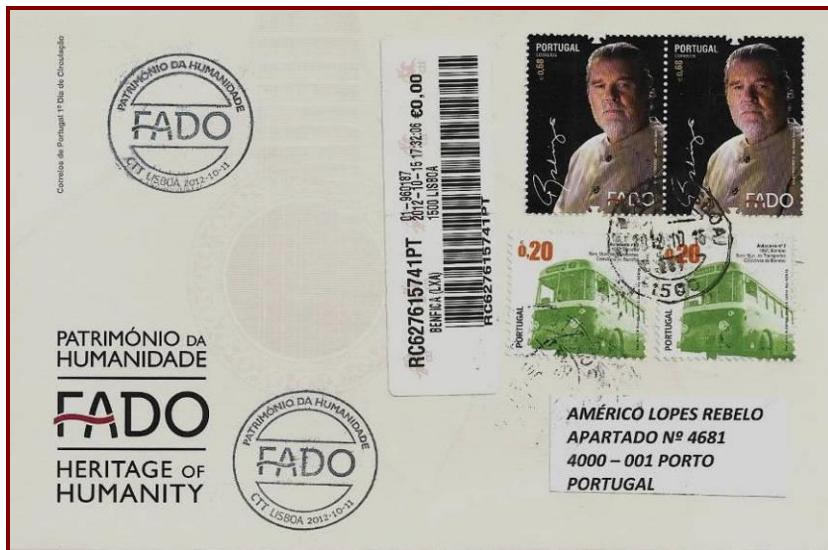
Rodrigo é um dos grandes responsáveis pela divulgação da canção de Lisboa em todo o Mundo, representado várias vezes Portugal em diversos certames Internacionais, fazendo-o sempre de uma maneira honrosa e com muito profissionalismo. Das suas atuações mais significativas destaco as seguintes:

- Primeiro centenário da Cidade de Joanesburgo - África do Sul
- Festival Autour du Monde-Casino de Monte Carlo - Mónaco
- Festival del Sol – Trujillo, Espanha
- Jantar de Gala em Honra do Presidente norte-americano Jimmy Carter em Washington

Por tudo este seu trabalho, feito com muita dedicação e profissionalismo, foi distinguido pelo Senado, com o Diploma de Agradecimento pela sua prestação cultural ao povo do Estado de Rhode Island, nos Estados Unidos da América.

De todo o seu reportório os grandes êxitos da sua carreira foram os seguintes: "Cais do Sodré" de Francisco V. Bandeiras, "Gente do Mar" e "Eu sou o Povo" e "Canto de Esperança" de João Dias, "Coentros e Rabanetes" de Jorge Atayde.

Rodrigo continua a ser uma pessoa com uma grande popularidade, simpatia, admiração, respeito e carinho de todo o povo português.



(fig. 21) Carta circulada de Lisboa (terra natal do fadista Rodrigo) em 15.10.2012, registada com o Nº RC627615741PT – Benfica (Lisboa) chegando ao destinatário a 16.10.2012 (fig. 22). Circulou com selos de € 0.68 – Rodrigo da Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade e € 0.20 da Emissão: 2009 - Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 3º Grupo)

(fig. 22) Carimbo de chegada ao destinatário

CAMANÉ

Carlos Manuel Moutinho Paiva Santos é mais conhecido por "**Camané**", nome artístico que adotou pelo facto de ser assim conhecido desde a sua infância.

Camané nasceu em Oeiras a 20 de Dezembro de 1966, sendo irmão mais velho de dois fadistas Hélder Moutinho e Pedro Moutinho, tendo estudado só até ao 8º ano. Como não quis prosseguir os estudos o pai pô-lo a trabalhar no Arsenal do Alfeite onde esteve até ingressar no serviço militar.

A sua relação com o fado está relacionada com o tempo de infância, porque era um género musical que se ouvia muito em casa dos seus pais e, porque quando recuperava de uma doença, esteve cerca de 20 dias permanentemente em casa a ouvir grandes intérpretes do fado como por exemplo: Amália Rodrigues, Alfredo Marceneiro, Carlos do Carmo, Carlos Ramos, Lucília do Carmo, Maria Teresa Noronha, Hermínia Silva entre outros.

Numa entrevista dada à revista do Expresso, "REVISTA" de 20 de Abril 2013 o jornalista Nelson Marques questionou Camané com a seguinte pergunta:

"Nasceu em Oeiras. Como é que um menino da Linha, que não gostava de fado começou a cantar?"

Camané respondeu:

"O meu pai era da Madragoa. O meu bisavô cantava fado, o meu avô também e o meu pai trauteava fados em casa. A maior parte dos discos que tínhamos eram de fado. Mas era algo que até me irritava um pouco, achava aquilo muito esquisito. Foi um género que inicialmente me soava estranho, mas que depois

assimilei com uma facilidade enorme. Na altura estava doente em casa (teve hepatite, aos sete anos) e, depois de ter ouvido compulsivamente um disco dos Beatles , outro do Aznavour e um do Sinatra, não tinha discos para crianças, e virei-me para o fado. Ouvia compulsivamente os grandes fadistas”.

Camané teve a sua primeira interpretação em público no restaurante de fados “ Cesária ” em Alcântara, tendo cantado um fado de Fernando Maurício, e é a partir dessa data que tenta acompanhar os pais às casas de fado para assim poder cantar.

Na mudança da sua adolescência para a fase adulta, Camané passou por alguns problemas menos bons derivado às companhias. Sobre esta fase da sua vida , e na mesma entrevista acima citada, o jornalista perguntou-lhe o seguinte:

Teve uma fase de excessos.

Quando é que eles começaram?

Camané respondeu da seguinte forma:

“ Não é coisa sobre a qual goste muito de falar.... Foi já na entrada na fase adulta. Aconteceu por atração. Uma série de amigos meus da altura apareceram-me a sorrir, com uma felicidade do caraças, e quis ficar como eles. Foi numa altura em que me custou muito lidar comigo mesmo, em que tentei preencher o vazio de uma maneira errada. Julguei que seria a certa, mas depois percebi que não era e percebi também que tinha que tomar opções certas para a minha vida. Mas também se não tivesse acontecido não seria a pessoa que sou hoje”.

Que substâncias foram essas?

“Foram uma série de coisas que foram muito perigosas na altura... Nunca tive uma droga de eleição, mas a pior foi o álcool. Cheguei a consumir, muitas vezes, para me ajudar a atuar”.

No ano de 1979 participou num concurso de fados “ A Grande Noite do Fado ”, tendo obtido o 1º lugar e gravado alguns álbuns. Nesse ano gravou também o primeiro LP, um disco produzido pelo guitarrista António Chainho.

Entre os 13 e os 18 anos fez um interregno na sua vida artística devido às transformações da própria adolescência como foi o caso da mudança de voz.

Sobre este interregno na sua carreira, na mesma entrevista citada à pergunta / afirmação seguinte do jornalista:

Mas na sua adolescência chegou a afastar-se.

Camané respondeu da seguinte forma:

“ Foi a partir dos 13, 14 anos. Tive uma transição de voz e foi doloroso, porque a voz não funcionava, estava descontrolada, as tonalidades estavam a mudar e enrouquecia muito facilmente. Comecei a perceber que não conseguia cantar como gostaria. Então decidi deixar de cantar fado durante alguns anos. Nessa altura ouvi muitas outras músicas. Iámos para as discotecas que havia ali na zona, para as festas de garagem, ouvir outros estilos musicais, como os Doors, os Stones, os Genesis, os AC/DC, os Bruce Springsteen, e tantos outros”.

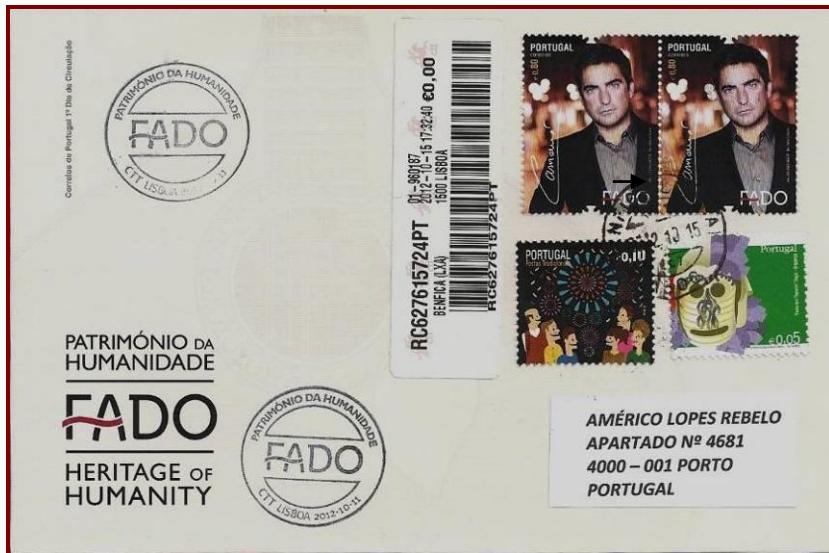
Após esse interregno regressa novamente às lides do fado participando em diversos espetáculos bem como atuando em várias casas do género onde sempre se evidenciou. A nível da televisão fez as suas primeiras apresentações nos programas da Teresa Guilherme e de Herman José, que foram muito importantes para o lançamento da sua carreira artística.

Mais tarde foi convidado para participar em vários espetáculos de Filipe de La Féria, como foi o caso de “ Grande Noite”, “Maldita Cocaína” e “Cabaret”. Foi num desses espetáculos “Maldita Cocaína ”, que lhe surgiu um convite da editora EMI para gravar o seu primeiro CD intitulado “ Uma Noite de Fados ” editado no ano de 1995.

Este trabalho foi muito importante para o futuro da sua carreira, dado que a crítica especializada nesta área elegeu Camané como sendo “*a voz mais representativa da nova geração do fado*”. No ano de 1998 grava um novo CD intitulado “*Na Linha da Vida*”, que foi um grande sucesso consagrando-o como um dos intérpretes mais impressionantes do fado em Portugal.

Depois de tudo isto Camané passou a ser muito solicitado para atuar em diversos espetáculos, quer a nível nacional como internacional e nos festivais “*Tombées de La Nuit*” em Rennes e “*Les Méditerranées à l'Européen*” em Paris, gravando também vários discos.

Camané mantém-se sempre muito ativo, e o seu nome faz parte dos universos dos fadistas mais consagrados, sendo constantemente solicitado para espetáculos em diversas partes do mundo.



(fig. 23) Carta circulada de Lisboa (terra natal do fadista Camané) em 15.10.2012, registada com o Nº RC627615724PT – Benfica (Lisboa) chegando ao destinatário a 16.10.2012 (fig. 24). Circulou com selos de € 0.80 – Camané da Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade de € 0.10 da Emissão: 2011 – Festas Tradicionais, de € (Emissão Base 3º Grupo) € 0.05 da Emissão: 2006 – Máscaras de Portugal (2º grupo)

(fig. 24) Carimbo de chegada ao destinatário

MARISA

Marisa dos Reis Nunes, fadista portuguesa mais conhecida como “Marisa”, nasceu em Lourenço Marques (atual Maputo) a 16 de Dezembro de 1973. Filha de pai português, José Brandão Nunes e de mãe Moçambicana Isabel Nunes.

Segundo descrição de seus pais Marisa nasceu prematura de seis meses e meio, e em declarações à estação de televisão “SIC”, Marisa disse que seu pai considerava-a como um bebé feio e que provavelmente não iria sobreviver por ter nascido daquela forma. Ela própria acrescentou “que ainda tinha as orelhas coladas e os olhos por abrir”.

Com a revolução do 25 de Abril de 1974 a maior parte das pessoas que estavam nas ex-colónias Portuguesas (Angola e Moçambique), regressaram a Portugal, perdendo a maior parte dos seus haveres, que tinham conseguido após uma vida de tanto trabalho e imensos sacrifícios como foi o caso dos pais de Marisa.

Após terem chegado a Lisboa no ano 1979, a família de Marisa instalaram-se em Corroios, montando um restaurante com o nome Zalala (*em homenagem a uma praia de Moçambique*), na Mouraria, bairro típico da cidade de Lisboa considerado como o berço do fado. Esse restaurante era frequentado por inúmeros fadistas como por exemplo: Fernando Maurício, Artur Batalha e Alfredo Marceneiro Jr., filho do famoso fadista Alfredo Marceneiro.

Hoje pode-se dizer que Alfredo Marceneiro Jr. foi um dos grandes responsáveis pelo êxito de Marisa, pois foi ele que a levou pela 1ª vez a cantar num ambiente profissional na Casa de Fado Machado, tendo ela apenas 7 anos de idade.

Segundo várias declarações de Marisa o seu gosto pelo fado deve-se ao seu pai, por este ser um apaixonado por este tipo de música, pois passava a maior parte do seu tempo a ouvir discos de fados sendo os seus cantores prediletos Fernando Farinha, Fernando Maurício, Amália Rodrigues Carlos do Carmo, Alfredo Marceneiro, Carlos Ramos, Hermínia Silva entre outros, que tiveram um papel muito importante na carreira de fadista que Marisa abraçou.

O primeiro fado que Marisa interpretou no restaurante dos seus pais “Zolala”, foi os “Putos”, do fadista Carlos do Carmo, que o seu pai lhe ensinou dado que era um dos seus preferidos.

Marisa recebeu o seu primeiro “xaile negro” com apenas 5 anos de idade para atuar no restaurante dos seus pais, aprendendo, a partir dessa data, a moldar e a corrigir a voz, que a tornou famosa e reconhecida mundialmente. Sobre este estabelecimento, onde iniciou a sua carreira, a fadista disse o seguinte:

“Foi aqui que toda a história começou. Se calhar é aqui que vai acabar. Tudo pode acabar de repente, tal como começou, e eu volto à minha Mouraria e à taberninha dos meus pais para servir dobradinhas e copos de vinho que não me chateia nada!”

Na adolescência Marisa frequentou a escola secundária Gil Vicente onde conclui os seus estudos. Antes de se assumir como fadista profissional interpretou diversos estilos musicais como gospel, soul e jazz, bem como música ligeira rodeando-se sempre de grandes artistas, como foi o caso do cantor Luís Filipe Reis.

Durante a sua juventude fez parte de uma banda de covers de nome Vinyl, que atuavam com alguma regularidade no bar Xafarix, em Lisboa, fundando mais tarde os Funkytown. Marisa sempre teve um grande fascínio pela música brasileira, tendo vivido no Brasil, no ano de 1996, durante cinco meses. Como todos os jovens daquela época tinha a ideia que o fado era uma música que fazia parte do salazarismo mas, desde muito cedo mudou a sua forma de pensar, pois o fado fazia parte da sua cultura e das raízes portuguesas.

A sua carreira profissional teve o seu início na casa de fados mais típica da cidade de Lisboa “O Sr. Vinho”, propriedade de Maria da Fé (que foi praticamente a sua professora) e de José Luís gordo. Atuou também várias vezes no Café Café, propriedade de Herman José e, a primeira vez que cantou em público foi interpretando o fado “Povo que lavas no Rio”.

Ao longo da sua carreira profissional tem participado em inúmeros espetáculos e concertos, tem gravado vários CD e DVD bem como tem sido distinguida, e recebendo vários prémios a nível nacional e internacional.

No ano de 2007 atuou na Ópera de Sydney, em Sydney, na Austrália, no Carnegie Hall, em Nova Iorque, bem como em Los Angeles, no Disney Concert Hall. Neste último concerto o palco foi desenhado pelo famoso arquiteto Frank Gehry que reproduzia uma tradicional taberna Lisboeta.

Sobre Marisa, Herman José Krippahl, humorista e entertainer Português, nascido em Lisboa em 1954, escreveu na obra “Colecção - O fado do público - Edição Corda Seca – Edições de Arte, SA – Publico Comunicação Social, SA 2004 - Para uma História do Fado”, o seguinte sobre:

“É cedo para falar de Marisa. Conhecia só ontem. Talentosa, tímida, ávida de conhecimentos, com algumas certezas, muitas dúvidas.

Hoje é uma explosão pirotécnica num céu rotineiro quase sempre cinzento-escuro e de poucas surpresas.

Neste momento ainda olhamos todos em espanto para os resultados avassaladores da mágica explosão.

Ainda não conseguimos fechar a boca encandeados com tanta luz, tanto fado, tanta emoção.

Amanhã apanharemos as canas, e percebemos se o fogo era fátuo, ou se no firmamento ficou uma estrela.

Daquelas maiores - que a gente não faz a coisa por menos – entre as constelações Brel, Amália, Ella...

Peço-vos que não contem comigo para essa avaliação.

Já nos tornamos demasiadamente amigos, e por isso estou a perder a distância crítica. Sobretudo para escrever prefácios".

Na mesma obra Miguel Francisco Cadete, diretor da revista BILTZ 73, escreveu o seguinte sobre Marisa:

MARIZA – UMA HISTÓRIA PORTUGUESA

"Não foram fáceis os primeiros passos da carreira de Mariza. Naquela altura, não existiam em Portugal editoras interessadas na edição do seu disco de estreia; e então foi uma pequena casa discográfica holandesa que lhe abriu os braços. Os meios de comunicação social também não estavam pelos ajustes. De entre a enchente de novas "DIVAS", ela quase passava despercebida. Não tinha perfil, diziam. A estatura alta, o sangue africano, o cabelo tingido de ouro e a figura esguia que vestia estilistas pouco convencionais transformavam-na numa fadista que, muito simplesmente, não cumpria os cânones. Poucos repararam na escola criteriosa do seu repertório, dos seus músicos, dos produtores e na forma sadia cruzava a tradição com inovação, sempre em busca da sua forma própria de cantar o fado. Sempre à procura da sua voz. A sua voz, sobretudo a sua voz, não era escutada com a devida atenção. Para mal dos nossos pecados, era lá fora que a tratavam com carinho e onde facilmente se podia ouvi-la encantar. Tornou-se no primeiro artista a português a participar no programa de televisão "LATER", apresentando por Jools Holland na BBC.

Já ao lado das maiores estrelas do firmamento da música Pop. E começou também a ganhar um ror de prémios de gabarito internacional que, finalmente fizeram com que as atenções se virassem para ela, também aqui em Portugal. Quando conquistou o galardão para a melhor artista europeia da mesma BBC, o processo era imparável. Mariza tinha então actuado nalgumas das cidades e salas mais prestigiadas do mundo, do lado de lá e de cá do Atlântico. Por aqui, a sua voz já havia definitivamente rompido o cerco e os seus discos batiam os recordes de vendas de todos os fadistas destas e de outras eras. A poeira tinha assentado, o ruído deixava de interferir. Agora ouvia-se a sua voz. E era impossível ignorá-la. Afinal, quem percebeu que temos todos Mariza na nossa voz".

Marisa participou num projeto, com a Rede Globo e a Unicef, intitulado "Criança Esperança" para ajudar 30 mil crianças. Sobre este evento o jornal Correio da Manha publicou no dia 18 de Agosto de 2012 o seguinte que passo a transcrever:

"Artista é primeira portuguesa a participar em 'Criança Esperança'

Mariza canta fado no Brasil

É a primeira artista portuguesa a participar no evento e a única não brasileira na edição deste ano: a fadista Mariza atua esta noite na gala 'Criança Esperança', que decorre na HSBC Arena do Rio de Janeiro.

Por:R.P.V.





(fig. 25) Carta circulada de Lisboa (terra natal do fadista Marisa) em 15.10.2012, registada com o Nº RC931793905PT – Benfica (Lisboa) chegando ao destinatário a 16.10.2012 (fig. 26). Circulou com selos de € 1.00 – Marisa da Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade, € 0.20 da Emissão: 2009 – Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 3º Grupo), € 0.01 da Emissão: 2010 – Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 4º grupo) e € 0.05 da Emissão: 2006 – Máscaras de Portugal (2º grupo)

(fig. 26) Carimbo de chegada ao destinatário

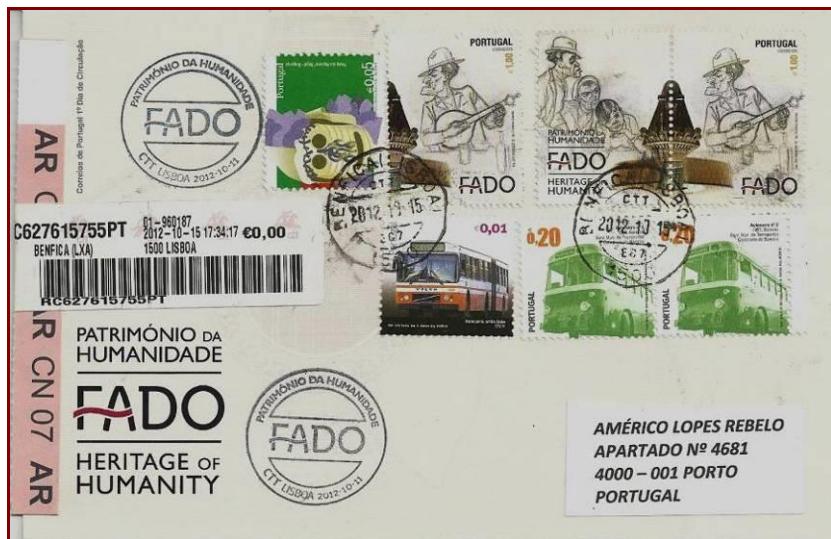
EMMERICO HARTWICH NUNES

Emmerico Hartwich Nunes nasceu em Lisboa a 6 de Janeiro de 1888 e faleceu na mesma cidade a 18 de Janeiro de 1968. Foi um pintor, ilustrador e caricaturista português que pertenceu à primeira geração de artistas modernistas portugueses. De ascendência portuguesa (pela parte do pai) e alemã (pela parte da mãe) a sua vida e obra seriam "fortemente marcadas pela sua condição de artista entre duas pátrias".

Os selos de € 1.00 (fig. 27) (desenho a lápis sem título, sobre papel vegetal de Emmerico Nunes) fazem parte da coleção particular do artista "Guitarra Portuguesa", que pertence ao espólio do Museu do Fado, tendo sido fotografados por Hélder Soares.



(fig. 27)



(fig. 28) Carta circulada de Lisboa (terra natal de Emmerico Hartwich Nunes) em 15.10.2012, registada com o Nº RC627615755PT – Benfica (Lisboa) chegando ao destinatário a 16.10.2012 (fig. 29). Circulou com selos de € 1.00 – Desenho a lápis, de Emmerico Nunes com logo “Património da Humanidade – Fado” - Emissão: 2012 – Fado Património da Humanidade, € 0.20 da Emissão: 2009 - Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 3º Grupo), € 0.01 da Emissão: 2010 – Transportes Públicos Urbanos (Emissão Base 4º grupo) e € 0.05 da Emissão: 2006 – Máscaras de Portugal (2º grupo).

(fig. 29) Carimbo de chegada ao destinatário

BIOGRAFIA:

- Carvalho, Pinto – História do Fado – Publicações D. Quixote – Lisboa 1994.
- Carvalho, Ruben – As Músicas do Fado – Campos e Letras – Editores S. A. Porto – 1994.
- Costa, Júlio de Sousa – Severa – Acontecimento Estudo e Edições Lda.
- Coleção o Fado do Público – Edição Corda Seca – Edições de Arte, Sa – Público comunicação Social, SA - 2004
- Lisboa, Eduardo Sucena – O Fado dos Fadistas – Colecção Outras Obras – 1992 - Editora: Assírio Bacelar
- Pagelas dos CTT – Anos de 2011/2012
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – Editorial Enciclopédia LTDª - Lisboa – Rio de Janeiro
- Santos, Vítor Pavão – Amália – Contexto Editora – 1987
- Sardinha, José Alberto – A Origem do Fado – Produção Editorial Tradison – Vila Verde – Maio 2010
- Wikipédia, a encyclopédia livre.

Elaborado por Américo Rebelo

Emissões Postais Internacionais com Imagens Semelhantes aos Selos Brasileiros

CESAR AUGUSTO DE SOUZA PROCOPIO (Sócio Nº432)

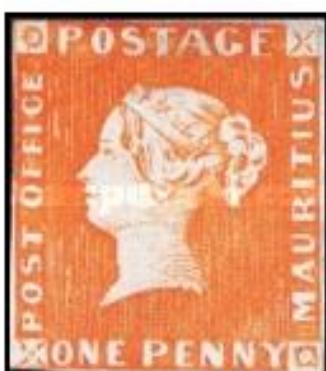
As Administrações postais anualmente lançam diversas emissões sobre variados temas, e algumas destas peças filatélicas (selos, cadernetas, blocos, inteiros, entre outros) se assemelham, propositadamente ou não, a peças filatélicas emitidas por outras Administrações postais.

O primeiro selo, com estampa similar a outro selo, foi lançado pelas Ilhas Maurício.

Em 1847, as Ilhas Maurício se tornaram o 4º emissor mundial de selo, para porteamento válido em todo território, lançando os selos “Mauritius Post Office”, cuja estampa é similar ao Penny Black (1º selo mundial, lançado pela Grã Bretanha em 1840).



Penny Black (1840)



Mauritius Post Office (1847)



Fonte: stampworld.com

Na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grã Bretanha, Holanda, Itália e Portugal possuíam territórios ultramarinos (colônias, escritórios e ocupações) e produziram, para uso em seus territórios, selos (ultramarinos) semelhantes aos utilizados internamente ou selos internos com sobrecarga do nome do território.



Espanha (1872)



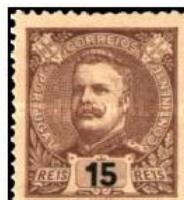
Colônias (1873)



Portugal (1866)



Colônia (1868)



Portugal (1895)



Colônia (1898)



Exterior italiano (1874)

Várias séries ultramarinas foram emitidas, iniciando pela série Britânia (1849-1882).

Os totais de selos (incluindo os sobretaxados) de algumas séries ultramarinas, destinado ao uso em territórios coloniais, foram:

Séries ultramarinas britânicas:



Britânia (1849-1882)



Rainha Victoria (1851-1895)



Rei Edward VII (1903-1912)



Fonte: stampworld.com/

- Britânia (1849-1882), com 41 selos para 3 territórios.
- Rainha Victoria (1851-1895), com 61 selos para 8 territórios.
- Rei Edward VII (1903-1912), com 355 selos para 16 territórios.

Séries ultramarinas portuguesas:



Coroa (1870-1885)

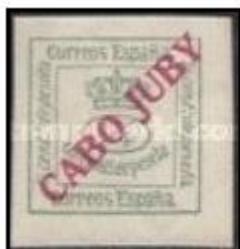


Rei Luiz (1866-1915)

Fonte: stampworld.com/

- Coroa (1870-1885), com 311 selos para 7 territórios
- Rei Luiz (1866-1915), com 306 selos para 12 territórios.

Séries ultramarinas espanholas:



Coroa-selo para jornais
(1872-1922)



Rei Afonso XIII (1898-1910)

Fonte: stampworld.com/

- Coroa-selo para jornais (1872-1922), com 7 selos para 3 territórios.
- Rei Afonso XIII (1898-1910), com 302 selos para 8 territórios.

Séries ultramarinas francesas:



Porte colonial
(1881-1892)



Navegação e comércio
(1892-1907)



General Louis Faidherbe (1906-1907)



Palmeira (1906-1907)

Fonte: stampworld.com/

- Porte colonial (1881-1892), com 336 selos para 19 territórios.
- Navegação e comércio (1892-1907), com 855 selos para 37 territórios.
- General Louis Faidherbe (1906-1907), com 32 selos para 3 territórios.
- Palmeira (1906-1907), com 45 selos para 6 territórios.

Séries ultramarinas alemãs:



Germânia (1900-1921)



Navio Hohenzollern (1900-1916)

Fonte: stampworld.com/

- Germânia (1900-1921), com 109 selos para 4 territórios.
- Navio Hohenzollern (1900-1916), com 198 selos para 10 territórios.

Filatelia em Nuvem
FILABRAS: Um Clube Nacional, Virtual e Via Internet

Seja um filatlista na FILABRAS
Inscrição grátis e sem mensalidades - Inscrição pelo site: www.filabras.org

FILABRAS
Associação dos Filatelistas Brasileiros

Séries ultramarinas italianas:



Fonte: stampworld.com/

A Itália emitiu milhares de selos, distribuídos em várias séries ultramarinas, para utilização em seus 45 territórios entre 1900 e 1940.

Porém, a maioria dos selos ultramarinos foi emitida na primeira metade do século XX, principalmente devido às ocupações e perdas territoriais, e independências de ex-colônias geradas principalmente pelos acontecimentos das duas guerras mundiais.



Fonte: stampworld.com/

A primeira Série colonial comemorativa foi emitida por Portugal em 1894, homenageando o Infante Dom Henrique de Avis (O navegador), foram emitidos 26 selos para uso em Portugal e na sua colônia de Açores.

E a primeira grande Série colonial comemorativa também foi emitida por Portugal, esta série homenageou os 400 anos da descoberta da rota marítima para Índia por Vasco da Gama, foram emitidos 336 selos (incluindo sobretaxados) para 17 territórios, entre 1898 e 1913.

Portugal emitiu outras Séries coloniais comemorativas, até a França lançar sua primeira grande série colonial comemorativa, homenageando a Exposição colonial de Paris, em 1931, emitindo 103 selos para 26 territórios.

Em seguida, em 1935, a Grã-Bretanha lançou sua primeira grande série colonial comemorativa, homenageando o jubileu de prata do reinado de George V, emitindo 249 selos para 62 territórios.

Várias outras Séries coloniais comemorativas foram emitidas até o ano de 2003.



Infante Dom Henrique (1894)



Vasco da Gama (1898-1913)



Exposição Colonial de Paris (1931)



25 anos do reinado de George V (1935)

Fonte: stampworld.com/

A Organização das Nações Unidas (ONU) incentivou o desenvolvimento destas séries, que evoluíram para tornarem-se Séries comemorativas mundiais, também chamadas Séries Ônibus.

A primeira Série comemorativa mundial surgiu em 1952, em comemoração ao quarto aniversário da Declaração universal dos direitos humanos.

A partir daí, a ONU, através de suas Agências (FAO, OIT, OMS, OMT, UIT, UNESCO, UNICEF, UPU, entre outras) incentiva seus Estados membros (Nações e Territórios coloniais) a emitirem selos de divulgação de campanhas, como: ano de proteção aos Refugiados (1960), campanha de erradicação da malária (1962), Campanha mundial contra a fome (1963), centenário da União Internacional de Telecomunicações-UIT (1965), 20 Anos da UNESCO (1966), Ano internacional dos direitos humanos (1968), ano internacional da mulher (1975), ano internacional da criança (1979), e muitos outros.



Refugiados (1960)



Fome (1963)



Mulher (1975)



Criança (1979)

Fonte: stampworld.com/

Estas emissões tornaram-se Séries comemorativas mundiais (Séries Ônibus), algumas, contendo centenas de selos com diferentes estampas, porque não há a obrigatoriedade de todas as Administrações postais emitirem seus selos com o mesmo desenho.

Mas, convencer tantos Estados membros (Administradores nacionais postais) a participarem de Séries comemorativas mundiais não é tarefa fácil, principalmente, quando o tema da campanha não seja um assunto de extrema relevância interna e mundial.

Devido a isto, e inspirado nas Séries: Coloniais comemorativas e Comemorativas mundiais, alguns Órgãos como o CEPT (Conferência Europeia das Administrações de Correios e Telecomunicações), e a UPAEP (União Postal das Américas, Espanha e Portugal) inspiraram seus membros a emitirem séries com “menos” selos e relacionados aos assuntos de relevâncias regionais, e originando as Séries comemorativas Continentais: Europa (CEPT) e América (UPAEP).

As Séries comemorativas Continentais Europa (CEPT) são emitidas anualmente desde 1956, com o número crescente de selos e territórios, porque foram emitidos 13 selos em 6 territórios em 1956 e emitiram-se 108 selos e blocos em 60 territórios em 2024, sendo que, em alguns anos, todas as Administrações postais emitem selos com um desenho escolhido por concurso (Common Design), enquanto em outros anos, é escolhido um tema, e as Administrações postais possuem total liberdade de emissão, inclusive lançando selos, cadernetas, blocos, inteiros, entre outros.



Série Europa (1956)



Série Europa (2024)



Fonte: stampworld.com/

Inspirado na Série Europa da CEPT, a UPAEP criou as Séries comemorativas Continentais América em 1989, onde as Administrações postais associadas à UPAEP emitem anualmente peças filatélicas (selos, blocos, entre outros) relacionados a um tema. Mas, sem a obrigatoriedade das estampas possuírem um desenho padrão (Common Design).



Série América (1989)



Série América (2024)



Fonte: stampworld.com/

Os temas das emissões filatélicas das ONU, UPU, CEPT e UPAEP são universais, ou seja, compartilhado por muitos países e territórios.

Mas, em todas as emissões universais são propostas e coordenadas pela ONU e suas agências.

Há casos que vários países, de todas as regiões do mundo, decidem por conta própria e de forma descoordenada, emitirem peças filatélicas, com estampas distintas, sobre um assunto ou acontecimento de grande importância e abrangência global, este tipo de emissão é chamado Giro de Selos.

Mesmo as peças filatélicas serem elaboradas descoordenadamente, em raros casos, há coincidência de estampas de selos de países distintos.

Os Giros de selos homenageiam principalmente eventos esportivos (Copas do mundo de futebol e Olimpíadas), eventos específicos, como: Bicentenário da Revolução Francesa (1989), A Passagem do Cometa Halley (1986), sesquicentenário do Penny Black em 1990, Comemoração do Novo Milênio (2001), ou ainda prestam homenagens póstumas Papas Católicos e Governantes de importância e carisma global.

Porém, há casos que um assunto somente está relacionado a dois ou poucos países. Neste caso, as Administrações postais destes países (normalmente somente dois) se reúnem e combinam emissões simultâneas de séries comemorativas nacionais, que são conhecidas por Emissões conjuntas.

O inciso 5º do artigo 6º da Portaria do Ministério das Comunicações MCOM Nº 7204/2022, define uma Emissão conjunta como:

“V - emissão conjunta: emissão com temática comum e com mesmo motivo, geralmente com a mesma arte, proveniente de acordo entre dois ou mais países;”.

Portanto, as peças filatélicas (selos, blocos, entre outros) das emissões conjuntas podem, ou não, apresentar o mesmo desenho (Common Design) e a mesma arte, embora atualmente as Administrações postais tendam a adotar estampas similares em suas emissões conjuntas, inclusive visando cativar Colecionadores de outros países.

A primeira emissão conjunta ocorreu em 1933, quando Curaçao, Índias holandesas, Países Baixos e Suriname homenagearam o Rei Willem I, com a emissão de 7 selos.

Mas, as emissões conjuntas se tornaram mais frequentes no século XXI.

Vários outros países, inclusive o Brasil, também lançaram selos, através de emissões conjuntas com outros países.



Emissão conjunta (1933)



Emissão conjunta (1933)



Fonte: stampworld.com/

Após comentar sobre as emissões postais semelhantes (Séries: Ultramarinas, Coloniais comemorativas, Comemorativas mundiais, Comemorativas continentais e Emissões conjuntas), comentarei sobre o tema deste artigo.

Ano passado, comprei as coleções brasileiras anuais, de 2015 a 2022, dos Correios, e surpreendentemente, elas possuem alguns selos estrangeiros de emissões conjuntas com o Brasil, cujas imagens são semelhantes às estampas de selos brasileiros.

Embora eu colecone somente selos brasileiros, eu gostei da surpresa, decidi coloca estes selos estrangeiros em minha coleção, e também obter mais informações sobre estes curiosos selos internacionais.

Realizei várias pesquisas e descobri que a quantidade de selos estrangeiros, correlatos aos selos brasileiros, era bem maior que eu imaginava.

Por este motivo, resolvi restrigí-los e incluir em minha coleção somente os selos estrangeiros com imagens bastante similares a algum selo brasileiro. Eu enfatizo a palavra “bastante similar”, porque, nenhum selo internacional não tem e nunca terá imagem (exatamente) igual à imagem de um selo brasileiro, devido aos selos internacionais divergirem no mínimo em relação ao nome do País e seu facial.

Porém, é difícil estipular o parâmetro de “bastante similar”, porque dois selos que podem ser “diferentes” em minha interpretação, enquanto, eles podem ser considerados “semelhantes” para outros colecionadores, e vice versa.



Brasil (1976)



França (1976)



República do Mali (1976)

Fonte: stampworld.com/

Por exemplo, eu acho estes três selos do 1º voo do concorde diferentes. Mas, outros colecionadores podem considerá-los semelhantes!

Por isto, a filatelia é um passatempo incrível!

Ela permite elaboração livre e criativa de coleções.

Caso fornecermos 100 selos iguais, de temas e países diversos, para 100 colecionadores montarem uma coleção com 60 selos, serão elaboradas 100 coleções diferentes!!!!

Mas, voltando ao critério de similaridades...

Antes de elaborar uma relação dos selos estrangeiros que servirão para minha coleção, eu tive que diferenciar um selo semelhante de um selo diferente, para isto, eu estabeleci os seguintes critérios para similaridade entre selos:

- Atemporalidade, ou seja, o selo estrangeiro não precisa ser emitido no mesmo período do selo brasileiro, assim, o selo estrangeiro poderá ser emitido até anos antes ou anos depois do selo brasileiro. Um exemplo são os selos dos 50 anos da chegada do Homem na lua (Brasil-2019) e 25 anos da chegada do Homem na lua (Serra Leoa-1994), que possuem imagens semelhantes.
- Imagem principal do selo estrangeiro deverá ser muito semelhante ao selo brasileiro, mesmo que: não possua as mesmas dimensões e cores, e não estejam nas mesmas posição e enquadramento, ou seja, podem estar deslocada, inclinada, tombada ou distorcida para enquadrar no selo.
- Não haver elementos ou imagens diferentes em primeiro plano no selo estrangeiro.
- A imagem de fundo no selo estrangeiro deverá ser bem similar ao selo brasileiro e não se destacar visualmente.
- Os textos presentes no selo estrangeiro podem apresentar fontes, textos e diagramações distintas do selo brasileiro.
- As cores dos selos estrangeiros podem ser distintas do selo brasileiro.
- O selo estrangeiro pode possuir formato e dimensões distintas. Exemplo, o selo brasileiro pode ser quadrado e o selo estrangeiro pode ser retangular.
- O bloco estrangeiro deve possuir estampa muito semelhante ao do bloco brasileiro.
- Ao menos um dos selos de um bloco estrangeiro deve ser semelhante a um selo brasileiro, Mesmo que não existam correlações de imagens entre seus demais selos com outro selo brasileiro. Neste caso, É considerada a correlação entre o selo brasileiro e o bloco estrangeiro, devido a este seu selo.
- Os setenants estrangeiros devem possuir ao menos um dos selos com imagem semelhante ao do selo brasileiro. A série Campeões do mundo de futebol no século XX (RHM C2449/50) ilustra esta condição,

porque o selo redondo brasileiro (RHM C2449) é muito semelhante aos selos estrangeiros, enquanto o selo quadrado brasileiro (RHM C2450) é bem diferente dos selos estrangeiros.

- Semelhanças nas imagens de vinhetas, tabs, interpanôs e/ou margens de selos estrangeiros com selos brasileiros não são consideradas.
- Semelhanças nas imagens das bordas de um bloco estrangeiro com um selo ou bloco brasileiro não são consideradas.
- Semelhanças nas imagens de vinhetas, interpanôs e/ou margens de selos brasileiros com selos estrangeiros não são consideradas.
- Semelhança nas imagens das bordas de um bloco brasileiro com um selo ou bloco estrangeiro não são consideradas.
- Imagens semelhantes de inteiro postal estrangeiro com um selo ou bloco brasileiro não são consideradas.
- Imagens semelhantes de selo de inteiro postal estrangeiro com um selo ou bloco brasileiro não são consideradas.
- Semelhança nas imagens de vinhetas de selos personalizados brasileiros com selos estrangeiros não são consideradas.
- Semelhança nas imagens de selos brasileiros com estampas personalizadas ou modificadas com selos estrangeiros não são consideradas.
- Selos ou blocos estrangeiros exibindo ou homenageando selos brasileiros (temáticas Selo sobre Selo) não são considerados semelhantes.
- Selos ou blocos brasileiros exibindo ou homenageando selos estrangeiros (temáticas Selo sobre Selo) não são considerados semelhantes.

Com estes parâmetros definidos, pesquisei as emissões mundiais de selos, e após analisar visualmente muitos selos estrangeiros, elaborei a listagem (pessoal) dos selos de Emissões postais internacionais que possuem imagens semelhantes às imagens de selos brasileiros. Esta listagem apresenta o nome da Administração postal emissora e entre parênteses os faciais dos selos ou blocos, relacionados a cada emissão postal brasileira.

Relação de Emissões postais estrangeiras que possuem imagens semelhantes às imagens de selos brasileiros:

1957 - Centenário da morte de Auguste Comte (RHM C0395)



Brasil (1957)

França (1957)

Fonte: stampworld.com/

França (35 F)

1960 - Ano mundial do Refugiado (RHM A092)



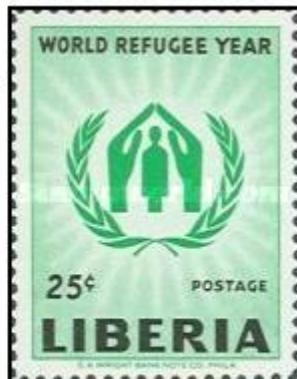
Brasil (1960)



Indonésia (1960)



Jordânia (1960)



Libéria (1960)

Fonte: stampworld.com/

Indonésia (20sen; Rp 1.25)

Jordânia (15 fils; 35 fils)

Libéria (25c-azul; 25c-verde; 50c)

Nações Unidas (4c; 8c)

1962 - Campanha internacional para erradicação da malária (RHM A104)



Brasil (1962)



Haiti (1962)



Palestina (1962)

Fonte: stampworld.com/

Alto-Volta (25F + 5F)

Arábia Saudita (3p; 6p; 8p; 3p-1382-1962; 6p-1382-1962; 8p-1382-1962; 3p-Aéreo; 6p-Aéreo; 8p-Aéreo; 17p)

Bolívia (2000 B)

Camarões (25F + 5F)

Camboja (2 R; 4 R; 6 R)

Ceilão (25 C)

Comores (25F + 5F)

Costa do Marfim (25F + 5F)

Dahomey (25F + 5F)

Gabão (25F + 5F)

Haiti (10c; 20c; 1,00 G; 10c + 25c; 20c + 25c; 1,00 G + 25c; 2,00 G)

Iêmen (6B; 10B)

Indonésia (40Sen; Rp 1,50; Rp 3,00; Rp 6,00)

Kuwait (25 fils)

Laos (10 K; 23 K)

Madagascar (25F + 5F)

Malásia (25c; 30c; 50c)

Maldivas (2 L; 3 L; 5 L; 10 L)

Mali (25F + 5F)

Mauritânia (25F + 5F)

Níger (25F + 5F)

Palestina [UAR] (35M)

Panamá (10c; 20c; 5c + 5c; 10c + 10c; 15c + 15c)

Papua-Nova Guiné (5D; 1S; 2S)

Reino do Iêmen (6 B; 10 B)

República Árabe do Iêmen (6 B; 10 B; 6 B-27-9-1962)

República Centro-africana (25F + 5F)

Senegal (25F + 5F)

Síria (12,5 P; 50 P)

Somália francesa (25F + 5F)

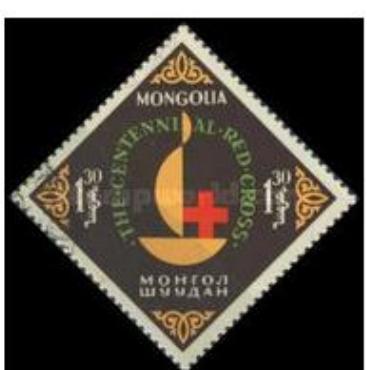
Tchade (25F + 5F)

UAR (35M)

1963 - Centenário da Cruz Vermelha Internacional (RHM C0493)



Brasil (1963)



Mongólia (1963)



Vietnam (1963)



Tailândia (1963)

Fonte: stampworld.com/

Austrália (6d)

Áustria (S 3)

Chile (3c)

Colômbia (5c)
Eire (4p; 1/3 Sh)
Filipinas (5s; 6s; 20s)
Grécia (Dp 2)
Guatemala (7c; 9c; 13c; 21c; 35c; Q 1)
Indonésia (Rp 1; Rp 3)
Iugoslávia (5 Din-rosa; 5 Din-bege)
Mongólia (1.30 T)
Papua-Nova Guiné (5d)
Paquistão (40 P)
Polônia (2,50 Zt)
Serra Leoa (6d; 1'3 Sh)
Tailândia [2 X (50S + 10S)]
Togo (25F; 30F)
Uruguai (20c; 40c)
Vietnã do Norte (20 Xu)

1965 - Centenário da União Internacional de Telecomunicações-UIT (RHM C0528)



Brasil (1965)



Iraque (1965)



República de Guiné (1965)

Fonte: stampworld.com/

Afeganistão (5 AFS)
África do Sul (12 1/2c)
Albânia (2.5 L; 12.5 L)
Arábia Saudita (3p; 4p; 8p; 10p)
Birmânia (20P; 50P)
Camboja (3 R; 4 R; 10 R)
Ceilão (2 C; 30 C)
Chile (40c)
Chipre (15M; 60M; 75M)
Coreia do Sul (4.00 W; 4.00 W)
Costa do Marfim (85 F)

Espanha (1 Pta)

Gana (1d; 6d; 1'3 Sh; 5 Sh; 6'3 Sh + 6d)

Grécia (DP 2.50)

Guatemala (7c; 15c; 21c; 35c; 75c; Q 3; 15c-sobrecarga; 30c -> Q0,50; Q3 -> Q0,50)

Haiti (10c; 25c; 50c-azul; 50c-verde; 1,00 G; 1,50 G; 2,00 G; 5,85 G)

Iêmen do Norte (6 B)

Índia (0,15 R)

Irã (14 R)

Iraque (10 fils; 20 fils; 40 fils; 40 fils)

Jordânia (20 fils; 45 fils; 100 fils)

Kuwait (8 F; 20 F; 45 F)

Líbano (15p; 2,5p; 17,5p; 25p; 40p)

Libéria (25c; 1\$10; 25c; 35c; 50c)

Líbia (10 M; 20 M; 50 M)

Luxemburgo (3F)

Madagascar (50F)

Nova Zelândia (9d)

Palestina [UAR] (5M; 10M; 35M)

Quênia-Uganda-Tanzânia (30c; 50c; Sh 1.30; Sh 2.50)

República de Guiné (25F; 50F; 100F; 200F)

República Dominicana (28c; 45c)

Síria (12 1/2 P; 27 1/2 P; 60 P)

Sudão (15 M; 55 M; 3 Pt)

Tailândia (1 B)

Taiwan (0.80\$)

Turquia (50 K; 130 K)

UAR (5M; 10M; 35M)

1965 - In memoriam a Sir Winston Leonard Spencer Churchill (RHM C0532)



Brasil (1965)



Nicarágua (1966)



Fonte: stampworld.com/

Nicarágua (20cents; 2,00 Cs; 4,35 Cs)

1966 - Cinquentenário da morte do poeta nicaraguense Rubén Dálio (RHM C0554)



Brasil (1966)



Paraguai (1966)



Paraguai (0,50 G; 0,70 G; 1,50 G; 3 G; 4 G; 5 G)

1966 - 20 anos da UNESCO (RHM C0557)



Brasil (1966)



Irã (1966)



Libia (1967)

Fonte: stampworld.com/

Afeganistão (2 AFS; 6 AFS; 12 AFS)

Albânia (5q)

Arábia Saudita (1p; 2p; 3p; 4p; 10p)

Burundi (10,50F; 28F; 98F)

Camboja (3 R; 7 R)

Ceilão (3 C; 50 C)

Gana (5p; 15p; 24p; 30p; 60p; 134p)

Grécia (Dp 3)

Irã (14 R)

Iraque (5 fils; 15 fils)

Kuwait (20 fils; 45 fils)

Laos (20 K; 30 K; 40 K; 60 K; 150 K)

Líbia (15 M; 25 M)

Paquistão (15 P)

Quênia-Uganda-Tanzânia (30c; 50c; Sh 1'30; Sh 2'50)

República de Guiné (25 F)

República Centro-africana (30F)

1968 - Ano internacional dos direitos humanos (RHM C0592)



Brasil (1968)



Bulgária (1968)



Ceilão (1968)



Jordânia (1968)

Fonte: stampworld.com/

Afeganistão (1 AFS; 2 AFS; 6 AFS; 10 AFS)

Alemanha Ocidental (30 pfg)

Austria (1,50 S)

Bulgária (20c)

Camarões (15F; 30F)

Ceilão (2 C; 20 C; 40 C; 2,00 R)

Chile (E 4,00)

Eire (5p; 7p)

Hungria (1 ft)

Indonésia (Rp 12; Rp 5)

Irã (14R)

Jordânia (20 fils; 60 fils)

Libéria (3c; 80c; 80c-Bloco)

Líbia (15 M; 60 M)

Madagascar (50F)

Mauritânia (30F; 50F)

Mongólia (30 M)

Nações Unidas [New York] (13c; 6c)

Nova Zelândia (10c)

Paquistão (15 P; 50 P)

Peru (6,50 S)

República Democrática do Congo (2k; 9,60k; 10k; 40k)

República do Guiné (30F; 40F)

Romênia (1L)

Senegal (30F)

Tchecoslováquia (1 Kc)

Turquia (50k; 130k)

UAR (20M; 60M)

1969 - Exposição filatélica ABUEXPO 69 (RHM C0655)



Brasil (1969)



Uruguai (1969)

Fonte: stampworld.com/

Uruguai (20c)

1984 - Sesquicentenário da morte de Dom Pedro I (RHM C1417)



Brasil (1984)



Portugal (1984)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (51\$00)

1990 - Fundação Casa Franca-Brasil [Rio de Janeiro] (RHM C1691)



Brasil (1990)



França (1990)

Fonte: stampworld.com/

França (3,20 F)

1993 - 40 Anos Tratado de amizade Brasil/Portugal (RHM C1872)



Brasil (1993)



Portugal (1993)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (130\$)

1994 - Sexto centenário do nascimento do Infante Dom Henrique (RHM C1884)



Brasil (1994)



Cabo Verde (1994)



Macau (1994)

Fonte: stampworld.com/

Cabo Verde (37\$00)

Macau (3 ptcs)

Portugal (140\$)

1995 - 8º Centenário do nascimento de Santo Antônio (RHM C1947)



Brasil (1995)



Itália (1995)



Portugal (1995)

Fonte: stampworld.com/

Itália (850 L)

Portugal (45\$)

1997 - 400 anos da morte do Padre José de Anchieta (RHM C2037)



Brasil (1997)



Portugal (1997)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (140\$)

1997 - 300 anos da morte do Padre Antônio Vieira (RHM C2037)



Brasil (1997)



Portugal (1997)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (350\$)

1997 - Mercosul (RHM C2044)



Brasil (1997)



Argentina (1997)



Bolívia (1997)



Paraguai (1997)

Fonte: stampworld.com/

Argentina (75c)

Bolívia (Bs 3,00)

Paraguai (G 1000)

Uruguai (\$ 11)

2000 - Lubrapex 2000-500 Anos do descobrimento do Brasil (RHM C2250/3)



Brasil (2000)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (140\$; 50\$; 85\$; 100\$; 140\$; 377\$)

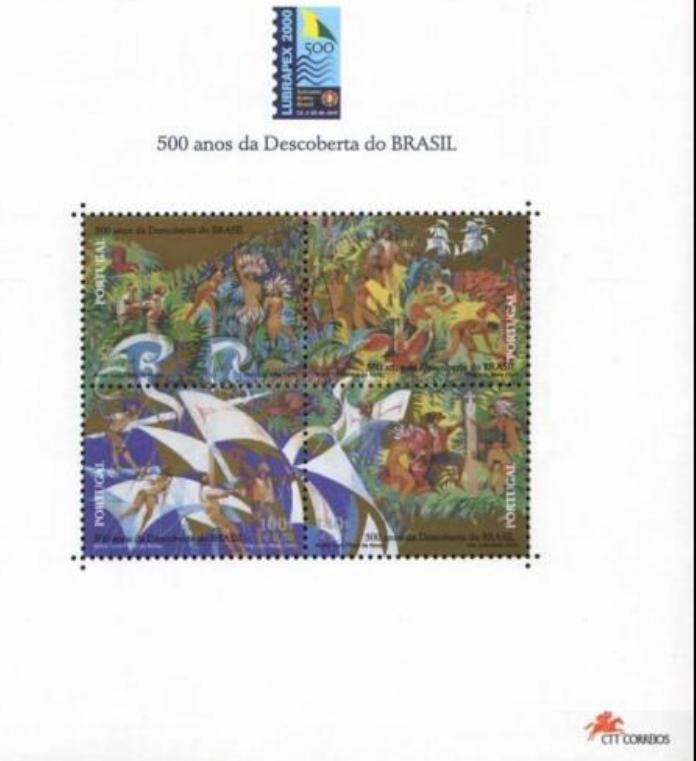
2000 - 25 Anos Relações Diplomáticas: Brasil-China (RHM C2343/4)



Brasil (2000)

Fonte: stampworld.com/

China (80 Y; 80 Y)



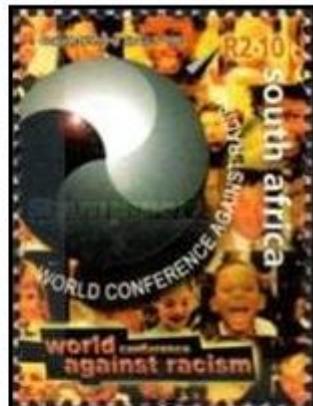
Portugal (2000)



2001 - Conferência mundial contra o racismo (RHM C2405)



Brasil (2001)



Africa do Sul (2001)

Fonte: stampworld.com/

África do Sul (R 260)

2001 - Dia mundial dos Correios–O diálogo entre as civilizações (RHM C2408)



Brasil (2001)



Macedônia do norte (2001)



Madagascar (2001)



Quatar (2001)

Fonte: stampworld.com/

Albânia (45 L; 50 L; 120 L)

Anguila (\$ 1,90)

Argélia (5,00 D)

Armênia (275 D)

Bangladesh (t 10; t 30)

Brunei (30 S)

Bulgária (0,65 L)

Cabo Verde (60\$00)

Catar (1,5 R)

Cazaquistão (45.00 T)

Colômbia (\$ 650)

Coreia do Sul (170 W)

Costa do Marfim (400F + 20F)

Croácia (5.00 K)

Cuba (65 c)

Egito (125 p)
Emirados Árabes Unidos (50 fils)
Eslovênia (107 Sit)
Espanha (0,72 E)
Etiópia (1 B; 2 B; 25c; 75c)
Filipinas (P 15)
Geórgia (40 T)
Guiné Equatorial (400 FCFA)
Ilhas Wallis e Futuna (390 F)
Indonésia (1000 R)
Irã (250 R)
Macedônia do Norte (36 D)
Madagascar (3500 FMG)
México (13.00 P)
Moldávia (3,60 L)
Mongólia (300 T)
Nepal (R 30)
Nigéria (N 20)
Omã (200 B)
Paquistão (Rs 4)
Paraguai (G 3000)
Peru (S/ 1,80)
Polinésia Francesa (500 F)
Polônia (1.90 Zt)
Quirguistão (10 S)
República Dominicana (\$ 12)
República Tcheca (Kc 9)
Romênia (8300 L)
Rússia (5.00 R)
São Marino (E 1,24)
Senegal (380 F)
Sri Lanka (10.00 R)
Sudão (100 D; 150 D; 200 D)
Ucrânia (70 K)
Uganda (3000 Sh)
Uruguai (\$ 24)
Vaticano (E 0,77)

Vietnã (800 D)

Zimbábue (\$ 21.00)

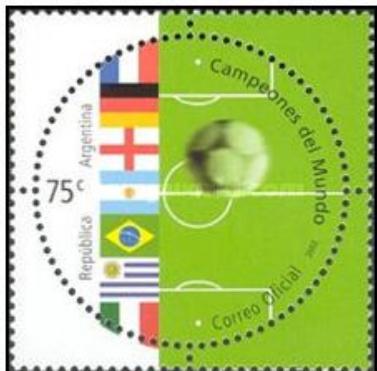
2002 - Campeões do mundo de futebol no século XX (RHM C2449/50)



Brasil (2002)



Brasil 2002 R\$ 0,55



Argentina (2002)



República Argentina
Correio Oficial

75¢

Fonte: stampworld.com/

Alemanha [2 x (56C)]

Argentina [2 x (75c)]

França [2 x (E 0,46)]

Itália [2 x (E 0,52)]

Uruguai [2 x (\$ 12)]

2002 - 100 anos de relações diplomáticas Brasil-Irã (RHM C2505/6)



Brasil (2002)



Irã (2002)



Fonte: stampworld.com/

Irã (400 fils; 400 fils)

2005 - Samba e Son (RHM C2627/8)



Brasil (2005)



Emissão Conjunta Brasil - Cuba



Cuba (2005)



EMISIÓN CONJUNTA CUBA-BRASIL

Fonte: stampworld.com/

Cuba (65 c; 65 c)

2006 - Copa do mundo da FIFA Alemanha (RHM C2647)



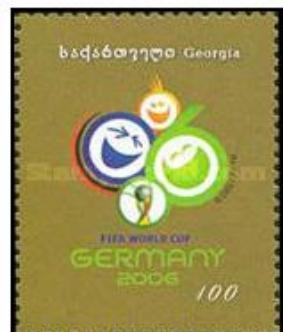
Brasil 2006



Bahrain (2006)



Ecuador (2006)



Geórgia (2005)

Fonte: stampworld.com/

Bahrain (100F)

Cabo Verde (40\$00)

Costa do Marfim (50 F)

Catar (2 R)

Equador (0.80 USD)

Geórgia (100 L)

2007 - 200 anos de nascimento de Giuseppe Garibaldi (RHM C2695/6)



Brasil (2007)



Brasil 2007



Uruguai (2007)



URUGUAY CORREOS

Fonte: stampworld.com/

Uruguai (\$ 37; \$ 15)

2008 - 200 Anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil (RHM C2721/2)



Brasil (2008)



Portugal (2008)



Fonte: stampworld.com/

Portugal [(I 20g) + (N 20g)]

2008 - Mer de Glace e Serra do Araca (RHM C2754/5)



Brasil (2008)



França (2008)

Fonte: stampworld.com/

França [(0,85E) + (0,55E)]

2009 - Relações diplomáticas Brasil-Coreia do Sul [Arquitetura-Pontes] (RHM C2920/1)



Brasil (2009)



Coréia do Sul (2009)

Fonte: stampworld.com/

Coréia do Sul [2 x (250 W)]

2009 - Relações diplomáticas Brasil-Hong Kong [Futebol] (RHM C2922/5)



Brasil (2009)



Hong Kong (2009)

Fonte: stampworld.com/

Hong-Kong (\$ 5; \$ 11.80; \$ 3; \$ 1.40; \$ 2.40)

2010 - Relações diplomáticas Brasil-Síria [História e Turismo] (RHM C2983)



Brasil (2010)



Síria (2010)

Fonte: stampworld.com/

Síria (50 P)

2011 - Relações diplomáticas Brasil-Sérvia [Literatura] (RHM C3148/9)



Brasil (2011)



Brasil (2011)



Sérvia (2011)

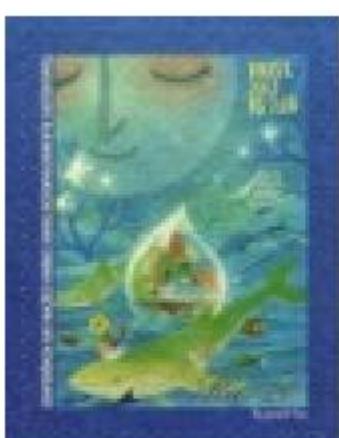


Sérvia (2011)

Fonte: stampworld.com/

Sérvia (46 Din; 22 Din)

2012 - Conferência Rio+20-Gota d'água (RHM C3212)



Brasil (2012)

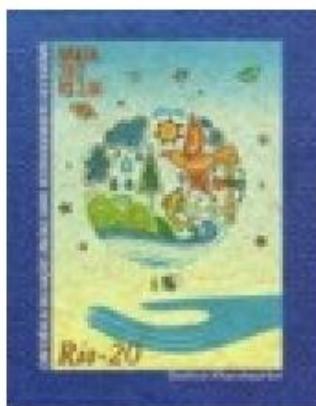


Nações Unidas [Viena] (2012)

Fonte: stampworld.com/

Nações Unidas [Viena] (E 0,70)

2012 - Conferência Rio+20-Mão apoiadora (RHM C3213)



Brasil (2012)

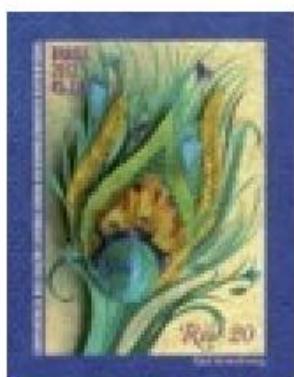


Nações Unidas [Genebra] (2012)

Fonte: stampworld.com/

Nações Unidas [Genebra] (F.S. 1,40)

2012 - Conferência Rio+20-Pena de pavão (RHM C3214)



Brasil (2012)



Nações Unidas [Nova York] (2012)

Fonte: stampworld.com/

Nações Unidas [Nova York] (\$ 1.05)

2012 - Relações diplomáticas Brasil–México [Comidas tradicionais] (RHM C3215/6)



Brasil (2012)



México (2012)



Fonte: stampworld.com/

México (\$ 13.50; \$ 13.50)

2012 - LUBRAPEX 2012-A força da Língua portuguesa - Fernando Pessoa (RHM C-3227/8)



Brasil (2012)

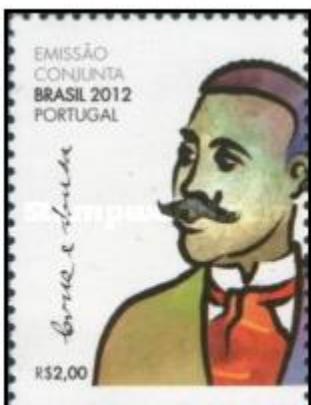


Portugal (2012)

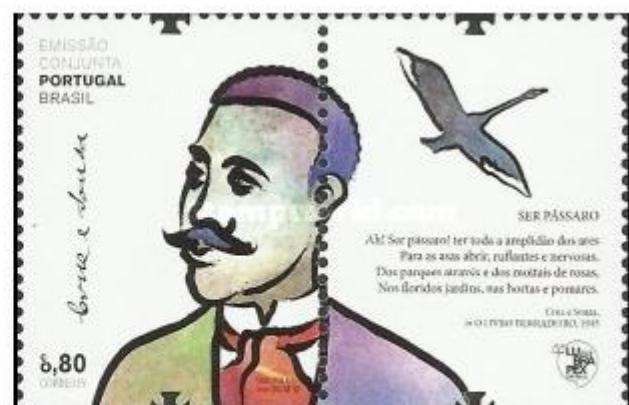
Fonte: stampworld.com/

Portugal (E 0,80)

2012 - LUBRAPEX 2012-A força da Língua portuguesa - Cruz e Souza (RHM C-3229/30)



Brasil (2012)



Portugal (2012)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (E 0,80)

2014 - Copa do mundo da FIFA Brasil 2014-Troféu (RHM C334)



Brasil 2014



Peru (2014)

Fonte: stampworld.com/

Peru (3,80 S)

2014 - Copa do mundo da FIFA Brasil 2014-Logomarca (RHM C3335)



Brasil 2014



Peru (2014)

Fonte: stampworld.com/

Peru (3,80 S)

2014 - Oito séculos da Língua portuguesa (RHM C3361)



Brasil (2014)



Cabo Verde (2014)



São Tomé e Príncipe (2014)

Fontes: stampworld.com
philarz.net

Cabo Verde (60\$00)

Moçambique (92,00 Mt)

Portugal (E 0,80)

São Tomé e Príncipe (Db 22000)

2015 - 25 anos da Associação Internacional das Comunicações de Expressão Portuguesa [AICEP] (RHM C3440)



Brasil (2015)



Cabo Verde (2015)



Macau (2015)



Moçambique (2015)

Fontes: stampworld.com
commonwealthstampsopinion.blogspot.com

Cabo Verde (60\$00)

Guiné Bissau (450 FCFA)

Macau (5.50 ptcs)

Moçambique (92,00 Mt)

Portugal (E 0,80; E 2,00)

São Tomé e Príncipe (Db 30000)

2015 - 150 anos da UIT-União Internacional de Telecomunicações (RHM C3447)



Brasil (2015)



Mônaco (2015)



Rússia (2015)

Fonte: stampworld.com/

Geórgia (1.5 C)

Kuwait (150 F)

Mônaco (1,25 E)

Quênia (105 Sh)

Rússia (17P)

2016 - XXII Exposição Filatélica Luso-Brasileira—LUBRAPEX 2016 (RHM C3587/8)



Brasil (2016)

Fonte: stampworld.com/

Portugal (E 0,80; E 0,80)



Portugal (2016)

2017 - 500 anos da Reforma luterana (RHM C3690)



Brasil (2017)



Alemanha (2017)

Fonte: stampworld.com/

Alemanha (70C)

2019 - 50 anos da chegada do Homem na lua (RHM C3831)



Brasil (2019)



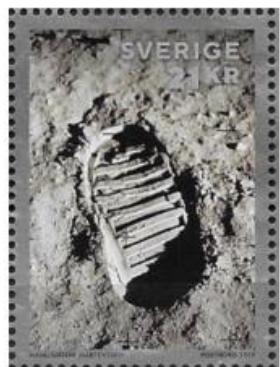
Estados Unidos (1999)



Ilhas Cayman (2019)



Serra Leoa (1994)



Suécia (2019)

Fonte: stampworld.com/

Estados Unidos da América-Ano 1999 (33c)

Ilha de Man (RuW; RuW)

Ilhas Cayman (20c)

Serra Leoa-Ano 1994 (1000Le)

Suécia (21 kr; 21 kr)

2020 - Emissão conjunta Brasil-Israel (RHM C3914)



Brasil (2020)

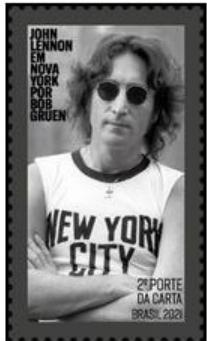


Israel (2020)

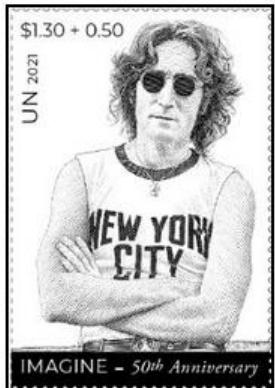
Fonte: stampworld.com/

Israel (11.80 NIS)

2021 - John Lennon em Nova York (RHM C3982)



Brasil (2021)



Nações Unidas [Nova York] (2021)

Fonte: stampworld.com/

Nações Unidas [Nova York] (\$ 1.30 + 50c; \$ 2.60 + \$ 1.00)

2021 - 200 anos do nascimento de Ana Maria de Jesus Ribeiro [Anita Garibaldi] (RHM C4003)



Brasil (2021)



Uruguai (2021)

Fonte: stampworld.com/

Uruguai (\$ 75)

2021 - Relações diplomáticas Brasil-Estônia (RHM C4024)



Brasil (2021)

Fonte: stampworld.com/

Estônia (1,90 E)



Estônia (2021)

Informo esta listagem, apresentando a relação de selos estrangeiros semelhantes a selos brasileiros, é pessoal e elaborada segundo meus critérios e gostos, e tenho certeza absoluta, que ela presentará divergências com listagens elaboradas por outros colecionadores.

Eu confessando aos leitores que elaborei este artigo correndo, em menos de um mês, por este motivo, ele está bem prematuro e com vários erros de grafia.

E finalizo convidando aos colecionadores, que gostarem desta temática, a se aprofundarem neste assunto, e elaborarem belas, interessantes e ENORMES coleções de selos de emissões simultâneas com imagens semelhantes.

Agradeço a todos que me enviarem críticas e sugestões, que auxiliarão na melhoria deste artigo.

Bibliografia:

Livros:

Catálogo de selos do Brasil 2019 - Editora RHM Ltda.

Scott 2009 Standard postage stamp catalogue - Scott Publishing Co.

Vade mecum de Filatelia: dos primeiros passos à exposição filatélica de sucesso - Cristian Molina.

Artigos:

Emissões conjuntas brasileiras com outros Países - Filatelia Ananias

Emissões postais conjuntas - Paulo Ananias Silva.

Grandes Séries, Séries Ônibus, Emissões Conjuntas e Giros de Selos - Ana Lúcia Loureiro Sampaio.

O selo postal, sua história, seu valor e seu comércio - Ana Lúcia Loureiro Sampaio.

Reproduções artísticas invertidas - René Rodrigues da Silva.

Selos - Filatélica Jungles.

Sites da internet:

Sites da wikipedia.

https://bmclean.co.uk/index.php?main_page=index&cPath=11_180_969

<http://commonwealthstampsopinion.blogspot.com/2019/08/1494-known-knowns-and-unknowns-unknowns.html>

https://en.wikipedia.org/wiki/Europa_postage_stamp

<https://europastamps.eu/about/europa-themes>

<https://www.correios.com.br/>

<https://www.filatelia77.com.br/>

<https://www.filateliaananias.com.br/emissoes-conjuntas-brasil-outros-paises/>

<https://www.freestampcatalogue.com/>

<http://www.philarz.net/>

<https://www.stampworld.com/>

<https://www.upaep.int/>

Portaria MCOM Nº 7204/2022, DE 18 DE OUTUBRO DE 2022:

https://www.correios.com.br/educacao-e-cultura/filatelia/arquivos/portaria-7204-2022_221018_202549/@@download/file/Portaria%207204-2022_221018_202549.pdf

CARIMBOS TEMÁTICOS DO BRASIL – ARTIGO 25: CARIMBOS SOBRE: CAVALOS

JOSÉ EVAIR SOARES DE SÁ (SÓCIO Nº71)

Dando sequência ao que iniciamos sobre os Carimbos Brasileiros conforme o CATÁLOGO DE CARIMBOS COMEMORATIVOS DO BRASIL – CATÁLOGO ZONI-SOARES, apresentamos os Carimbos sobre: Cavalos.

Se precisarem de alguma informação adicional, **inclusive para aquisição do Catálogo**, favor entrar em contato comigo.

Atenciosamente,

Evair

E-mail: evairosoares@gmail.com OU orchimania@gmail.com

Celular com WhatsApp: (21) 98878-1578

Se você gosta de Carimbos, visite nosso site: www.orchimania.com.br

CAVALOS:



zi 118



zi 122



zi 135



zi 334



zi 419



zi 520



zi 528 Cavalo de Pau



zi 683



zi 782



zi 851B



zi 1312A



zi 1435



zi 1529



zi 1627



zi 1750



zi 1769



zi 1911



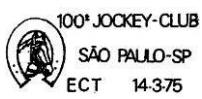
zi 2003



zi 2066



zi 2111D



zi 2156



zi 2360



1A8/11/76

SÃO PAULO - SP

ECT



zi 2518B



zi 2683



zi 3243



zi 3543E



zi 3620E



zi 3646



zi 3826



zi 3958



zi 4032



zi 4671



zi 4767



zi 4776



zi 4817



zi 4989



zi 5374



zi 5579



zi 5580



zi 5670



zi 5798 Cavalaria



zi 5827 Cavalaria



zi 6427



zi 6502



zi 7298



zi 7300



zi 7310



zi 7338



zi 7347 C.Marinho



zi 7527



zi 7710B



zi 7737



zi 8876



zi 8998



zi 9620



zi 9724



zi 9982B C.Marinho



zi 9923



zi 10044



zi 10177



zi 10281



zi 10447



zi 10455



zi 10817



zi 10959A



zi 10983



zi 11012



zi 11085

CAVALO NO JOGO DE XADREZ:



zi 746



zi 762



zi 1099



zi 1173



zi 1749



zi 3276C



zi 3575



zi 3655



2022 10 10 s/n

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

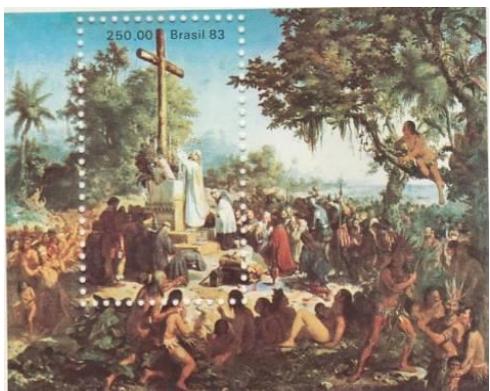
Marcos Bubach (Sócio Nº459)



José de Anchieta é uma das figuras mais importantes do início da história brasileira. Ele nasceu em **San Cristóbal de La Laguna, na província de Santa Cruz de Tenerife, nas Ilhas Canárias, Espanha**, em 19 de março de 1534. Ele teve 12 irmãos.

No Brasil, ele chegou em 13 de julho de 1553, na cidade de Salvador, Bahia. No entanto, ficou menos de três meses na então capital brasileira e seguiu viagem para o Sul, a pedido do Padre Manuel da Nóbrega.

Em 25 de janeiro do ano de 1554, Padre José de Anchieta e Manuel da Nóbrega, celebrou, em uma pequena construção simples de pau-a-pique, a primeira missa em terras brasileiras com o objetivo de iniciar a catequese dos indígenas da região. Essa missa foi celebrada na aldeia de Piratininga, onde foi fundado o Colégio de São Paulo de Piratininga — esse momento é considerado o marco da fundação da cidade de São Paulo.



Aquela região também guardava outro marco histórico, a fundação da primeira Vila do Brasil, chamado de São Vicente, localizada na Baixada Santista, no litoral paulista. O nome daquele lugarejo foi dado por Gaspar de Lemos, navegador português, em **22 de janeiro de 1502**, durante uma expedição exploratória enviada por Portugal ao litoral brasileiro.

A região era conhecida pelos indígenas como Ilha de Gohayó, mas passou a ser chamada de Ilha de São Vicente após a chegada dos portugueses. Mais tarde, em **1532**, Martim Afonso de Sousa fundou oficialmente a **Vila de São Vicente**, que se tornou a **primeira vila do Brasil**,



selo com Martim Afonso de Sousa

O padre Anchieta teve atuação bem relevante no estado do Espírito Santo. Em 1562, ele esteve na capitania do Espírito Santo, onde atuou para **apaziguar os índios aimorés**, que ameaçavam destruir a capital Vitória (Vila Nova). Essa ação foi marcada por sua habilidade diplomática e espiritual.

De 1565 a 1569 estabeleceu junto aos outros jesuítas um aldeamento, onde se dedicou à catequese dos indígenas da região. A localização foi escolhida estrategicamente: um ponto elevado próximo ao mar e ao rio Benevente, favorecendo tanto a defesa quanto o acesso à água e à navegação.

Em Reritiba, Padre Anchieta não apenas catequizava — ele ensinava, escrevia, cantava e construía. Criava peças teatrais com os indígenas, compunha poemas e músicas, pois via nessas intervenções culturais formas de ensinar e catequizar os indígenas. Também mediava conflitos entre os portugueses e os locais e se dedicou a aprender a língua indígena, o **tupi**, mais especificamente o **tupinambá**, que é um dos principais dialetos da família tupi-guarani

Mais tarde, Reritiba foi elevada à categoria de vila portuguesa com o nome de Benevente e hoje recebe o nome de **Anchieta**.

Por suas ações, Anchieta passou a ser conhecido como o pai da literatura brasileira e o Apóstolo do Brasil e sua dedicação lhe rendeu diversas homenagens em forma de selos e peças filatélicas retratando a importância e vida do religioso em solo brasileiro.



De 1565 a 1567 também esteve no Rio de Janeiro, em meio ao conflito entre portugueses e franceses. Atuou como pacificador junto aos indígenas tamoios, chegando a viver como refém voluntário para negociar a paz. Após a expulsão dos franceses, ajudou a organizar a vida religiosa da nova cidade, fundando igrejas, ensinando e escrevendo. Sua presença ali foi decisiva para a consolidação da fé e da cultura no coração da Guanabara. Dirigiu o Colégio dos Jesuítas de 1570 a 1573. Em 1577, foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil.

De 1577 a 1587 circulou entre São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, atuando como superior da missão jesuíta no Brasil. Ele visitava aldeamentos, fundava escolas, escrevia e mediava conflitos. Era um período de intensa atividade missionária e diplomática.

A partir de **1587**, Anchieta passou a viver de forma mais estável no aldeamento de **Reritiba**, no Espírito Santo. Lá, fundou uma residência jesuíta, dedicou-se à catequese dos indígenas, à escrita de textos religiosos e à construção da igreja local. Esse período marca sua **fase mais contemplativa e produtiva**, até pouco antes de sua morte em 1597.

Uma das atividades anuais do estado do Espírito Santo mais celebrada e praticada pelos religiosos, trilheiros, historiadores e peregrinos do Brasil e do exterior, é a caminhada que recebeu o nome de: OS PASSOS DE ANCHIETA e acontece geralmente no feriado de Corpus Christi, com duração de quatro dias. Tal caminhada passou a ser uma das maiores manifestações de fé, cultura e história do Brasil. Ela refaz o trajeto percorrido por Padre José de Anchieta, que caminhava cerca de 100 km entre Vitória, Vila Velha, Guarapari e Reritiba (atual cidade de Anchieta) para evangelizar os povos indígenas e visitar os aldeamentos jesuítas



Ele permaneceu no Brasil por **44 anos**, até sua morte em **9 de junho de 1597**, em Reritiba (atual cidade de Anchieta, no Espírito Santo)

Depois de muito impasse no processo de santificação do Padre, finalmente, em 3 de abril de 2014, na cidade do Vaticano, o Papa Francisco (o primeiro papa jesuíta) canonizou Anchieta, reconhecendo-o como Santo: São José de Anchieta, o terceiro santo brasileiro.

FILABRAS
Associação dos Filatelistas Brasileiros

Filatelia em Nuvem

FILABRAS: Um Clube Nacional, Virtual e Via Internet
Seja um filatelista na FILABRAS
Inscrição grátis e sem mensalidades - Inscrição pelo site: www.filabras.org

ENTRE SELOS E SILÊNCIOS — A CARTA QUE ATRAVESSOU A GUERRA

Cláudia Razzante (Sócio Nº2136)

Coleção *Correspondências da Segunda Guerra* — 2025

Nota da curadora:

Há objetos que sobrevivem ao tempo.

E há outros que sobrevivem ao esquecimento.

Entre eles, há uma carta — uma folha frágil, amarelada, escrita em tinta escura, que atravessou o mundo em meio à Segunda Guerra Mundial.

Datada de 16 de maio de 1944, enviada de Nürnberg, no sul da Alemanha, e endereçada a Henri Strijvist Majast, no interior de São Paulo, na cidade de Pindamonhangaba, essa carta desafiou o bloqueio das fronteiras, a censura do Reich e o abismo geográfico e político que separava dois continentes em guerra.

Ela viajou por países neutros, passou pelas mãos de censores inimigos e, ainda assim, chegou. Mais do que uma correspondência, é um gesto de humanidade em meio à ruína — um fragmento que une o cotidiano e o impossível, o privado e o histórico, o íntimo e o universal.



I. Um gesto humano em tempos de ruína

Em maio de 1944, a Alemanha estava exaurida.

As bombas caíam sobre as cidades, os comboios ferroviários se fragmentavam, as cartas se perdiam nos escombros. As fronteiras estavam vigiadas, as comunicações censuradas, e a linguagem cotidiana se tornara um território de risco. Escrever podia ser um ato suspeito; receber uma carta, um milagre.

Mesmo assim, Hans Schütt, cidadão de Nürnberg e cabo do exército alemão (*Gefreiter*), decidiu escrever a seu tio, Henri Strijvist Majast, residente no Brasil — um país que, naquele momento, já combatia o Eixo ao lado dos Aliados.

A carta, breve e contida, não fala de batalhas nem de política.

Fala da mãe, da esposa, da tia. De Württemberg, de França, do gosto de uma boa refeição e da saudade de notícias. Mas entre as linhas simples, há a consciência do perigo: cada palavra precisou atravessar filtros, códigos e silêncios.

Transcrição em alemão (modernizada)

Nürnberg, 16.5.44

Mein lieber Onkel,

Nun ist es schon viele Monate her, dass ich Dir zuletzt schrieb, aber nun nehme ich mir die Zeit, Dir ein paar Zeilen zu schreiben.

Mir geht es soweit ganz gut, dasselbe hoffe ich von Dir auch.

An Tante schreibe ich auch oft, es geht ihr auch ganz gut.

Meine Frau auch. Ich war auch in Württemberg und in Frankreich; da war es sehr schön, es hat sich zu träumen gefühlt.

Und ich habe an Dich dabei gedacht.

Es mag ja auch gerne kommen, es hat prima geschmeckt.

Hier alles beim alten wie immer, so sagt Tante, beklagt sich, dass sie so selten Post von Dir bekommt.

Wo liegt das? Schreibst Du wenig, oder liegt es an der Post bei Euch?

Es kommt nie so schlecht zurück. An mich darfst Du wieder mal schreiben.

Nun will ich schließen, in der Hoffnung, dass Du bald erhältst.

Sei vielmals gegrüßt von

Gefr. Hans Schütt,

und meiner Frau.

Von Tante auch. Von ihr habe ich keinen Absender.

Auf Wiedersehen, Hans.

Tradução para o português

Nuremberg, 16 de maio de 1944

Meu querido tio,

Já faz muitos meses desde que te escrevi pela última vez, mas agora tiro um tempo para te escrever algumas linhas.

Estou bem até agora, e espero o mesmo de ti.

Também escrevo com frequência para a tia — ela também está bem.

Minha esposa também está bem.

Estive em Württemberg e na França; lá era muito bonito, parecia um sonho.

E pensei em ti enquanto estava lá.

Gostaria que pudesses vir também — a comida estava uma delícia!

Por aqui está tudo como sempre. A tia diz o mesmo e reclama que recebe tão raramente uma carta tua.

Por que será isso? Escreves pouco, ou o problema é o correio aí?

Podes voltar a me escrever com tranquilidade, ainda que apenas um pouco.

Agora encerro, com a esperança de que recebas esta carta em breve.

Muitas saudações de teu sobrinho,

Cabo Hans Schütt,

e de minha esposa.

Também da tia, embora eu não tenha o endereço dela.

Até breve,

Hans

II. O caminho impossível

O envelope é, por si só, um artefato de guerra.

Nele, a geopolítica se imprime em selos e carimbos: o postal alemão de Nürnberg, datado de 16 de maio de 1944, ostenta o selo de censura nazista “Geöffnet” (“Aberto”) e, sobreposto, o britânico “Opened by Examiner – P.C.90”.

Essa sobreposição — a marca da vigilância dupla — é um registro material do absurdo: a carta foi aberta por dois regimes inimigos e, ainda assim, autorizada a seguir viagem.

Um feito quase impossível em meio ao caos logístico e à paranoíta política do período.

Seu trajeto foi uma proeza postal:

Alemanha → Portugal → Reino Unido → Brasil, seguindo rotas neutras supervisionadas pela Cruz Vermelha Internacional, um dos últimos canais capazes de cruzar as linhas do conflito.

Cada selo é uma cicatriz da travessia. Cada carimbo, um testemunho da persistência humana. Pouquíssimas correspondências civis desse tipo sobreviveram intactas — e menos ainda com ambas as censuras preservadas.

O conjunto é, hoje, uma raridade histórica: uma carta que, contra todas as probabilidades, sobreviveu à guerra e ao tempo.

III. O destino: Pindamonhangaba, o campo esquecido

O endereço final acrescenta uma dimensão inesperada: *Pinelands Sanatório, Pindamonhangaba, Estado de São Paulo*.

Durante a Segunda Guerra, o Brasil — após romper relações com o Eixo em 1942 — instituiu uma rede de campos de internamento civil.

Eram locais de confinamento para estrangeiros “suspeitos”: alemães, italianos e japoneses, cujos vínculos culturais bastavam para serem vistos como ameaça.

Em Pindamonhangaba, o antigo sanatório de tuberculosos foi adaptado às pressas para abrigar internados sob vigilância militar. Ali, entre muros e brumas, viviam civis que nada tinham de combatentes — comerciantes, professores, artesãos — pessoas cuja única “culpa” era a origem.

É provável que Henri Strijvist Majast, o destinatário, fosse um desses civis. Assim, a carta de Hans ganha nova dimensão: um prisioneiro de um regime escreve a um prisioneiro de outro. Dois homens confinados por lados opostos do mesmo medo.

Essa dupla clausura — física e simbólica — faz da correspondência um documento único. É a voz que atravessa duas censuras e dois regimes autoritários, sobrevivendo não apenas à guerra, mas à tentativa de silenciar a própria humanidade.

IV. Entre o papel e o silêncio

A caligrafia de Hans é metódica, disciplinada, sem traços de desespero. As linhas são curtas, os espaços regulares — como se o próprio gesto de escrever fosse um exercício de autocontrole. Nada é dito diretamente, e justamente por isso, tudo é dito.

A guerra impunha ao civil a arte do não dizer.

Palavras neutras substituíam sentimentos; lembranças familiares serviam de refúgio para o que não podia ser nomeado. Mesmo assim, nas entrelinhas, transparece uma ternura contida: o homem que fala de comida, de viagens e da saudade de uma carta é o mesmo que luta para manter viva uma identidade humana.

Em 1944, escrever uma carta era um ato de coragem.

Uma simples frase — “*Es mangelt an vielem*” (“Falta muita coisa”) — bastava para dizer tudo: faltava pão, faltava paz, faltava presença.

E ainda assim, ele escreve.

E ainda assim, ela chega.

V. Valor documental e simbólico

O conjunto original — duas páginas manuscritas e um envelope com duplo selo de censura — pertence ao acervo familiar de Benedicto Marcondes Godoy e de seu neto Armando Marcondes Godoy, sob curadoria de Cláudia Razzante.

Integra a *Coleção Correspondências da Segunda Guerra*, dedicada à preservação de documentos epistolares entre 1939 e 1945.

A autenticidade do material é verificável: o papel, a tinta, a caligrafia e os carimbos correspondem aos modelos postais civis do Reich de 1944, mas o valor dessa carta ultrapassa o campo documental. Ela é um testemunho humano de resistência emocional, um elo entre dois mundos em colapso.

Escrever foi o ato de Hans; ler foi o ato de Henri.

Ambos, juntos, constituem um gesto de memória.

VI. O que sobrevive

O tempo apagou a tinta, mas não a intenção. O papel carrega o tremor de quem o escreveu — não o tremor do medo, mas o da urgência. Urgência de permanecer, de não ser esquecido.

Entre selos e silêncios, essa carta prova algo que nenhuma guerra conseguiu censurar: o desejo de ser lembrado.

Hoje, ela fala de um passado em ruínas — mas também de um presente que insiste em esquecê-lo. E, enquanto houver quem a leia, Hans e Henri continuam existindo.

Porque as palavras, quando resistem, são mais fortes do que qualquer império.

Ficha técnica

Título: *Carta de Hans Schütt a Henri Strijvist Majast*

Data: 16 de maio de 1944

Origem: Nürnberg, Alemanha

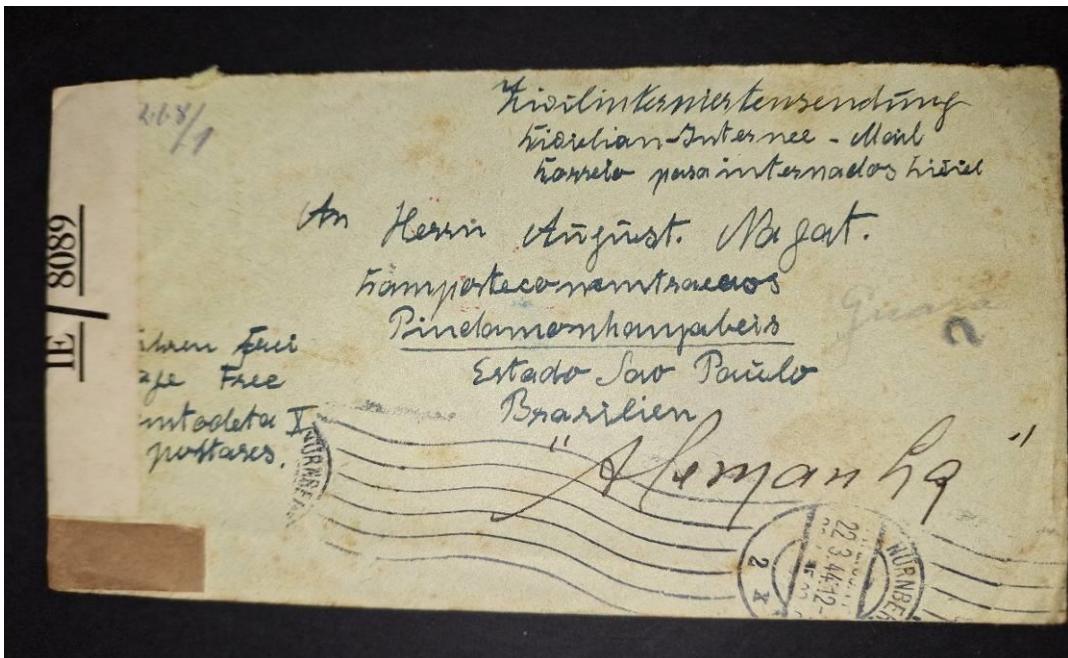
Destino: Pindamonhangaba (SP) — Campo de internamento civil

Idioma original: Alemão

Tradução, pesquisa e curadoria: Cláudia Razzante

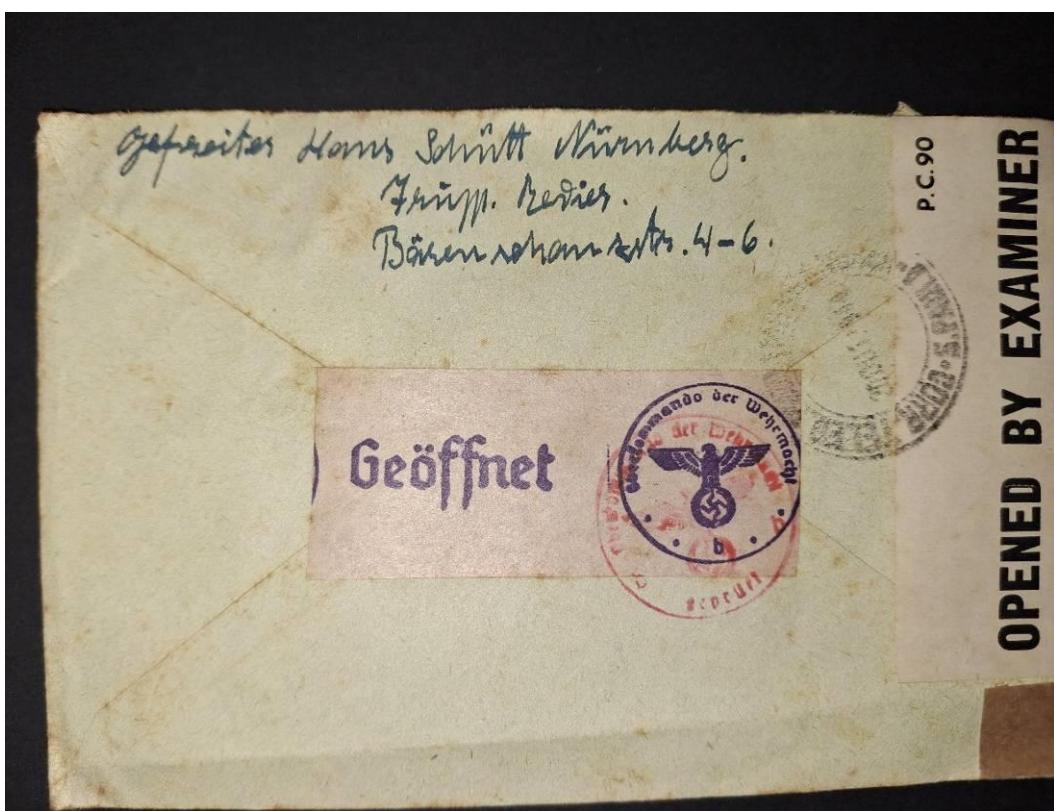
Acervo: *Coleção Correspondências da Segunda Guerra*, pertencente à família Marcondes Godoy (Benedicto, o avô, e Armando, seu neto)

Ano de compilação: 2025



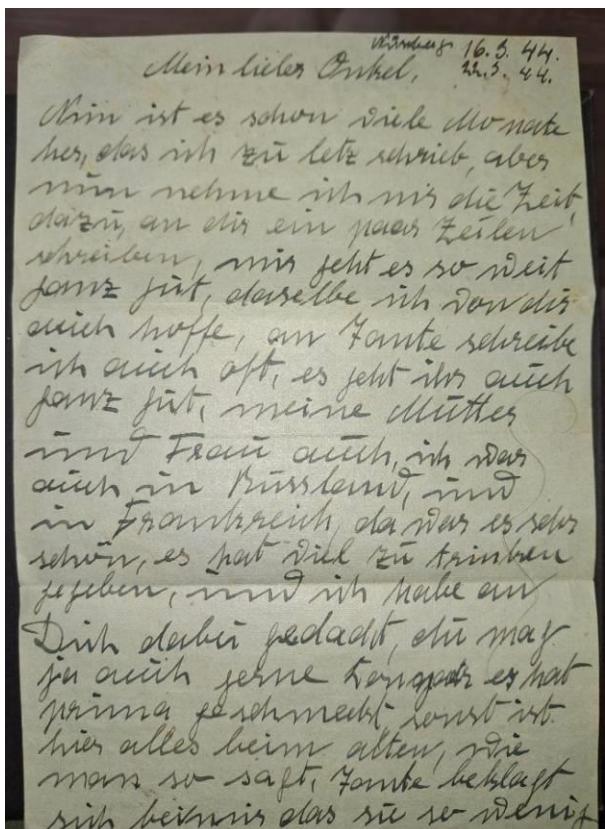
Envelope original — frente

Endereçado a Herr Henri Strijvist Majast, "Kämpfer der Internierten" (internado civil), no Sanatório de Pindamonhangaba, Estado de São Paulo.

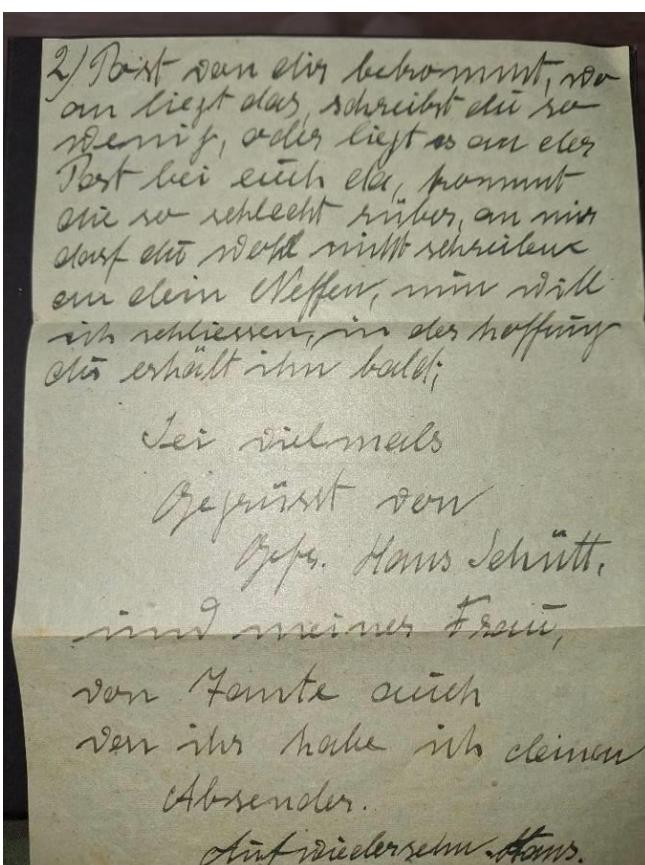


Envelope original — verso

Aqui se veem as marcas do percurso improvável: o selo de censura nazista “Geöffnet” (“Aberto”) e, sobre ele, a tarja britânica “Opened by Examiner – P.C.90”, ambas intactas.



Carta de Hans Schütt a Henri Strijvist Majast — Página 1
Nürnberg, 16 de maio de 1944



Carta de Hans Schütt a Henri Strijvist Majast — Página 2
Nürnberg, 16 de maio de 1944

FRASES FILATÉLICAS – 3

José Antonio Bittencourt Ferraz (SÓCIO Nº954)

“Frases Filatélicas”, tomo a liberdade de publicar mais 100 frases. Lembro que este trabalho surgiu da necessidade de procurar frases referentes a Filatelia para concluir o meu blogspot – <https://lorenafilatelia.blogspot.com> tendo em vista que as conhecidas já tinham acabado. Assim sendo, iniciei uma pesquisa de frases que pudessem ser adaptadas ao meu objetivo. O trabalho teve início durante a pandemia e continua até a presente data perfazendo, agora um total de 549 adaptações.

- 121– “CADA UM REFLETE O QUE VIVE. EU REFLITO UM ALBUM DE SELOS!”
- 122– “AS MELHORES COISAS SÃO AS COLEÇÕES QUE MONTAMOS, AS EXPOSIÇÕES QUE PARTICIPAMOS E OS AMIGOS QUE FIZEMOS AO LONGO DO CAMINHO!”
- 123– “LIBERDADE PARA DESENVOLVERMOS TODA TEMÁTICA QUE NOS APETECER!”
- 124– “RESPIRE, REPENSE, REAGUSTE E RECOMECE AQUELA TEMÁTICA QUE ESTAVA PARADA!”
- 125– “QUANDO ESTIVER CANSADO DA REALIDADE ABRA O SEU ALBUM DE SELOS E VIAGE!”
- 126– “E MESMO ESTANDO GRAVEMENTE DESINTERESSADO A GENTE PRECISA MANTER A ESPERANÇA DO COLECIONISMO DE SELOS!”
- 127– “EM CADA FILATELISTA DEVERIA SER COLOCADO UM CARTAZ QUE DISSESSE: TRATAR COM CUIDADO CONTÉM SONHOS!”
- 128– “A FILATELIA É A MANEIRA MAIS AGRADÁVEL DE IGNORAR A VIDA E SEUS PROBLEMAS!”
- 129– “OS SELOS SÃO MUITO PERIGOSOS, ELES FAZEM PENSAR E SONHAR!”
- 130– “EU NÃO FOLHEIO ALBUNS DE SELOS... DEVORO CONHECIMENTO E LEMBRANÇAS!”
- 131– “TUDO NESSA VIDA PASSA... MENOS A MINHA VONTADE DE TER UMA COLEÇÃO DE SELOS COMPLETA!”
- 132– “NÃO ME ENCHA A CABEÇA COM BOBAGENS, ENCHA O MEU ALBUM COM MUITOS SELOS!”
- 133– “NÃO DEIXES PARA AMANHÃ A TEMÁTICA QUE PODES DESENVOLVER HOJE!”
- 134– “HERÓIS NEM SEMPRE USAM CAPAS, OS MEUS USAM LUPAS, PINÇAS, ALBUNS E CLASSIFICADORES!”
- 135– “É FACIL DEMAIS CAIR NA LÁBIA DE UMA BOA TEMÁTICA. QUANDO MENOS VOCÊ ESPERA ELA ESTÁ DESENVOLVENDO!”
- 136– “NADA PODE SER MAIS LUXUOSO DO QUE UMA ESCRIVANINHA, UM ALBUM E MUITOS SELOS!”
- 137– “OS SELOS CONSEGUEM FAZER VOCÊ SENTIR SAUDADES DE LUGARES QUE VOCÊ NUNCA CONHECEU!”
- 138– “EU SÓ QUERO MONTAR MINHA COLEÇÃO E ESQUECER O MUNDO POR MOMENTOS!”
- 139– “A FILATELIA... DÁ-NOS AS ASAS DA IMAGINAÇÃO!”
- 140– “QUANDO QUERO VIAJAR, NÃO PRECISO DE UM AVIÃO, TREM OU CARRO. BASTA UMA ESCRIVANINHA, UMA ALBUM E MUITOS SELOS!”
- 141– “A COLEÇÃO QUE OS OLHOS VEEM, O CORAÇÃO SENTE, E A MENTE NUNCA ESQUECE!”
- 142– “A FILATELIA TORNA A ALMA JOVEM E DIMINUI A AMARGURA DA VELHICE. COLHE, POIS DA FILATELIA A SABEDORIA E ARMAZENA A SUA SUAVIDADE PARA O AMANHÃ!”
- 143– “DICAS DE EXERCÍCIOS: LEVANTE-SE, ESTIQUE-SE, ANDE UM POUCO... ABRA UM ALBUM DE SELOS E DIVIRTA-SE!”

- 144- “ORA CARREGAMOS A COLEÇÃO DE SELOS, ORA ELAS QUE NOS CARREGAM!”
- 145- “É PRECISO ESTUDAR PARA DESENVOLVER UMA TEMÁTICA!”
- 146- “LIBERDADE É POUCO! O QUE EU DESEJO AGORA JÁ TEM NOME – FILATELIA!”
- 147- “A VIDA É CURTA DEMAIS PARA PASSAR UM DIA SEM ABRIR O ALBUM DE SELOS!”
- 148- “MAIS AMOR POR SELOS, POR FAVOR!”
- 149- “VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA – A FILATELIA!”
- 150- “ALEGRIAS PARA UM COLECIONADOR: 1-GANHAR SELOS; 2-IR A UMA EXPOSIÇÃO DE SELOS;
- 3-A CHEGADA DE NOVAS EMISSÕES E 4- TEMPO PARA APRECIAR A COLEÇÃO!”
- 151- “COLECIONAR SELOS É LEVAR A ALMA PARA VIAJAR!”
- 152- “PASSE UM TEMPO COM OS FILATELISTAS, POIS NEM TUDO É ENCONTRADO NO GOOGLE!”
- 153- “A FILATELIA É UM VIRUS QUE EU PROCURO INOCULAR, PORQUE UMA VEZ INCLUSO É SAUDÁVEL!”
- 154- “A FILATELIA TRAZ A VANTAGEM DE A GENTE ESTAR SÓ E AO MESMO TEMPO ACOMPANHADO!”
- 155- “A SABEDORIA MUITAS VEZES SIGNIFIA FICAR ASSIM BEM QUIETINHO, APENAS APRECIANDO O SEU ALBUM DE SELOS!”
- 156- “NUNCA PARA DE COLECIONAR PARA NÃO PERDER O GOSTO PELA VIDA!”
- 157- “EU NÃO ME PERCO NAS COLEÇÕES DE SELOS, EU ME ENCONTRO NELAS...!”
- 158- “COLECIONAR SOMENTE UM TEMA É COMO COMER SÓ UMA BATATA FRITA!”
- 159- “QUE ESTE ANO POSSAMOS RENOVAR AS ESPERANÇAS E AUMENTAR AINDA MAIS AS NOSSAS TEMÁTICAS!”
- 160- “VOCÊ JÁ ABRIU SUA COLEÇÃO HOJE? ENTÃO NÃO PERCA TEMPO E VÁ ABRÍ-LA”
- 161- “UM ALBUM, UM CLASSIFICADOR, MUITOS SELOS, COISAS SIMPLES QUE ACALMAM A MINHA ALMA!”
- 162- “HOJE É UM LINDO DIA PARA SE PERDER OU SE ENCONTRAR DENTRO DE UM ALBUM DE SELOS!”
- 163- “A FILATELIA É A MELHOR FORMA DE ENSINO A DISTÂNCIA!”
- 164- “A FILATELIA É UMA DEFESA CONTRA A SOLIDÃO E AS OFENSAS DA VIDA!”
- 165- “TEMOS COMBUSTÍVEL PARA A ALMA - SELOS!”
- 166- “EU NÃO TENHO APENAS UM TEMA FAVORITO, EU TENHO VÁRIOS TEMAS FAVORITOS!”
- 167- “OS SELOS ANTIGOS AINDA SÃO NOVOS PARA QUEM NÃO OS CONHECEU!”
- 168- “COLECIONAR NÃO É SÓ UMA PAIXÃO, É UMA NECESSIDADE DA ALMA!”
- 169- “COLECIONAR É BEBER E COMER. O ESPÍRITO QUE NÃO COLECCIONA EMAGRECE COMO O CORPO QUE NÃO COME!”
- 170- “AS MELHORES VIAGENS QUE FIZ FOI ATRAVÉS DE UM VIRAR DE PÁGINAS DE MEU ALBUM DE SELOS!”
- 171- “ACREDITE... TEM GENTE QUE DESLIGA A T.V. E O CELULAR PARA ABRIR O SEU ALBUM DE SELOS!”
- 172- “UM ALBUM DE SELOS É COMO UMA JANELA E QUEM NÃO VÊ É COMO ALGUÉM QUE FICOU DISTANTE DELA!”
- 173- “SÓ SE VIVE UMA VEZ, ENTÃO CAPRICA NA COLEÇÃO DE SELOS!”

- 174- “A FILATELIA NOS ENSINA A HABITAR POETICAMENTE O MUNDO, NOS TORNANDO MAIS HUMANOS, SOLIDÁRIOS E TOLERANTES!”
- 175- “COLECIONAR SELOS É UMA DELÍCIA! É UM PRAZER! É UM DESCANSO MENTAL”
- 176- “ALBUNS DE SELOS NÃO SÃO SIMPLES OBJETOS, SÃO GRANDES AMIGOS E COMPANHEIROS!”
- 177- “NA FRASE: ELE É MUITO FELIZ! ONDE ESTÁ O SUJEITO? MEXENDO NO ALBUM DE SELOS!”
- 178- “COLECIONAR SELOS É MARAVILHOSO, MAS TER AMIGOS QUE TAMBÉM COLECIONAM É MELHOR AINDA!”
- 179- “A MINHA ESTANTE É IGUAL CORAÇÃO DE MÃE: SEMPRE CABE MAIS UM ALBUM DE SELOS.”
- 180- “QUANDO ESTOU CANSADO DA REALIDADE ABRO MEU ALBUM DE SELOS!”
- 181- “COLECIONAR SELOS PARA SE LIBERTAR DO MUNDO COMUM!”
- 182- “BOM DIA NOBRES FILATELISTAS, NUMISMATAS E COLECIONADORES EM GERAL!”
- 183- “UMA BOA COLEÇÃO DE SELOS PODE FAZER UM DIA RAZOÁVEL SER DEMAIS!”
- 184- “PRA MIM ESSAS PESSOAS QUE DÃO SELOS DE PRESENTE SÃO PESSOAS INTELIGENTE!”
- 185- “PESSOAS FELIZES NÃO CUIDAM DA VIDA ALHEIA... CUIDAM DAS SUAS COLEÇÕES!”
- 186- “PLANO PARA A NOITE DE HOJE: FICAR EM CASA ARRUMANDO MEU ALBUM DE SELOS!”
- 187- “SENTE EM PAZ E ABRA O SEU ALBUM DE SELOS E A SUA VIDA SERÁ BEM MELHOR!”
- 188- “PARA VOCÊ É APENAS UM SELO, PARA MIM É UMA AVENTURA!”
- 189- “POR QUE VOCÊ COLECIONA SELOS? PORQUE SOU INTELIGENTE!”
- 190- “UM COLECIONADOR DE SELOS VIVE MIL VIDAS ANTES DE MORRER. OS OUTROS, APENAS UMA VIDA!”
- 191- “VOCÊ SERÁ SEMPRE MAIS CULTO SE A SUA COLEÇÃO DE SELOS FOR MAIOR QUE O SEU GUARDAROUPIAS!”
- 192- “UMA CASA SEM UM FILATELISTA É COMO UM CORPO SEM ALMA!”
- 193- “FAÇA MAIS DAQUILO QUE TE FAZ FELIZ! EU COLECIONO SELOS!”
- 194- “SE ESTOU COM AS MINHAS COLEÇÕES NUNCA ESTOU SÓ!”
- 195- “HÁ LUGARES ONDE SÓ UMA COLEÇÃO DE SELOS PODE TE LEVAR!”
- 196- “COLECIONE MUITO SELO! A FILATELIA É O MELHOR ATALHO PARA DESENVOLVER A INTELIGÊNCIA, A PESQUISA E A ORDEM!”
- 197- “A FILATELIA CONSTITUE UM MUNDO MELHOR DENTRO DO MUNDO!”
- 198- “TENHA EM MENTE QUE NÃO IMPORTA O QUÃO LENTO OU RÁPIDO VOCÊ ESTÁ indo. PROGRESSO É PROGRESCO NA FILATELIA!”
- 199- “COLECIONAR NÃO É UM HOBBY, MAS, SIM, UM ESSTILO DE VIDA!”
- 200- “ESTUDOS APONTAM QUE: VOU PRECISAR DE MAIS VIDAS PARA MONTAR TODAS AS TEMÁTICAS QUE QUERO!”
- 201- “MEU JOGO FAVORITO CHAMA-SE: FILATELIA!”

SELOS PERSONALIZADOS : MERECEM ENTRAR NA SUA COLEÇÃO?

Marcos Antonio de Oliveira (Sócio Nº49)

“Selo personalizado é o conjunto de um selo comemorativo, impresso pela Casa da Moeda interligado, por picote, a uma vinheta em branco sem valor facial. Posteriormente as vinhetas são preenchidas por impressão efetuada pelos correios ou contratados , com imagem digitalizada fornecida pelo interessado.” (In Catálogo Enciclopédico de Selos do Brasil – Volume 3C – Pg 13- Editora RHM – São Paulo - SP). Em 2007 recebi material de divulgação dos Correios indicando a possibilidade de imprimir selos com imagens por mim fornecidas, mediante pagamento de determinada quantia. Segui as orientações, fiz fotos e encaminhei para os correios, onde contratei a impressão de uma folha com doze unidades, com o selo Ipê e Bandeira e minha foto na vinheta.



Para testar a capacidade de franquear correspondências enviei carta para meu filho, a qual foi postada e entregue no destino, cumprindo assim uma das finalidades dos selos, que é o pagamento antecipado de serviços postais.



Mas e em relação aos interesses dos filatelistas? Seriam peças filatélicas “criadas” para atender mais a interesses financeiros do que a real finalidade dos selos? Os Correios criaram então mais um mecanismo arrecadatório com a compra da impressão pelos interessados? Passaram, então, a existir uma grande quantidade de selos “anônimos”, desconhecidos dos filatelistas. Fora aqueles patrocinados por Editora e que passaram a constar do catálogo, a grande maioria dos outros são desconhecidos dos colecionadores. O meu selo mesmo: é um dos mais raros do mundo. Só eu tenho. E você o que diz? Esses selos merecem entrar na sua coleção?

A TERRA E SEUS SATÉLITES ARTIFICIAIS

Maria Cristina Comunian Ferraz (Sócio Nº1896)

Resumo

A Filatelia tem nos alertado sobre os impactos ambientais ocasionados por práticas não sustentáveis. Diversos produtos e serviços, e seus processos de elaboração e prestação, têm provocado sérios danos ao nosso planeta. Este artigo pretende destacar que, apesar dos grandes problemas causados pelo homem, resultado da utilização abusiva dos recursos naturais e do uso irresponsável dos seus saberes, esse mesmo homem pode criar ferramentas para compreender o lugar onde vive e até desenvolver ações que visem minimizar os danos causados por ele. Como exemplo, este texto apresenta alguns satélites artificiais retratados na Filatelia, que são fruto tanto do conhecimento técnico-científico acumulado ao longo de décadas como de processos eficientes de gestão.

Palavras-chave: Filatelia, Ciência, Tecnologia, Gestão Organizacional, Meio Ambiente.

1 Introdução

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (Brasil, 1988) sinaliza uma grande preocupação com o meio ambiente. De acordo com Suely Araújo, nossa mais recente Constituição foi a primeira na história brasileira a dedicar um capítulo a esse assunto:

A Constituição Federal (CF) de 1988 foi a primeira na história brasileira a dedicar um capítulo específico à questão ambiental, além de apresentar outras referências ao tema em dispositivos esparsos. Essa atenção parece decorrer do fato de os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte coincidirem com a intensificação, em nível mundial, dos debates sobre meio ambiente (Araujo, 2015, p.17)

O texto constitucional fala sobre poluição (VI, Art. 23), sobre a necessidade de preservar florestas, fauna e flora (VII, Art. 23), além de, com bastante propriedade, reconhecer o impacto ambiental de produtos e serviços (VI, Art. 170), dentre outros tópicos relacionados ao tema:

Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios:

...

VI - defesa do meio ambiente, inclusive mediante tratamento diferenciado conforme o impacto ambiental dos produtos e serviços e de seus processos de elaboração e prestação; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 42, de 19.12.2003)

Já no Art. 225 (Capítulo VI, *Do Meio Ambiente*) tem-se uma preocupação com o meio ambiente necessário a uma vida sadia para todos, invocando também a responsabilidade de todos pela sua defesa e preservação:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (Brasil, 1988)

Diante das questões apresentadas pela nossa Carta Magna, vários desafios se apresentam, dentre eles: como usar o conhecimento técnico-científico e de gestão para criar produtos e serviços que não utilizem, de forma predatória, os recursos de nosso planeta? Nas palavras de José Matos Mar (Sagasti, 1986, p. 9): “o desafio do presente é, pois, como utilizar ciência e tecnologia em proveito de bem-estar e desenvolvimento”.

A Filatelia, por sua vez, não deixou de participar dessas discussões. Selos, envelopes e outros itens filatélicos contribuíram de diferentes formas (conforme o contexto histórico, político e econômico onde estavam inseridos), levantando problemas, apresentando reflexões e até possíveis soluções. Como

exemplo, tem-se um trecho do belíssimo texto de Evandro Rodrigues de Britto, contido no Edital n. 10 de 1981, Série Proteção ao Meio Ambiente:

A sobrevivência do homem, todavia, também depende de sua intervenção na natureza para produzir os bens de que carece a civilização. Assim, vítimas de nossa própria ação, ameaçamos nossas vidas ao procurarmos salvá-las. Portanto, se temos o direito a um ambiente saudável, para que possamos viver com saúde e produzir as riquezas de que o País necessita, temos obrigação de lutar por esse meio ambiente para garantir a vida saudável de nossos descendentes, conscientes de que hoje somos vítimas e responsáveis pela degradação ambiental. (Edital n. 10, 1981)

No que tange ao conhecimento científico e tecnológico menciona que: “a degradação ambiental não é o preço inevitável do progresso, pois a ciência pôs ao alcance do homem recursos técnicos e científicos, que lhe asseguram o mesmo desenvolvimento pretendido, mas a baixo custo ecológico” (Edital n. 10, 1981). Deve-se ressaltar que cada elemento dessa Série (Figura 1) apresenta um enfoque distinto: a poluição do ar, água, solo e florestas; em cada um dos selos concebidos pela artista Maria Lucia Ramos, o Edital nos relata que “a imagem do extermínio é dividida com a imagem da vida, lançando um apelo aos próprios homens” (Edital n. 10, 1981).



Figura 1: Série Proteção do Meio Ambiente de 1981.

Envelope com selos (água, floresta, ar e solo) e carimbo do 1.º Dia de Circulação (Coleção pessoal).

Artista: Maria Lucia Tavares Ramos.

Este artigo pretende, através de itens filatélicos, reforçar a ideia de que o mesmo homem que destrói o ecossistema é capaz de usar o conhecimento que possui para criar ferramentas que contribuem para o entendimento do nosso planeta e para o uso sustentável de seus recursos.

2 Satélites artificiais e meio ambiente

De forma simplificada, satélites são objetos que giram em torno de corpos celestes devido à ação da gravidade. Se sua origem ocorreu de forma natural, sem a ação do homem, são chamados de satélites naturais (a Lua, por exemplo). Mas aqueles que são construídos e colocados em órbita pela ação do homem, são chamados de satélites artificiais (Agência Espacial Brasileira, 2023). De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2024), existem vários tipos de satélites artificiais, com diversas finalidades, destacando-se, entre eles, os satélites de comunicação, de navegação, meteorológico, militar, exploração do universo, observação da Terra.

O Programa **TIROS** (Television Infrared Observation Satellite), por exemplo, foi o primeiro experimento da NASA para verificar se os satélites poderiam ser utilizados para estudar a Terra (NASA, TIROS, s.d.), no que tange a questões meteorológicas. Na Figura 2 temos um exemplo desse programa, o TIROS 6, lançado em 18 de setembro de 1962, do Cabo Canaveral na Flórida (Estados Unidos).

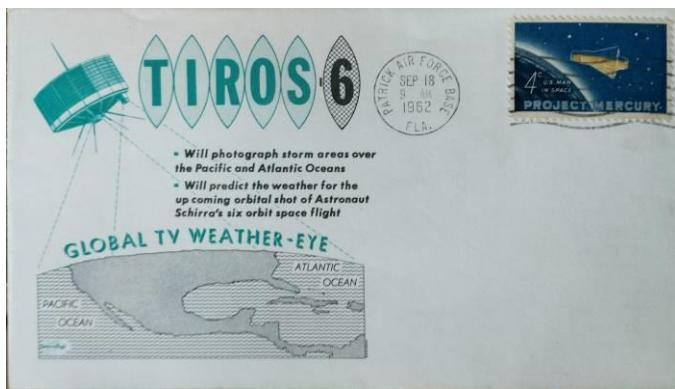


Figura 2: Envelope - Tiros 6 – com carimbo da Patrick Air Force Base,
18 de setembro de 1962 (Coleção pessoal)

Outro exemplo de satélite artificial utilizado basicamente para o mesmo fim é o **ESSA 8**, lançado pela NASA em 15 de dezembro de 1968 da Vandenberg Air Force Base (Figura 3). O Programa Environmental Science Services Administration (ESSA) foi um complemento ao Programa TIROS. Devido ao aprimoramento técnico dos equipamentos, as informações enviadas pelo satélite permitiram a previsão de padrões climáticos, inclusive furacões (NASA, ESSA, s.d.).

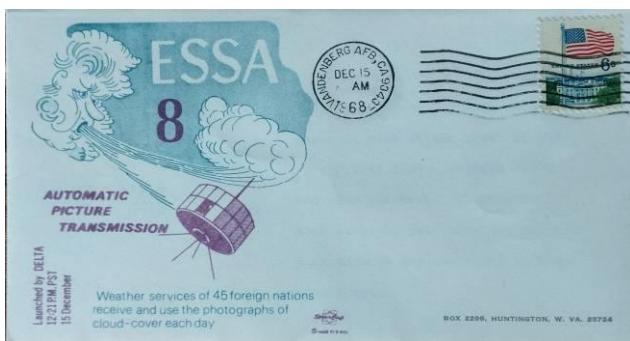


Figura 3: Envelope - ESSA-8, com carimbo da Vandenberg AFB, 15 de dezembro de 1968 (Coleção pessoal)

Na década de 70, mais precisamente em 1973, a Série Ciências mostrava três selos (Figura 4): INPE (Sensoriamento Remoto), Escola Federal de Engenharia de Itajubá (60 anos) e Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). O selo referente ao INPE (Edital Série Ciências, 1973) apresenta uma ilustração que representa uma imagem multi-espectral (MSS) obtida pelo satélite ERTS-1, que corresponde a uma parte da região amazônica. Além disso, de acordo com o texto de Fernando de Mendonça, contido no Edital:

Fazendo-se a combinação dos diferentes canais do MSS pode-se produzir imagens em falsa cor as quais nos permitem melhor caracterização dos detalhes da região, tais como: mapeamento, sistemas de drenagem, estradas em construção, características geológicas, diferentes aspectos de vegetação nativa, etc. (Edital Série Ciências, 1973).

No que tange ao satélite ERTS-1 (Earth Resources Technology), o Projeto Sensoriamento Remoto (SeRe) era uma parceria entre o INPE e a NASA. O objetivo da NASA, que incluiu o sensor Multispectral Scanner System (MSS) no satélite, era “mapear e entender o processo de formação de estrutura geológica da Lua a partir de feições semelhantes identificadas na superfície terrestre por sensores aerotransportados e a bordo de satélites” (Novo, 2022, p.56). De acordo com o Edital Série Ciências (1973), o sensoriamento remoto foi utilizado para o levantamento de recursos naturais ligados à hidrologia, mineralogia, agricultura, oceanografia, poluição, urbanismo, dentre outros.



Figura 4: Série Ciências. Envelope, selos e carimbo do 1.º Dia de Circulação, 1973 (Coleção pessoal).

Artista: Gian Calvi

Em 1999, uma emissão especial dos correios trouxe o Programa de Avaliação do Potencial Sustentável de Recursos Vivos na Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE) e Pró-Arquipélago através de uma belíssima sextilha (Figura 5). No Edital tem-se uma breve explicação sobre o programa:

O Programa é essencial para que o nosso País possa garantir os seus direitos de soberania para fins de exploração e aproveitamento, conservação e gestão, dentro da ética do uso sustentável do mar, dos recursos vivos da zona ZEE, que se estende até 200 milhas náuticas (370 km) da costa, incluindo também as áreas marítimas em torno de nossas ilhas oceânicas, abrangendo uma extensão geográfica de cerca de 3,5 milhões de quilômetros quadrados. (Edital n. 2, 1999)



Figura 5: Sextilha com o carimbo do 1.º Dia de Circulação, 1999 (Coleção pessoal).

Artista: Mauro Campello

A concepção dessa sextilha partiu das principais metas do programa que são: prospecção pesqueira, pesquisas oceanográficas, estudos de topografia e fauna marinhas, readequação e aparelhamento de embarcações de estudo e capacitação e treinamento de recursos humanos (Edital n. 2 de 1999). Na Figura 5, portanto, além de outros elementos que traduzem esse programa, encontramos a imagem de um satélite de rastreamento científico de dados.

Já em 2004, o Satélite **CBERS-2** aparece em uma publicação filatélica (Figura 6). No Edital n. 15 de 2004 tem-se um texto de Eduardo Campos que apresenta a descrição resumida de uma parceria bem-sucedida entre Brasil e China no que tange à tecnologia de sensoriamento remoto:

Em 1988, o Brasil e a China assinaram um programa de cooperação para desenvolver dois satélites de observação da Terra. Combinando recursos financeiros e especialistas dos dois países, estabeleceram um sistema completo de sensoriamento remoto competitivo e compatível com o cenário internacional atual. O programa CBERS - Satélites Sino-Brasileiros de Recursos Terrestres – é um modelo de cooperação e intercâmbio entre países em desenvolvimento, representando um marco entre o Brasil e a China. Com isso o Brasil passou a fazer parte do grupo de países detentores de tecnologia de sensoriamento remoto. (Edital n. 15, 2004)



Figura 6: Emissão Especial: Selo Satélite CBERS-2, 2004 (Coleção pessoal). Artista: Márcia Mattos.

As imagens transmitidas pelo CBERS-2, lançado em 21 de outubro de 2003, foram importantes para a agricultura, ciência florestal, conservação de águas, uso de terras, investigação de recursos naturais e ambientais, cartografia, geologia, dentre outras áreas (Edital n. 15, 2004).

3 Considerações finais

Este artigo apresentou uma pequena amostra da produção filatélica relacionada aos satélites artificiais que nos auxiliam a compreender e cuidar do nosso planeta. Teve como objetivo mostrar que, apesar do homem ser um dos maiores responsáveis, e muitas vezes o único, pela devastação do ecossistema, ele também é capaz de criar ferramentas para entender melhor o lugar onde habita e reparar danos que ele próprio causou.

O conhecimento técnico-científico, fruto do trabalho de muitas e muitas gerações (valorizado por muitos, banalizado e desprezado por alguns e temido por outros), aliado ao entendimento do que é uma gestão organizacional eficiente e responsável, apresentam ao homem um grande desafio: como fazer bom uso desses saberes?

No que tange às ciências aplicadas, temos algumas palavras de C. P. Snow para nos esclarecer sobre esse ponto:

Uma coisa é fugir aos perigos da ciência aplicada. Outra, mais difícil, mais exigente em termos de qualidades humanas e a longo prazo muito mais enriquecedora para todos nós, é fazer o bem simples e manifesto que a ciência aplicada colocou em nosso poder. Requererá energia, autoconhecimento, novas habilidades.” (Snow, 1995, p. 127)

Já com relação às organizações, deixo uma questão para reflexão: como a Filatelia pode reforçar ainda mais a necessidade de termos instituições éticas, justas, transparentes, responsáveis, comprometidas com o meio ambiente e com o bem-estar de todos, inclusive das futuras gerações?

4 Referências

Agência Espacial Brasileira. Satélites, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aeb/pt-br/acoes-e-programas/aplicacoes-espaciais/satelites> Acesso em: 15/10/2025.

Araújo, Suely Mara Vaz Guimarães de. Meio ambiente e Constituição Federal. In: Ganem, Roseli Senna (org.). Legislação Brasileira sobre Meio Ambiente: fundamentos constitucionais e legais. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRASIL, Constituição Federal (1988). Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitucional.htm Acesso em: 15/10/2025.

INPE, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2024. Quais os tipos de satélite artificiais que existem? Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/principais-produtos-e-servicos-do-inpe/satelites/quais-os-tipos-de-satelite> Acesso em: 14/10/2025.

NASA. ESSA, [s.d.]. Disponível em: <https://science.nasa.gov/mission/essa/> Acesso em: 14/10/2025.

NASA. TIROS. [s.d.] . Disponível em: <https://science.nasa.gov/mission/tiros> Acesso em: 15/10/2025.

Novo, Evelyn Márcia Leão de Moraes. Uma pioneira entre satélites. Revista Ciência Hoje, Edição 393, nov. 2022.

Sagasti, Francisco R. Tecnologia, Planejamento e Desenvolvimento Autônomo. São Paulo: Perspectiva, 1986.

Snow, C. P. As duas culturas e uma segunda leitura: São Paulo: EdUSP, 1995.

5 Editais consultados

Edital 1973. Série Ciências. Disponível em:

https://apps.correios.com.br/acervo/index.asp?codigo_item=7203 Acesso em: 14/10/2025

Edital n. 10 de 1981. Série Proteção ao Meio Ambiente. Disponível em:

https://apps.correios.com.br/acervo/index.asp?codigo_item=7512 Acesso em: 14/10/2025

Edital n. 2 de 1999. Programa REVIZEE e Pró-Arquipélago. Disponível em:

https://apps.correios.com.br/acervo/index.asp?codigo_item=10276 Acesso em 14/10/202

Edital n. 15, 2004. Satélite CBERS-2. Disponível em:

https://apps.correios.com.br/acervo/index.asp?codigo_item=10541 Acesso em: 14/10/2025

Sobre a autora

Maria Cristina Comunian Ferraz é Doutora em Física Aplicada, Especialista em Administração e Análise de Negócios, com atuação voltada à pesquisa e à divulgação científica nas áreas de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e Administração. (e-mail: y pemflor@gmail.com)



EU ERA ASSIM, MAS MUDEI BASTANTE

Peter Meyer (SÓCIO Nº68)

A lavagem química dos selos numerais do Brasil Império é uma prática fraudulenta que, infelizmente, ainda causa grandes prejuízos a colecionadores sérios.

Essas manipulações, feitas para transformar selos obliterados em supostos exemplares novos, ferem não apenas o valor material das peças, mas também a **integridade histórica da filatelia**.

Lembro-me de um episódio marcante, contado por **R.H.M.** em pessoa.

Certo dia, ele entrou inadvertidamente em uma sala e presenciou algo estarrecedor: **uma pessoa adulterando um selo de alto valor**.

Perplexo, pediu desculpas e se retirou.

Essa cena nunca saiu da minha mente — a filatelia, às vezes, revela surpresas que preferiríamos não presenciar.

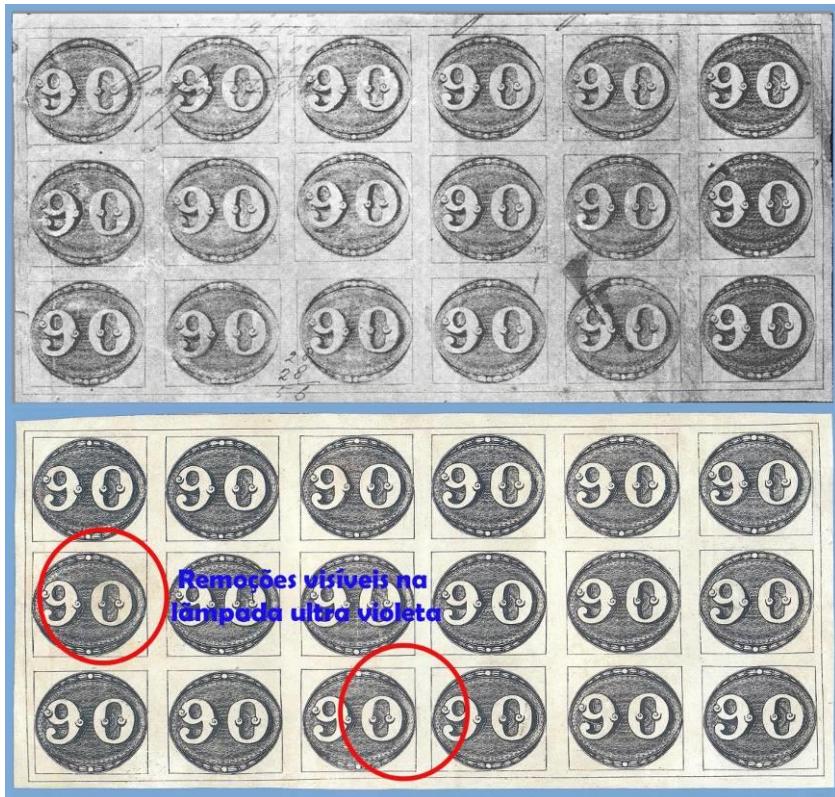
Anos mais tarde, vivi uma experiência igualmente desconcertante.

Viajei ao exterior para adquirir uma peça para um cliente especial.

Durante o leilão, folheando o catálogo, deparei-me com algo inesperado: um segundo **bloco de 18 selos de 90 réis “Olho-de-Boi”**, descrito como **novo**.

Sabendo o que sabia, tive de permanecer em silêncio.

A disputa foi acirrada, e a peça acabou vendida por uma soma considerável.



SÃO DUAS PEÇAS DIFERENTES, MAS A SEGUNDA FOI LAVADA PARA A REMOÇÃO DAS LEVES OBLITERAÇÕES MANUSCRITAS

Infelizmente, casos assim ainda ocorrem.

Nem sempre há coragem para contestar, especialmente quando se trata de peças de origem sul-americana.

Mas é lamentável — porque cada fraude dessa natureza **não engana apenas o colecionador**, mas também **fere a própria história postal do Brasil**.

PRIMÓRDIOS DO SERVIÇO POSTAL AÉREO NA AMÉRICA DO SUL

ULRICH SCHIERZ (SÓCIO Nº870)

O transporte aéreo de passageiro, e decorrente o transporte de correspondências, na América do Sul teve seu início em 1919 com a fundação de uma companhia aérea na Colômbia, a SCADTA – Sociedad Colombo Alemana de Transportes Aereos. As operações iniciaram em 1922 com o voo entre Barranquilla, Girardot e Neiva.

O avião utilizado era um Junkers F 13 fabricado pela Junkers Luftwerke AG da Alemanha. Foi o primeiro avião fabricado com estrutura e fuselagem metálica para dois tripulantes e quatro passageiros. Monomotor, utilizou inicialmente um motor Mercedes DIIIa e depois BMW IIIa. Havia as opções com rodas para pouso em terra ou flutuadores para pousos na água.



Já com vistas ao transporte aéreo de correspondências. Os Correos Nacionales de Colômbia emitiram os primeiros selos postais para atender esta nova modalidade de prestação de serviços. A SCADTA também operou voos internacionais para o Panamá e a Venezuela. Estes países igualmente emitiram selos para prestarem o serviço de correio aéreo.



Em 1930 a Pan American Airlines americana adquiriu 84 % do capital da SCADTA e já em 1931 ocorre o primeiro voo entre Bogotá e Nova York. A SCADTA havia adquirido dois hidroaviões Dornier Wal para serem incorporados em sua frota, mas, antes de receber os houve a fusão com a Pan American, que utilizava aeronaves de fabricação americana, e os hidroaviões acabaram de ser adquiridos por uma empresa aérea brasileira sobre a qual falaremos mais à frente.



Estes hidroaviões, que deveriam também cruzar o Oceano Atlântico para a Europa, não tinham autonomia para essas distâncias, necessitavam reabastecer. Isto ocorria através de um navio, estacionado no oceano, que dispunha de uma plataforma-catapulta e assim permitia abastecimento e uma nova decolagem rápida e segura.

Em 5 de maio de 1924 foi fundado em Berlim o “Condor Syndikat” (Sindicato Condor). Eram sócios o Deutscher Aero Lloyd, a empresa Schlubach Theimer de Hamburgo e austríaco Peter Paul von Bauer. Tinha como objetivo a comercialização de aviões e material técnico para o ramo aeronáutico com foco na América Latina. Peter Paul von Bauer havia sido um dos fundadores da SCADTA. O Sindicato Condor adquiriu dois aviões Dornier DO 16 “Wal”, chamados de Atlântico e Pacífico; alugados para a SCADTA, os quais, entretanto, não chegaram a operar a rota prevista Bogotá-Nova York. A aeronave Atlântico retornou (de navio) para a Alemanha.



A aeronave havia sido financiada pela Deutsche Lufthansa. Este avião, operado pelo Condor Syndikat, fez seu voo inaugural da Alemanha para o Uruguai de onde foi transferido para Buenos Aires. O piloto foi o fundador do sindicato Fritz Hammer. No dia 19 de novembro de 1926 partiu de lá, fez escala em Rio Grande no Rio Grande do Sul e seguiu para o Rio de Janeiro chegando em 27 de novembro.

No dia 27 de janeiro de 1927 o então Ministro dos Transportes Vitor Konder, com o Aviso 60/G, concedeu a concessão para o Condor Syndikat prestar o serviço de transporte aéreo, ida e volta, partindo do Rio de Janeiro para Rio Grande com escalas em Santos/SP, Paranaguá/PR, São Francisco/SC, Florianópolis/SC e Porto Alegre/RS. O próprio ministro estava a bordo desse primeiro voo. Também viajou o ex-oficial da Força Aérea Alemã Otto-Ernst Meyer Lebastille que viria fundar a Viação Aérea Rio-Grandense – VARIG. O Condor Syndikat participaria dessa empresa com 21% do capital. O hidroavião passou como propriedade da VARIG em 16 de



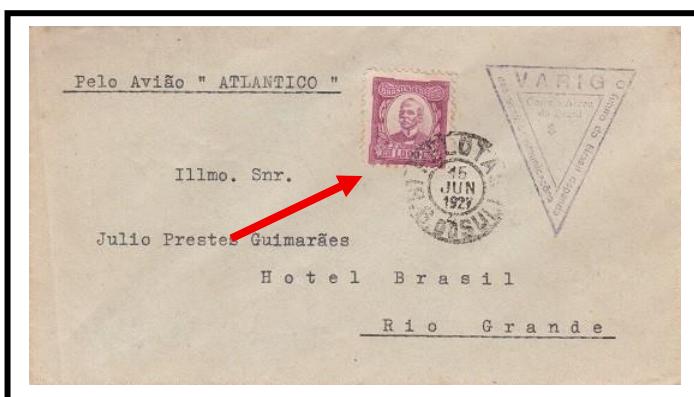
Otto-Ernst Meyer



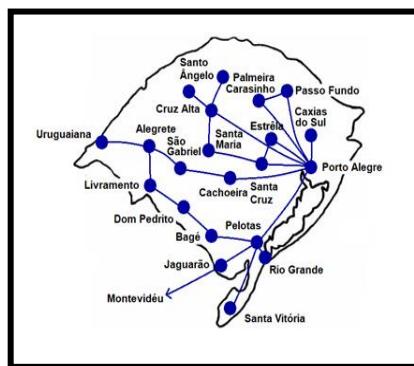
De imediato o serviço aéreo foi estendido para o transporte de cartas e pequenas encomendas. Era cobrada uma taxa, adicional ao porte habitual, por esse serviço. Inicialmente o Condor Syndikat aplicava um carimbo para indicar a prestação do mesmo, mas já em 8 de novembro de 1927 passou a emitir seus próprios selos cobrindo a taxa adicional para o correio aéreo.



Em 10 de agosto de 1928 foi fundada a ETA Empresa de Transportes Aéreos Ltda. no Rio de Janeiro com o objetivo de realizar o transporte de passageiros e correspondências entre a capital e Campos dos Goitacazes/RJ, Vitória/ES e São Paulo/SP. Também essa empresa emitiu seus primeiros próprios selos para custear o serviço em 17 de junho de 1929. Por fim, a VARIG iniciou o transporte de correspondências, num primeiro momento também com um carimbo, em seguida utilizando selos do Condor Syndikat com sobrecarga e em 27 de abril de 1931 com seu próprio desenho.

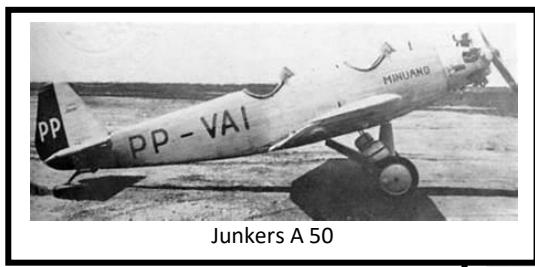


O Condor Syndikat na Alemanha encerrou atividades em 1º de julho de 1927 e absorvido pela Deutsche Lufthansa AG. Entretanto, continuou a operar no Brasil com uma aeronave Junkers G 24, chamado de Ypiranga e dois Dornier J 16 "Wal", batizados respectivamente de Santos Dumont e Bartolomeu de Gusmão. O Condor Syndikat, com seus hidroaviões, logo expandiu sua rota também para o norte chegando a Salvador na Bahia e Natal no Rio Grande do Norte. Já a VARIG inicialmente deu prioridade para voos regionais dentro do Estado do Rio Grande do Sul a partir de Porto Alegre. Sua primeira rota internacional foi para Montevideo.



A VARIG iniciou sua frota com o Dornier J 16 "Wal" Atlântico com capacidade para 2 tripulantes e 9 passageiros. Em 1930 adquiriu seu primeiro avião com trem de pouso de rodas, primeiro um Junkers A 50, para piloto e 1 passageiro e em seguida um Junkers J 13 para 4 passageiros.

O Condor Syndikat com o início da Segunda Guerra teve seu controle acionário transferido dos alemães para brasileiros e passou a se chamar Serviços Aéreos Condor Ltda. Sua frota, entre aviões Focke Wulf e Junkers em 1942 contava com 19 aeronaves. A de maior capacidade para passageiros foi o Junkers Ju 52 que transportava até 17 passageiros. Em 16 de janeiro de 1943 mudou novamente sua razão social para Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda. Seus últimos selos foram emitidos em 10 de setembro de 1930.



Junkers A 50



Junkers Ju 52

Em 1935 a VARIG possuía uma frota de 5 aviões, em 1945 8 aviões, entre eles os Junkers Ju 46, Junkers Ju 52/3 e Junkers W 34. Em 1946 incorporou 5 Douglas DC 3 e 6 Lockheed Electra I, contando a frota um total de 14 aeronaves. Os últimos selos para a prestação do serviço de transporte de correspondências foram emitidos em 16 de junho de 1934.



Lockheed Electra I e ao fundo Douglas DC 3

Em 1928 inicia uma terceira rota de transporte aéreo de passageiros e correspondências. Fabricado pela Luftschiffbau-Zeppelin GmbH o Zeppelin LZ 127 transporta os primeiros passageiros entre a Alemanha e os Estados Unidos num voo que durou 112 horas. Com a mesma aeronave ocorre em 22 de maio de 1930 o primeiro pouso no Brasil, no Campo de Jiquiá em Recife/PB.



Na filatelia tanto selos como envelopes e cartões carimbados permitem uma coleção temática bastante interessante. E não estamos falando das emissões por países que sequer foram visitados por essas aeronaves. Basta aqueles que fizeram parte das diversas rotas percorridas com distintos dirigíveis Zeppelin. Cabe mencionar aqui Argentina, Estados Unidos e Brasil, todas as emissões de 1930.



E, naturalmente a Alemanha emitiu selos comemorativos para uso em correspondências transportadas pelos dirigíveis bem como duas emissões com os mesmos selos, mas sobreimpressos, comemorando dois eventos importantes. O primeiro em 1930 para a rota América do Sul e o segundo para a rota América do Norte cruzando a calota do Ártico.



Muito procurados para as coleções temáticas sobre as viagens e transporte de correspondências por esse serviço são envelopes e cartões postais que trazem carimbos que comprovem ter sido a correspondência transportada pelos Zeppelins, principalmente das viagens para a América do Norte e América do Sul. A primeira viagem para a América do Sul ocorreu com o Zeppelin LZ 127; já a segunda e a mais marcante foi com o Zeppelin LZ 129 "Hindenburg".

Há inúmeras cartas e correspondências que estão carimbadas com os indicativos de terem sido transportados pelos Zeppelins.



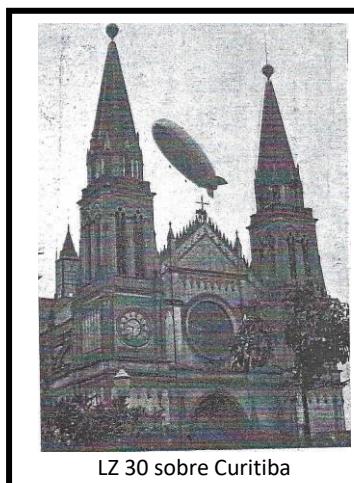
Brasil para Espanha



Nova York via Friedrichshafen e Lakehurst

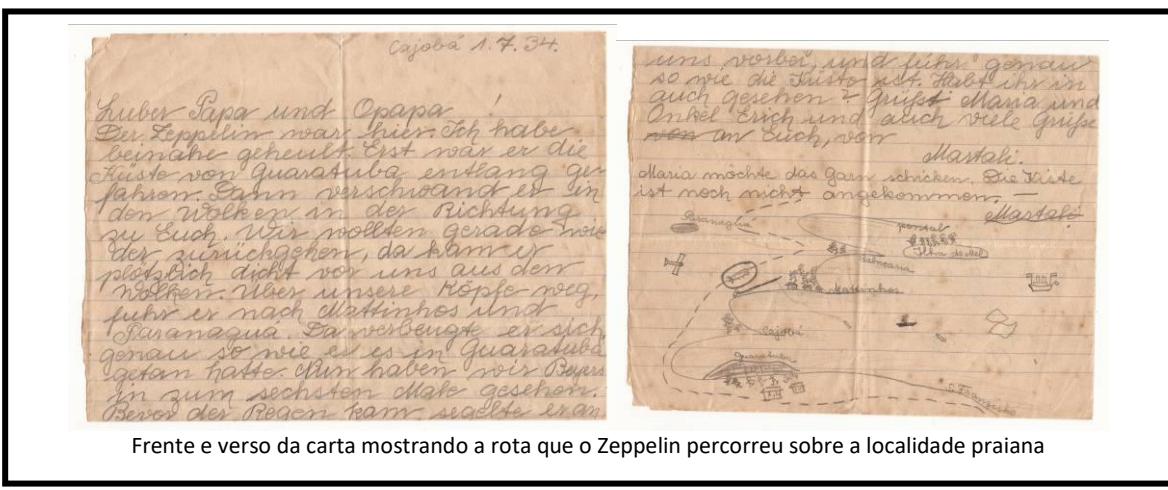


De Lichtenstein para USA via Lakehurst



LZ 30 sobre Curitiba

Em uma das viagens o dirigível, vindo da Argentina, voou ao longo da costa brasileira e sobrevoou algumas cidades. Era janeiro e havia férias escolares. A mãe e a tia do autor dessa matéria puderam observar a passagem pelo litoral paranaense e, entusiasmadas, escreveram para o avô em Curitiba detalhando o que viram. A seguir uma dessas cartas.



Frente e verso da carta mostrando a rota que o Zeppelin percorreu sobre a localidade praiana

A seguir a tradução do conteúdo dessa carta. A autora, quando a escreveu tinha 13 anos.

“Queridos papai e vovô. O Zeppelin esteve aqui. Eu quase chorei. Primeiro ele acompanhou a costa de Guaratuba. Então ele desapareceu nas nuvens em direção de vocês [Curitiba]. Nós já estávamos quase voltando quando então ele apareceu bem perto de nós entre as nuvens. Por cima de nossas cabeças ele voou em direção a Matinhos e Paranaguá. Então ele se inclinou para frente como fez sobre Guaratuba. Então o vimos ao todo por seis vezes. Antes que começou a chover e voou ao longo da costa. Vocês também o viram? Deem um abraço na Maria e no Tio Erich e também para vocês de Marthali”.

A base operacional dos Zeppelins para a América do Sul estava localizada na Base Aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Ali foi erguido um hangar para abrigar a aeronave enquanto permanecia em solo. Após nove viagens, 5 com o Zeppelin LZ 127 e 4 com o Zeppelin LZ 129, em 1937 foram encerrados os voos com os Zeppelin.



Desses faleceram 13 passageiros, 22 tripulantes e 1 atendente de solo da estação. O dirigível foi totalmente destruído.

A administração do recebimento e encaminhamento de correspondências tanto nacionais como internacionais e pelas aeronaves do Condor Syndikat bem como para os Zeppelin era do próprio sindicato.

Em 6 de maio de 1937 o Zeppelin LZ 129 “Hindenburg” ao se preparar para decolar em Lakehurst nos Estados Unidos, se acidentou e o gás hidrogênio, inflamável, destruiu o dirigível. Esse acidente marcou o fim da era dos Zeppelins e suas viagens. Na cabine havia 97 pessoas, 36 passageiros e 61 tripulantes.



CORREIO AÉREO PARA OS PAÍSES DA		AMÉRICA DO SUL E EUROPA						
		TARIFA POSTAL AÉREA						
DO	BRASIL	BRASIL		URUG.	PARAG.	BOLIVIA	HES-	EURO-
PARA		Estadual	Interest.	ARGEN.	CHILE	PERU	PANHA	PA
• CARTAS OU CARTÕES POSTAIS	5 gr.	\$700	\$1000	\$1200	\$1600	\$2200	\$3700	\$4200
ENCOMEN. IMPRESSIONES AMOSTRAS	25 gr.	\$700	\$1000	\$1200	\$1600	\$2200	\$3700	\$4200
TAXAS DE REGISTRO		\$800	\$800	\$800	\$800	\$800	\$800	\$1400

CONVÊNIOS PARA DESCONTOS EM LOJAS FILATÉLICAS

CLICK NA LOGO PARA ACESSAR O SITE, E AO COMPRAR MOSTRE SUA CARTEIRA DE SÓCIO:



Nossos PARCEIROS

Click na Logo para acessar o site ou página no Facebook:



Visite nossas Redes Sociais e se inscreva



Revista Eletrônica



DA FILABRAS - EDIÇÕES ANTERIORES

CLICK NA CAPA PARA LER E BAIXAR A REVISTA



Nº35



Nº34



Nº33



Nº32



Nº31



Nº30



Nº29



Nº28



Nº27



Nº26



Nº25



Nº24



Nº23



Nº22



Nº21



Nº20



Nº19



Nº18



Nº17



Nº16



Nº15



Nº14



Nº13



Nº12



Nº11



Nº10



Nº9



Nº8



Nº7



Nº6



Nº5



Nº4



Nº3



Nº2



Nº1